

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PSICOLINGUÍSTICA: AQUISIÇÃO E PROCESSAMENTO DA LINGUAGEM

GISELE IANDRA PESSINI ANATER

**AS MARCAÇÕES LINGUÍSTICAS NÃO-MANUAIS NA AQUISIÇÃO DA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB): UM ESTUDO DE CASO
LONGITUDINAL**

Florianópolis (SC)
2009

GISELE IANDRA PESSINI ANATER

**AS MARCAÇÕES LINGUÍSTICAS NÃO-MANUAIS NA AQUISIÇÃO DA
LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB): UM ESTUDO DE CASO
LONGITUDINAL**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Linguística. Área de Concentração: Psicolinguística: Aquisição e Processamento da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Ronice Müller de Quadros.

Florianópolis, junho de 2009

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

Gisele Iandra Pessini Anater

Esta dissertação, intitulada: AS MARCAÇÕES LINGUÍSTICAS NÃO-MANUAIS NA AQUISIÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA (LSB): UM ESTUDO DE CASO LONGITUDINAL, foi julgada adequada para a obtenção do grau de MESTRE EM LINGUÍSTICA – área de concentração “Psicolinguística: Aquisição e Processamento da Linguagem” – e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Profª Dra. Rosângela Hammes Rodrigues
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística

Banca Examinadora:

Profª Dra. Ronice Müller de Quadros – UFSC
Presidente e Orientadora

Profª Dra. Elaine Bicudo Grolla – USP
Membro

Profª Dra. Leonor Scliar-Cabral – UFSC
Membro

Prfª Dra. Marianne Rossi Stumpf – USFC
Suplente

Florianópolis, 25 de junho de 2009.

DEDICATÓRIA

*A minha “pãe”, aos que amo e
aos amigos surdos e não-surdos.*

AGRADECIMENTOS

A DEUS...

Por ter me dado a chance de existir e de poder optar pelos caminhos a seguir.

Por me dar o privilégio de ser sua filha, Mãe, e de ter ao meu lado uma pessoa íntegra e generosa, meu noivo Bento.

Por ser minha Luz nos momentos de escuridão e Fé nas horas da indecisão.

Pelo carinho daqueles que se aproximaram de mim e permanecem comigo e daqueles que um dia bem perto estiveram.

Pelas amizades sinceras que conquistei desde o início da minha formação acadêmica e pela existência daqueles que antes disso eu já podia chamar de AMIGOS.

Pela oportunidade de fazer a diferença, sempre mantendo minha integridade e o respeito ao outro.

Agradeço também à professora Dra. Ronice Müller de Quadros pela oportunidade que me foi concedida de fazer parte da trajetória das pesquisas acerca das línguas de sinais, sobretudo através de momentos de discussão em sala de aula onde pude conhecer algumas referências em estudos nessa área, como Diane Lillo-Martin, Deborah Chen Pichler e Josep Quer.

Aos amigos Tradutores e Intérpretes de língua de sinais da UFSC, mestrandos e doutorandos surdos e não-surdos, aos quais devo parte do conhecimento que adquiri para o meu crescimento profissional e intelectual.

Aos que foram meus professores e me possibilitaram dar passos adiante e a VER um novo mundo.

Àqueles que prontamente colaboraram desde o início com suas habilidades indispensáveis à realização desta pesquisa. Especialmente, sou grata aos colegas bolsistas do curso de Design desta Universidade, em particular ao Lucas e a Maraysa.

Não posso deixar de expressar minha gratidão também a Tarcísio Leite, a Aline Lemos Pizzio e aos demais colegas do grupo de pesquisa de aquisição da linguagem da

UFSC, que prontamente me ajudaram a sanar dúvidas, sobretudo acerca do sistema de transcrição ELAN.

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pela bolsa que me foi concedida durante dezessete meses de curso. Também às professoras Dra. Leonor Scliar-Cabral (UFSC) e Dra. Elaine Grolla (USP) pelas suas contribuições como banca avaliadora do meu trabalho.

Muito Obrigada!

Sê

*Se não puderes ser um pinheiro, no topo de uma colina,
Sê um arbusto no vale, mas sê
O melhor arbusto à margem do regato.
Sê um ramo, se não puderes ser uma árvore.
Se não puderes ser um ramo, sê um pouco de relva
E dá alegria a algum caminho.*

*Se não puderes ser uma estrada,
Sê apenas uma senda,
Se não puderes ser o Sol, sê uma estrela.
Não é pelo tamanho que terás êxito ou fracasso...
Mas sê o melhor no que quer que sejas.*

(Pablo Neruda)

RESUMO

Esta dissertação objetiva realizar um estudo acerca das marcações não-manuais na aquisição da Língua de Sinais Brasileira – LSB – por uma criança surda filha de surdos, o menino Léo. Para isso tomamos como base a Teoria Gerativa, esta que em meados dos anos 50 do século XX ressurgiu com a gramática gerativa. A partir de alguns autores como Bahan (1996), Pichler (2001), Reilly (2006), Pizzio (2006) e Pfau e Quer (no prelo), traçamos um panorama acerca das pesquisas que abordam as línguas de sinais e que trazem algumas reflexões e análises sobre os não-manuais, sobretudo na *American Sign Language* - ASL - e na LSB. As expressões não-manuais apresentam duas funções básicas nas línguas de sinais, que são: marcar construções sintáticas e fazer a diferenciação de itens lexicais (QUADROS & KARNOPP, 2004), além de apresentarem o papel de marcar afetividade. Elas devem aparecer em construções sintáticas do tipo tópico e foco, em sentenças interrogativas sim-não ou interrogativas – QU. Ao verificarmos as ocorrências dos enunciados da criança nos dados analisados pudemos verificar que ela realiza os marcadores não-manuais com função gramatical, porém, ainda que os aplique a algumas construções de maneira adequada, em outras ela os utiliza de maneira irregular. Além disso, também foi possível verificar situações de variação e indeterminação dos não-manuais a serem utilizados. Dentre as manifestações não-manuais identificamos as marcas entoacionais como um dos principais elementos adquiridos, o que pode ser observado nos comportamentos das sobancelhas que normalmente aparecem associadas a um sinal manual e ao direcionamento do olhar. Trouxemos como norte de nossa pesquisa um tema extremamente recente, sobre o qual ainda não há muitos trabalhos, sobretudo em aquisição da linguagem. Trabalhamos com um sistema de transcrição bastante complexo – ELAN - EUDICO Anotador Lingüístico –, utilizado por poucos pesquisadores, ainda que seja atualmente o mais adequado às pesquisas sobre línguas de sinais.

Palavras-chave: Língua de Sinais Brasileira; Não-manuais; Aquisição da Linguagem.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to study the role of non-manual markers in the acquisition of Brazilian Sign Language (BSL), for a deaf boy with deaf parents – Leo. We used Generative Theory as a foundation, which arose in the mid 1950s with generative grammar. Based on authors such as Bahan (1996), Pichler (2001), Reilly (2006), Pizzio (2006) and Pfau & Quer (to be published) we conduct an overview of research about sign languages and offer some reflections and analyses about non-manuals, above all in American Sign Language (ASL) and BSL. The non-manual expressions present two basic functions in sign languages, which are: to mark syntactic constructions and make a distinction between lexical items (QUADROS & KARNOPP, 2004), in addition to presenting the role of marking emotion. They must appear in syntactic construction of topical and focus types, in interrogative Yes-No sentences or WH-questions. Upon verifying the occurrences of the statements by the child in the data analyzed, we found that he uses the non-manual functions with a grammatical function. However, although he applies these and other constructions in a suitable manner, he uses others irregularly. It was also possible to identify situations of variation and uncertainty about the non-manuals to be used. The non-manual manifestations identified include intonational marks as one of the principal elements acquired, which can be observed in the behavior of the eyebrows, which normally appear associated to a manual sign and eye gaze. Our research was guided by an extremely recent issue, about which there are still few studies, particularly those concerning the acquisition of language. We worked with a quite complex transcription system – ELAN- EUDICO Linguistic Annotator – used by few researchers, although it is currently the most suitable for studies of sign languages.

Key words: Brazilian Sign Language; Non-manuals; Language Acquisition.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Algumas indicações de registro dos elementos não-manuais no sistema de Slobin e Hoiting p.105

Quadro 2: Convenções de transcrição adotadas – Modelo (Projeto Bimodal Bilingue Bi-nacional – BiBiBi – Brasil e Estados Unidos) p.114

Quadro 3: Adverbiais mais comuns nos discursos das crianças. (adaptado de REILLY, 2006) p.145

LISTA DE FIGURAS

Fig.1: Parâmetros Fonológicos da LSB (QUADROS & KARNOPP, 2004)	p.38
Fig. 2: Configurações das Mãos: Sistema Fonético da LSB.	p.38
Fig. 3: Sinais que se opõem na ASL: Parâmetro da Localização (adaptado de KLIMA & BELLUGI, 1979).	p.39
Fig. 4: Par mínimo na ASL: Parâmetro do Movimento.	p.40
Fig. 5: Par mínimo na LSB: Parâmetro da Localização.	p.40
Fig. 6: Expressões faciais correspondentes aos sinais AZAR (elevação das sobrancelhas e olhos levemente arregalados) e DESCULPAR (sobrancelhas franzidas e leve arredondamento dos lábios), respectivamente.	p.41
Fig. 7: Par mínimo na LSB: Parâmetro da Configuração de Mão.	p.41
Fig. 8: Parâmetro da Orientação de Mão na LSB (QUADROS & KARNOPP, 2004).	p.42
Fig. 9: Esquema de representação do processo de aquisição da linguagem.	p.47
Fig.10: Tela de visualização simultânea das imagens e das transcrições no <i>SignStream</i> .	p.107
Fig 11: A disposição do vídeo no ELAN.	p.108
Fig. 12: Recorte da visualização de quatro vídeos no ELAN - Retirado de Leite (2008, p.142)	p.109
Fig. 13: Janela de visualização do ELAN: Transcrições e organização do sistema.	p.109
Fig. 14: Visualização das trilhas: Modelo inicial (parte A).	p.112
Fig. 15: Visualização das trilhas: Modelo inicial (parte B).	p.112
Fig. 16: Modelo das trilhas reformulado – Não-manuais.	p.113
Fig. 17: Movimento de cabeça – NEGAÇÃO.	p.130
Fig.18: Sinal manual X sinal não-manual – NEGAÇÃO.	p.130
Fig. 19: Sinal manual de negação associado à expressão facial.	p.131
Fig. 20: Uso inconsistente da elevação das sobrancelhas.	p.132
Fig. 21: Elevação das sobrancelhas e da cabeça.	p.133
Fig. 22: Aceno de cabeça associado ao elemento interrogativo.	p.134
Fig. 23: Alternância no uso dos não-manuais interrogativos.	p.134
Fig. 24: Expressão afetiva vs. <i>Mouthings/mouth gesture</i> .	p.136

Fig. 25: Não-manuais interrogativos: Semelhanças com a gramática do adulto.	p.138
Fig. 26: Emblema: Não-manuais (sequência 1).	p.138
Fig. 27: Emblema: Não-manuais (sequência 2).	p.139
Fig. 28: Realização dos não-manuais: Tópico.	p.140
Fig. 29: Gesto atencional do adulto.	p.142
Fig. 30: Marcador não-manual discursivo: Afirmação.	p.142
Fig. 31: Marcação enfática: Elevação das sobrancelhas e inclinação da cabeça à frente	p.143
Fig. 32: Sinal manual e expressões da face modificadoras: Intensidade.	p.144
Fig. 33: Expressões adverbiais faciais: Referência não-manual ao item lexical sinalizado anteriormente.	p.144
Fig. 34: Gráfico do desenvolvimento dos adverbiais faciais (ANDERSON & REILLY, 1999 apud REILLY, 2006, p. 275).	p.143
Fig. 35: Sinal manual associado à elevação das sobrancelhas: MAMÃE.	p.146
Fig. 36: Não-manual interrogativo: QUAL (Onde? Cadê?).	p.147
Fig. 37: Não-manual interrogativo associado ao sinal manual de apontação: IX(câmera) (Está aí na câmera?).	p.147
Fig. 38: Elevação da cabeça e das sobrancelhas associadas ao sinal manual interrogativo.	p.148
Fig. 39: Gesto da boca que acompanha o final da sinalização manual interrogativa.	p.148
Fig. 40: Interrogativa sim-não associada à apontação, ao direcionamento do olhar e ao movimento de cabeça afirmativo.	p.149
Fig. 41: Sobreposição das expressões faciais: Linguísticas e não-linguísticas.	p.149
Fig. 42: Expressões modificadoras: Discurso persuasivo.	p.150
Fig. 43: Alternância das expressões: “Vem aqui, só um pouquinho senão eu vou chorar.”	p.151
Fig. 44: <i>Mouth gesture</i> como elemento de composição do sinal manual: BALA.	p.151
Fig. 45: Uso do emblema manual associado ao “mc” afirmativo.	p.152
Fig. 46: Marcadores não-manuais prosódicos.	p.153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	p.16
1 LÍNGUAS DE SINAIS: DO QUE ESTAMOS FALANDO?	p.20
1.1 UM POUCO SOBRE MODALIDADE	p.25
1.1.1 Gestos e Expressões faciais	p.28
1.1.2 A Entoação Visual na Prosódia das LSs	p.33
1.2 FONOLOGIA	p.35
1.3 MORFOLOGIA	p.42
1.4 SINTAXE	p.43
2 O CONHECIMENTO DA LINGUAGEM: A FACULDADE DA MENTE HUMANA	p.46
2.1 CARACTERÍSTICAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM	p.50
2.2 COMO ACONTECE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM? ALGUMAS HIPÓTESES	p.52
3 OLHARES SOBRE A AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS	p.56
3.1 OS ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: LÍNGUA ORAL E LÍNGUA DE SINAIS	p.58
3.1.1 Período pré-linguístico: Balbucios	p.59
3.1.2 Uma palavra, um sinal	p.60
3.1.3 As combinações iniciais	p.62
4 VISÃO GERAL SOBRE SINTAXE: A ORDEM DAS PALAVRAS NAS LÍNGUAS DE SINAIS	p.64
4.1 A ORDEM DAS PALAVRAS NA LSB E NA ASL	p.65
5 AS MARCAÇÕES NÃO-MANUAIS (MNM_s)	p.76
5.1 O COMPORTAMENTO DAS MNM _s NAS LÍNGUAS DE SINAIS	p.76
5.2 EM DESTAQUE OS ESTUDOS DE JUDY REILLY: AS MNM _s NA ASL	p.85
5.3 AS MNM _s NA AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS	p.90
6 METODOLOGIA	p.95
6.1 UM ESTUDO DE CASO LONGITUDINAL	p.95
6.2 DIFICULDADES NA TRANSCRIÇÃO DE LÍNGUA DE SINAIS	p.98
6.3 PROGRAMAS DE TRANSCRIÇÃO E MODELOS DE NOTAÇÃO	p.104
6.3.1 EUDICO – Anotador Lingüístico (ELAN)	p.108
6.3.1.1 Adaptações para a transcrição dos dados do Léó	p.113
7 TRABALHANDO OS DADOS PASSO A PASSO	p.117
7.1 MANIPULANDO OS MATERIAIS E OS DADOS	p.117

7.2 CATEGORIAS DOS NÃO-MANUAIS CONSIDERADAS PARA AS ANÁLISES	p.118
7.2.1 Afetivos	p.119
7.2.2 Gramaticais	p.119
7.2.2.1 Fonologia	p.119
7.2.2.2 Morfologia	p.121
7.2.2.3 Sintaxe	p.122
7.2.2.4 Discurso	p.128
7.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA	p.129
7.3.1 A realização dos não-manuais	p.129
CONSIDERAÇÕES FINAIS	p.154
REFERÊNCIAS	p.157

INTRODUÇÃO

Línguas dependem do cérebro humano, não do ouvido humano.
(William Stokoe)

Esta pesquisa tem como enfoque um estudo da Língua de Sinais Brasileira¹, a língua de uma das comunidades surdas do Brasil², reconhecida como língua oficial e utilizada por pessoas surdas, não-surdas e pelos profissionais que se dedicam às tarefas de tradução e interpretação e ao ensino. Temos como objetivo geral, contribuir com o desenvolvimento das pesquisas que tratam da LSB ao descrever e analisar as marcações linguísticas não-manuais na aquisição da linguagem por uma criança surda filha de surdos, o menino Léo³. Mais especificadamente, pretendemos verificar as realizações dos sinais não-manuais da criança e descrevê-los.

Mesmo sabendo que há limitações, recorreremos à metodologia de coleta de dados de produção espontânea, por isso “um estudo de caso longitudinal”, uma vez que assim é possível agrupar as ocorrências de produção linguística dos diversos estágios de aquisição da linguagem da criança e evidenciar fatos que possam servir às futuras pesquisas de mesma linha.

Antes de nos dedicarmos aos detalhes sobre as marcas não-manuais, é importante destacar que as línguas de sinais, em sua totalidade, se constituem de características específicas, a começar pela sua modalidade. As produções linguísticas são realizadas em um espaço de sinalização determinado, que pode ser real ou mental (imaginado). Os sinais são articulados com base em parâmetros de Configuração das Mãos (CM), Movimento (M), Localização (L) e Direcionalidade das palmas das mãos

¹ Neste trabalho Língua de Sinais Brasileira será identificada pela sigla LSB, a qual tem sido usada, especialmente, em textos da área da linguística internacional como registro padrão de pesquisa e publicação. É possível, também, se referir a mesma língua como LIBRAS, forma mais difundida no País.

² Cabe destacar que no Brasil a LIBRAS é a única língua de sinais reconhecida por Lei. Porém há outras línguas de mesma modalidade que pertencem a comunidades indígenas como a Urubu Kaapor, tribo localizada no sul do estado do Maranhão. Nela o uso da língua de sinais se distribui entre surdos e a maioria ouvinte, o que faz com que as crianças que ali nasçam iniciem a aquisição bilingüe da linguagem.

³ A maioria das produções científicas realizadas no campo da linguística evidencia comparações entre a aquisição das línguas de sinais e de línguas orais. Grande parte desses trabalhos destaca análises envolvendo as produções de crianças surdas filhas de surdos que usam a LSB, porque são elas que apresentam um *input* linguístico apropriado para a obtenção de resultados mais seguros. Em nossa pesquisa também apresentamos algumas comparações, porém com destaque às produções dos não-manuais da **criança surda**.

do sinalizante (Dir.). Ainda, e fundamentalmente, as expressões da face e os comportamentos do corpo são parte da estrutura dessas línguas, os quais merecem um estudo inicial como o que pretendemos apresentar neste trabalho.

Para isso, é essencial que retomemos o conceito básico de que as línguas pertencem à espécie humana, característica que confere às de sinais um status linguístico importante. Isso porque, através delas é possível expressar pensamentos concretos e abstratos, como em qualquer outra língua. São altamente complexas em suas estruturas gramaticais, as quais se constituem de regras que se aplicam basicamente na sua fonologia, sintaxe, morfologia e semântica.

A idéia de que essas línguas sejam em parte como as línguas faladas (ou orais-auditivas) já se encontra bastante difundida no campo das pesquisas linguísticas.⁴ Os estudos em aquisição da linguagem já constataram e continuam evidenciando o caráter natural das línguas das comunidades surdas em todo o mundo e, principalmente, que as crianças surdas as adquirem com base nos princípios universais que também regem a aquisição da língua oral pelas ouvintes⁵.

No primeiro capítulo, apresentamos uma explanação acerca das línguas de sinais. Torna-se importante essa exposição uma vez que no Brasil as pesquisas ainda são recentes⁶ e nossos objetivos envolvem, também, o acesso à informação aos que tem interesse em agregar conhecimentos e contribuir com os estudos linguísticos nessa linha. Por isso, detalhamos, ainda nessa parte inicial, aspectos da modalidade das línguas de sinais e dos seus níveis gramaticais. Cabe essa apresentação neste capítulo, sobretudo, uma vez que ainda podem existir equívocos e dúvidas quanto à concepção de que sejam línguas naturais. Conforme salienta Quadros (1997b) “[...] as línguas de sinais são sistemas lingüísticos independentes dos sistemas das línguas orais [...]”. São

⁴ E acordo com Quadros & Karnopp (2004, p. 48) “As línguas de sinais [...] contêm os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais, no sentido de que têm um léxico, isto é, um conjunto de símbolos convencionais, e uma gramática [ou seja], um sistema de regras que regem o uso desses símbolos.” As autoras destacam, ainda, a existência da hipótese que diz “que a forma das línguas de sinais é determinada pela gramática universal inata e pela interação entre a percepção visual e a produção gestual.” Segundo elas, foi a partir desse pressuposto, que comprova o caráter de língua natural das línguas de sinais, que as pesquisas linguísticas dedicadas ao estudo das línguas de sinais iniciaram, com grandes contribuições ao campo científico.

⁵ Para que isso aconteça, é importante que a criança não apresente qualquer patologia que possa interferir nesse processo.

⁶ As pesquisas envolvendo línguas de sinais tem seu marco com os trabalhos de Stokoe (1960; 1965) sobre a Língua de Sinais Americana (*American Sign Language – ASL*) e como referências, no Brasil, as pesquisas de Ferreira-Brito (1990), Quadros (1995;1999) e Karnopp (1999), que são, portanto, muito recentes se comparados aos estudos já realizados com as línguas orais pelo mundo. (QUADROS & KARNOPP, 2004)

línguas naturais que se desenvolvem no meio em que vive a comunidade surda [...] Tais línguas são naturais internamente e externamente, pois refletem a capacidade psicológica humana para a linguagem [...]” (p.47).

No capítulo subsequente tratamos do conhecimento da linguagem, a faculdade da mente humana e apresentamos aspectos relevantes acerca da teoria da Gramática Universal. E no terceiro capítulo apresentamos os estágios de aquisição da linguagem, porém, com enfoque sobre as línguas de sinais. Destacamos o período pré-linguístico como aquele em que os pequenos iniciam os balbucios manuais; em seguida o estágio de uma palavra, um sinal; e o período em que iniciam as combinações dos sinais.

De acordo com a teoria da Gramática Universal – GU –, e a partir de Noam Chomsky (1957), o processo de aquisição da linguagem acontece para todas as línguas naturais por meio de princípios universais, que, juntamente aos parâmetros de diferenças entre essas línguas compõem a faculdade da linguagem. Como são muitas as línguas faladas no mundo, também é grande número de línguas de sinais existentes e de crianças adquirindo-as, de modo que tal teoria dá suporte às pesquisas realizadas também para essas línguas.

No capítulo quatro apresentamos a ordem das palavras na LSB e na *American Sign Language – ASL*⁷, como parte importante para o entendimento da organização dos constituintes sintáticos dessas línguas. Uma vez que a realização dos não-manuais pode interferir na ordenação desses elementos em uma sentença é importante que antes de passarmos especificamente ao se estudo específico conheçamos aspectos da constituição das sentenças em sinais.

Em seguida, no quinto capítulo, apresentamos as marcações não-manuais, definindo-as e traçando as diferenças existentes entre as expressões com função afetiva e aquelas que apresentam papel lingüístico nas línguas de sinais. Fazemos um delineamento das pesquisas e tomamos como base as publicações de Ben Bahan (1996), Arrotéia (2005), Pichler (2001) e Pizzio (2006), fundamentalmente, a fim de destacarmos os seus resultados e suas reflexões acerca das marcas não-manuais de maneira geral. Damos destaque ao trabalho de Reilly (2006) que aborda o desenvolvimento da morfologia dos não-manuais na aquisição da ASL e traz conteúdo importante relacionado aos objetivos deste trabalho.

⁷ Toamos como parte de nossas referências, tanto para as descrições quanto para as análises, alguns estudos já desenvolvidos sobre a ASL, a língua de sinais americana, utilizada pela comunidade surda nos Estados Unidos e por parte dos surdos canadenses.

O capítulo seis se destina à metodologia, no qual descrevemos a maneira utilizada para a obtenção dos dados. Incluímos também informações de como registrar esses dados, uma vez que o trabalho com línguas de sinais exige recursos específicos de transcrição e sistemas de notação diferentes dos tradicionais adotados para o registro escrito de línguas orais. Por isso reservamos espaço neste capítulo para apresentar alguns programas existentes de transcrição de línguas, sobretudo aqueles elaborados para as pesquisas de línguas de sinais. Dentre eles, destacamos o ELAN (EUDICO – Linguistic Annotator), desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, o qual possibilitou nossas transcrições por permitir visualizar o(s) vídeo(s) de gravação da criança e as trilhas onde efetivamente registramos os seus enunciados. Com o acesso livre ao programa, pudemos desenvolver um modelo inicial que desse suporte ao trabalho com os não-manuais.

No sétimo e último capítulo estão nossas descrições e análises. Tomamos como base para delimitação dos tipos de marcadores não-manuais a serem analisados, de acordo com suas funções gramaticais nos diferentes níveis lingüísticos, o trabalho recente de Pfau e Quer (no prelo). E recorreremos a Reilly (2006) a fim de explicitarmos algumas comparações entre os seus resultados e as nossas evidências.

A descrição e análise das marcações linguísticas não-manuais são parte e continuidade dos trabalhos já realizados no Brasil em aquisição da linguagem. O olhar sobre a pesquisa em aquisição dessas expressões é de fundamental importância e contribuição às pesquisas que serão desenvolvidas, isto porque ainda não publicações que tratam especificamente desse tema.

Nosso conhecimento prévio nos direciona a analisar mais profundamente o uso de tais marcações durante o processo de aquisição da linguagem e a que se destinam essas marcas. Conforme resultados da pesquisa de Pizzio (2006), o menino Léo realiza construções com tópico e foco, por exemplo, entretanto, há inconsistência no uso das marcações não-manuais que acompanham essas construções. É possível que também aconteçam inadequações no uso dos não-manuais em outras construções, porém, que passam a se organizar e serem utilizadas adequadamente na medida em que a criança vai avançando nos estágios de aquisição. Além disso, por se apresentarem na face do sinalizante, as expressões afetivas e gramaticais podem se sobrepor ou concorrerem em algumas construções, o que nos impulsiona ainda mais à realização da pesquisa.

1 LÍNGUAS DE SINAIS: DO QUE ESTAMOS FALANDO?

[...] these are natural languages, the product of the human mind. Just as spoken language is shaped and constrained by the particular organization of the human brain; sign languages are generated by the same brain and are subject to the same deep linguistic principles applying to spoken languages. In other words, the modality differences between sign and spoken languages are superficial. (Deborah Chen Pichler)⁸

No campo das pesquisas linguísticas é natural se ouvir falar em língua e linguagem, de maneira geral. As línguas de sinais, porém, nem sempre despertaram interesse dos pesquisadores dessa área e, quando mencionadas, eram entendidas apenas como recurso gestual de comunicação, muitas vezes compreendidas como forma mimética de representação de idéias limitadas. Isto porque para serem concebidas como línguas, era preciso que se apresentassem em uma modalidade comum a todas as outras línguas conhecidas, qual seja a oral-auditiva.

Não é raro encontrar pessoas que entendem uma língua de sinais como universal, uma vez que parece comunicar através da gestualidade algo que possivelmente será entendido no encontro entre seus usuários, independente de suas origens. Ou ainda, é possível que a percebam como uma versão sinalizada da língua oral do país. Portanto, no Brasil, a LSB deveria ser uma forma de comunicação baseada em sinais, gestos ou padrões de movimentos de mãos e de corpo condicionados ao uso do português brasileiro (PB) falado pela comunidade ouvinte desse país.⁹

Todavia, mesmo diante de algumas visões em processo de assimilação, tomamos como foco para o estudo da aquisição e processamento da linguagem uma língua

⁸ Essas são línguas naturais, produtos da mente humana. Assim como as línguas faladas são geradas por meio de uma organização particular do cérebro humano, as línguas de sinais são geradas pelo mesmo cérebro e seus sujeitos apresentam os mesmos princípios linguísticos subjacentes e mesma capacidade aplicados às línguas faladas. Em outras palavras, as diferenças de modalidade entre línguas sinalizadas e faladas são superficiais. (*tradução nossa*)

natural, reconhecida legalmente, com estatuto lingüístico registrado na Lei de LIBRAS¹⁰, de 24 de abril de 2002.

Esse reconhecimento recente carrega uma trajetória de equívocos ainda muito presentes na sociedade, devidos, principalmente, a questões de ordem não linguística. De certo modo, a modalidade¹¹ na qual se apresenta somada a fatores psicossociais e culturais, acaba por influenciar de maneira inadequada algumas concepções que a envolvem. Ao se referir ao “sistema de comunicação” utilizado pelos surdos, por exemplo, Oates (1983), explica que a “linguagem de gestos, de mímica”, é uma linguagem natural e universal e constitui uma “comunicação relâmpago”, uma vez que para comunicar algo extenso equivalente em português utiliza um número reduzido de sinais mímicos e resumido (p.11). Ao compararmos essas definições com os estudos da comunicação do corpo, veremos que nesse meio são compreendidas de maneira diferente, como “algo a parte”, ou seja, ainda que o corpo seja instrumento base da comunicação em língua de sinais, esta é vista como um sistema organizado que pode aproximar surdos de diferentes países já acostumados a usar gestos manuais de uma maneira semelhante à da pantomima. (RECTOR & TRINTA, 1990). Mais recentemente, em Knapp e Hall (1999), encontramos que os gestos que compõem a “linguagem de sinais” seriam lingüísticos, ou seja, ainda que ela pareça uma comunicação não-verbal, uma vez que os gestos fazem parte de uma cadeia de comunicação de comportamento diferente das palavras, a “linguagem dos surdos” se constitui de elementos para uma comunicação verbal.

Assim, temos uma noção de como as línguas de sinais têm sido definidas sob diferentes olhares, dependentes de um sistema legítimo de comunicação, uma vez que seriam desprovidas de um sistema gramatical complexo como o das demais línguas existentes e reconhecidas. Em outras palavras, não poderiam ser línguas naturais.

Conforme explicam Quadros e Karnopp (2004):

¹⁰ No Brasil a Lei N.º 10.436 de 24 de abril de 2002 dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. No

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

(<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>)

¹¹ A respeito de “modalidade” trataremos na subseção seguinte.

[...] uma língua natural é uma realização específica da faculdade da linguagem que se dicotomiza num sistema abstrato de regras finitas, as quais permitem a produção de um número ilimitado de frases. Além disso, a utilização efetiva desse sistema, com fim social, permite a comunicação entre os seus usuários (p.30)

Logo, as línguas de sinais têm elementos essenciais que nos permitem atribuir-lhes um caráter de língua natural, diferente de qualquer outro princípio de comunicação. São sistemas linguísticos legítimos, porque apresentam no léxico e na sintaxe a possibilidade de gerar sentenças em números infinitos, comprovando a possibilidade de serem dotadas de todos os critérios lingüísticos necessários às línguas genuínas (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 30).

Língua de sinais ou linguagem de sinais? Essa indefinição é também mais uma questão de discussões que, porém, não nos deveria preocupar, porque língua e linguagem são diferentes. Esta faz referência “[...] a uma série de outros sistemas de comunicação [além das línguas], notação ou cálculo, que são sistemas artificiais e não naturais.” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.24). Sendo assim, a linguagem é específica da espécie humana. Hockett (1963 apud SCLIAR-CABRAL, 1975) apresenta algumas características que distingue a linguagem humana da comunicação animal, quais sejam:

1. Criatividade – sentenças novas são geradas livre e facilmente e sentenças únicas, nunca emitidas antes, são produzidas e compreendidas devido aos fatos seguintes:
 - a. cada língua tem uma gramática contendo elementos significativos (palavras e sentenças) que são mapeados em elementos sem significação mas distintivos da mensagem (fones ou sons da fala);
 - b. cada enunciado possível é composto de um repertório discreto dos elementos acima;
 - c. a elementos novos ou velhos podem ser atribuídas novas cargas semânticas (significados) de acordo com o contexto e a circunstância.
2. Uso da linguagem:
 - a. A relação entre o elemento lingüístico e a sua denotação é arbitrária ou independente de qualquer semelhança física ou geométrica entre os dois;
 - b. O signo não tem conseqüências biológicas diretas, mas pode provocar alguma ação e substituir alguma coisa em vez de ser a coisa que ele denota.
3. Distanciamento – a linguagem é usada para referir-se a coisas que podem ser remotas no tempo, no espaço, ambos, do local da comunicação, e, portanto na linguagem humana podemos:
 - a. relatar acerca do passado e do futuro;
 - b. comunicar sobre a comunicação;

- c. emitir hipóteses e mentiras.
- 4. Aprendizagem da linguagem:
 - a. o falante de uma língua humana pode aprender qualquer outra;
 - b. o falante pode ser um ouvinte e vice-versa.

Sendo assim, a língua de sinais, mesmo com suas especificidades relacionadas aos canais de produção e percepção da linguagem, constitui-se de tais características, pois “[...] é um sistema padronizado de sinais [...] arbitrários, caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade [ou dupla articulação] e transmissão cultural.” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 28).

Diferente do que acontece com as línguas orais-auditivas quando comparadas, a LSB pode apresentar um grau de similaridade maior com ASL ou com outra língua de sinais em diversos níveis, até mesmo no lexical, ainda que estejam geograficamente muito distantes ou sequer tenham sido historicamente influenciadas uma pela outra. Por isso as pesquisas têm se preocupado, também, em estudar línguas de mesma modalidade. Em consequência, o estudo das línguas de sinais tem indicado e confirmado alguns princípios que regem as línguas humanas. (QUADROS, 2006, p. 175)

Trabalhos como os de Al-Fityani e Padden (2008, p.138), realizados no Oriente Médio, revelam que, por mais que duas línguas de sinais pertençam a comunidades distantes, elas podem apresentar similaridade em nível mais alto quando comparadas duas línguas faladas¹² não relacionadas. Isso sugere que a modalidade gesto-visual¹³ pode ser fator contribuinte para a semelhança vocabular entre línguas de sinais, mesmo que se enquadrem abaixo de um limite de analogia mensurável. Todavia, ainda que exista essa possibilidade entre duas ou mais línguas de sinais, elas não podem ser consideradas unas ou invariáveis. Há diferenças que se refletem na dificuldade de compreensão por surdos e/ou usuários de uma língua de sinais dentro de um país, na mesma região e entre comunidades muito próximas. Essa variação pode ser observada nos vocabulários, no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico.

¹² Entenda-se aqui o termo “faladas” com referência às línguas orais-auditivas.

¹³ As línguas faladas se apresentam na modalidade oral-auditiva, em que meios físicos de audição e de fala são essenciais à produção e à compreensão. As línguas de sinais, de outro modo, utilizam canais “visuais” e “visíveis” para sua percepção e produção lingüísticas, através dos movimentos das mãos e expressões do corpo e da face. Por isso são definidas como línguas *gesto-visuais*, *visuo-espaciais*, *espaço-visuais*, *manual-visuais*, e mais recentemente *cinésico-visuais*, conforme justificado por Correa (2007) “[...] porque a abordagem [cinésico-visual] possibilita a descrição de todos os elementos de recepção, canal e produção, na simultaneidade de sua realização.” (p.30)

As primeiras pesquisas a respeito da ASL que muito contribuíram para o início dos estudos de diversas outras línguas de sinais, base também de grande parte dos trabalhos sobre a LSB, foram realizadas pelo professor William Stokoe. Em 1965 ele publicou uma obra na qual descreve aspectos da *American Sign Language*, mas foi um pouco antes, em 1960, embasado nos princípios da Teoria Gerativa, que ele

percebeu e comprovou que a língua [de] sinais atendia a todos os critérios lingüísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. [...] observou que os sinais não eram imagens, mas símbolos abstratos complexos, com uma complexa estrutura interior. Ele foi o primeiro, portanto, a procurar uma estrutura, a analisar os sinais, dissecá-los, pesquisar suas partes constituintes. Propôs, inicialmente, que cada sinal tinha pelo menos três partes independentes (em analogia com os fonemas da fala) - a locação, a configuração da mão e o movimento - e que cada parte possuía um número limitado de combinações. Em *Sign Language Structure*, publicado em 1960, ele delineou dezenove configurações de mão diferentes, doze locações distintas e vinte e quatro tipos de movimentos como os componentes básicos dos sinais. Além disso, inventou um sistema de notação para tais elementos (STOKOE et al. 1976 apud KARNOPP, 1994, p. 26).

De acordo com Leite (2008)

O que hoje chamamos “língua de sinais” era antes tido como uma forma de linguagem universal, icônica e/ou pantomímica, sem o tipo de estruturação que sabemos ser característico das línguas humanas. Desde os estudos de Stokoe, então, um esforço considerável por parte dos pesquisadores das LSs tem sido feito no sentido de demonstrar que essas línguas, assim como as LOs¹⁴, compartilham as propriedades básicas das línguas naturais, como a produtividade e a arbitrariedade [...].(p.33)

Em seguida as investigações começaram a alcançar uma repercussão importante, de modo que também Chomsky (1995, p. 434) reconheceu lingüisticamente as línguas de sinais, uma vez que o conceito de “articulatório”, abordado por ele, “não se restringe à

¹⁴ As abreviaturas para língua(s) de sinais e língua(s) oral(is) são registradas nos trabalhos recorrentes que abordam os seus estudos como LS (ou LSs para o plural) e LO (ou LOs para o plural), respectivamente.

modalidade das línguas faladas, mas expressa uma forma geral de a linguagem ser representada no nível de interface articulatório-perceptual” (QUADROS, 1997, p.71).

Na subseção seguinte continuamos falando sobre as línguas de sinais, porém, nos deteremos a registrar um pouco sobre a modalidade através da qual são possíveis realizações de diferentes mecanismos, sobretudo por meio das marcações não-manuais que, nessas línguas, carregam funções muito particulares.

1.1 UM POUCO SOBRE MODALIDADE

As línguas de sinais são produzidas e percebidas com base em uma modalidade cinésica-visual, já as línguas orais necessitam de meios vocais e auditivos para comunicação. Essa diferença desperta questionamentos diversos e, principalmente, reflete algumas particularidades exclusivas das línguas de sinais.

Pesquisadores de línguas de sinais têm destacado diferentes elementos e características específicos dessas línguas como responsáveis pelos efeitos de modalidade existentes, bem como há resultados que anulam qualquer possibilidade de contraste entre duas línguas de modalidades distintas.

Sobre isso, Quadros (2006) destaca que

existe uma preocupação em relação aos efeitos das diferenças na modalidade [das línguas orais-auditivas e das de sinais] fazendo com que os estudos das línguas de sinais sejam extremamente relevantes. Por outro lado, as similaridades encontradas entre as línguas faladas e as línguas sinalizadas parecem indicar a existência de propriedades do sistema lingüístico que transcendem a modalidade das línguas. Nesse sentido, o estudo das línguas de sinais tem apresentado elementos significativos para a confirmação dos princípios que regem as línguas humanas. (p. 175)

Isso não descarta que sejam identificados fenômenos exclusivos nas línguas de sinais em função da modalidade na qual se apresentam. Por exemplo, “tais efeitos de modalidade podem incluir iconicidade e desenvolvimento motor/articulatório, entre outros.” (LILLO-MARTIN, 2008, p. 194)

No campo das pesquisas sobre aquisição da linguagem, em que se destacam os estudos que se dedicam à identificação do aparecimento dos primeiros sinais da criança, é possível determinar os estágios em que surgem as primeiras combinações sintáticas e verificar que conseqüências e que reflexos podem ser atribuídos à diferença de modalidade. Lillo-Martin (2008), acrescenta que

outra área de pesquisa que examina os efeitos de modalidade na aquisição de línguas de sinais diz respeito à fonologia do sinal inicial. Pesquisadores estudaram os componentes de sinais com os quais as crianças apresentam maior ou menor precisão e observaram que, em muitos casos, o desenvolvimento das crianças pode ser explicado levando-se em conta o desenvolvimento de mecanismos motores e perceptuais. [...] É muito provável, portanto, que a modalidade tenha um papel importante na explicação de padrões de desenvolvimento fonológico. (p.195)

Mas não sabemos bem até que ponto fatores articulatórios podem determinar as estruturas lingüísticas produzidas pela criança. É possível entender, apenas, que esses efeitos podem influenciar os níveis de desempenho da gramática das línguas e da competência. Isso porque, nem tudo se explica com base nesses aspectos, uma vez que erros iniciais cometidos pelas crianças podem ser resultado da não fixação de determinados valores.

De outro modo, Chomsky (2000) acrescenta que a faculdade da linguagem não está vinculada a determinadas modalidades sensoriais, ao contrário do que teria assumido em pesquisas em anos anteriores. Assim, a língua de sinais dos surdos é estruturalmente semelhante a uma língua falada e o processo de aquisição muito similar para as duas. Os mecanismos analíticos da faculdade da linguagem parecem ser desencadeados da mesma maneira quando o *input* (a entrada de informação) é auditivo, visual ou mesmo tátil e parecem estar localizados nas mesmas áreas cerebrais, o que é algo surpreendente. (p.121-122)

Para Lillo-Martin (2002) o efeito de modalidade é apenas uma diferença superficial, uma vez que as línguas sinalizadas e as faladas são adquiridas de forma análoga. Diante disso e entendendo que existem especificidades, independente de o processo de aquisição acontecer para as duas crianças, uma surda e outra ouvinte, parece indispensável questionar: Como são organizadas as sentenças em uma língua de sinais?

A sintaxe das línguas de sinais é reconhecida como espacial, ou seja, é através do uso do espaço na sinalização que acontece a organização das estruturas sintáticas. Por isso a criança tem de aprender a associar referentes a sua localização no espaço; localizar referentes distintos em seus respectivos espaços; utilizar verbos de concordância e pronomes mesmo que os referentes do discurso não estejam presentes; e precisa lembrar da localização de cada referente, estando ele presente ou não, para a sua retomada no discurso. Assim se constitui um sistema bastante complicado de localizações que envolvem concordância verbal e utilização dos pronomes relacionados aos espaços de sinalização. (LILLO-MARTIN, 2002, p. 538)

Esse lugar determinado, ao qual nos referimos, é denominado de espaço-neutro. É o local onde movimentos das mãos são realizados junto às manifestações do corpo, especialmente da sua parte superior e das expressões da face, não somente necessário para a produção, mas também à percepção, que se dá através de vias visuais que se direcionam durante a espacialização. Esse olhar é extremamente importante para as realizações de concordância, entre outros mecanismos que acontecem nesse campo.

O meio de expressão da língua de sinais, portanto, é o mesmo utilizado para manifestações gestuais¹⁵ que acompanham, por exemplo, a fala. Todavia, ainda que aquelas utilizem mecanismos espaciais na produção dos enunciados, são processadas no mesmo hemisfério cerebral que qualquer outra língua conhecida. Desse modo, pensar que, pelo fato de aparentemente serem constituídas de gestos e de produções visuais, as línguas de sinais dependeriam de adaptações do cérebro e de uma localização diferente daquela em que se manifestam os estímulos de uma língua seria um equívoco.

Sobre isso, Rodrigues (1993) destaca que:

a) o hemisfério esquerdo é o principal responsável pelas funções de linguagem dos seres humanos; b) o hemisfério direito é o principal responsável pela análise de estímulos acústicos não-lingüísticos e por tarefas intelectuais não-verbais ou de tipo construtivo; c) os estudos em indivíduos surdos com lesões cerebrais demonstram que a língua de sinais apresenta uma organização neural semelhante à da língua oral. (p. 12)¹⁶

¹⁵ Na subseção seguinte falaremos um pouco acerca dos gestos e a modalidade na qual se apresentam na linguagem humana.

¹⁶Vale destacar que em poucos casos, em indivíduos canhotos, é o hemisfério direito o responsável pelas funções da linguagem. De acordo com Carneiro (2002) “Na maioria dos canhotos os hemisférios cerebrais funcionam da mesma forma que os das pessoas que preferem o uso da mão direita. Somente 4% dos canhotos têm funções dos lobos cerebrais invertidas [...]”

Logo, se o hemisfério direito se dedica às relações viso-espaciais e o oposto às lingüísticas, como explicar a concepção das LSs¹⁷ como línguas sob a responsabilidade do hemisfério esquerdo do cérebro, uma vez que a sua modalidade parece estar relacionada às manifestações percebidas visualmente?

Emmorey e colaboradores (1993) esclarecem que “apesar da sua modalidade alternativa, existe forte evidência de que os aspectos mais gramaticais das línguas sinalizadas são lateralizados para o hemisfério esquerdo” (p. 25). Os autores fizeram um estudo com sinalizantes surdos adultos, com lesão cerebral e examinaram os efeitos dessas nas suas habilidades lingüísticas e visuo-espaciais não lingüísticas. Esses sujeitos sinalizaram durante toda a sua vida, ou seja, tiveram experiência apenas com uma língua sinalizada sem contato com sons ou com uma língua baseada na fala. Também identificaram que “o controle da expressão facial lingüística tem sido dado essencialmente pelo hemisfério esquerdo como parte da gramática da língua de sinais”. (p.40)

1.1.1 Gestos e Expressões Faciais

As línguas faladas, assim como as línguas de sinais, também se utilizam do canal visual para a percepção das manifestações do corpo como parte da comunicação. De acordo com Correa (2007)¹⁸ já há muito tempo tem se evidenciado que “[...] o homem co-articula o gesto juntamente com constituintes verbais” , porém, é possível que os elementos gestuais também podem ser utilizados pelos surdos isoladamente, isto é, “quando é impossível o uso dos canais sensoriais responsáveis pela recepção de uma língua sonora, os gestos revelam-se mediadores de um processo cognitivo humano que possibilita a transmissão de idéias.” (p.02) Dessa maneira, qualquer barreira que possa impedir a comunicação é transposta .

¹⁷ LS refere-se à língua de sinais e LSs para o mesmo, porém, no plural.

¹⁸ Sugerimos a leitura do trabalho de Correa (2007) que versa a respeito da “Complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos” a fim de compreender melhor sobre as linguagens que o gesto e as línguas constituem.

De acordo com Emmorey (1999), os gestos realizados por sinalizantes são diferentes daqueles produzidos por usuários de uma língua oral. Isso porque os primeiros acabam desenvolvendo regularidades que se refletem na produção dos seus gestos, uma vez que a língua de sinais exige fundamentalmente o uso das mãos na comunicação.

Os gestos servem às línguas de modalidade oral-auditiva como aparato paralingüístico, ou seja, como complemento de caráter não-verbal, ainda que possam ser realizados em alternância com as palavras, de modo a complementar um pensamento. É o caso dos dêiticos, que na língua oral se distinguem entre componentes lingüísticos e gestuais e na LS se sobrepõem à palavra e alteram a sua forma, uma vez que se constituem na mesma modalidade, dificultando, portanto, essa distinção. Assim, “devido a sua modalidade, gestos e componentes lingüísticos podem andar juntos como um recurso de complementaridade [...]” (CORREA, 2007, p.56)

Gestos têm em parte um estatuto diferente daquele dos sinais, mesmo que sejam realizados pelos mesmos articuladores. São recursos de comunicação corporal, “são movimentos do corpo (ou de parte dele) usados para comunicar uma idéia, intenção ou sentimento. Muitas dessas ações são feitas com braços e mãos, mas a área da face e da cabeça também é usada na gesticulação.” (KNAPP & HALL, 1999, p.191)

A expressão do pensamento pode ser complementada, portanto, por ações do corpo através de gestos visíveis e de produção voluntária. Assim, podem substituir as palavras, uma fala ou parte de um discurso.

Acerca das línguas sinalizadas, Correa (2007) explica que

[...] devido a sua modalidade, gestos e componentes lingüísticos podem andar juntos como um recurso de complementaridade para estabelecer direcionalidade no espaço sinalizado e para inserir referentes ausentes no discurso sinalizado.” (p.56)

E a autora complementa que também as expressões faciais podem causar certa dificuldade de reconhecimento lingüístico ou apenas afetivo quando, por exemplo, se quer

“[...] marcar distinção entre o modo como algo ocorreu e os sentimentos do sinalizante. [...], pois a expressão facial que nos dá informação sobre emoção, também pode ser considerada informação sobre modo, quando ela é usada juntamente com verbos. (p.56)

Em algumas culturas, a gestualidade ou os gestos, entendidos como a comunicação do corpo, têm grande peso, mundialmente reconhecido. Podemos citar o caso dos italianos, vistos como um povo que “fala com as mãos”. De certo modo os gestos que realizam conferem à comunicação propriedades de caráter enfático e suprasegmental (por meio da visualidade). São manifestações que se apresentam em diversos tipos, ou seja, podem variar e, ainda, ser dependentes ou não da fala.

Embora pareçam universais, os gestos também podem ser mal compreendidos, isto porque em determinado contexto ou dentro de uma cultura em particular seu significado é também muito específico. Um ocidental certamente ficará confuso ou interpretará equivocadamente atitudes dos árabes que “quando balançam a cabeça para os lados estão querendo dizer ‘sim’, em vez de ‘não’. E quando querem dizer ‘não’ movimentam a cabeça para cima e para baixo e estalam a língua.” (RECTOR & TRINTA, 1990, p. 52)

Nessa perspectiva, Rosa e colaboradores (2002) explicam que

Alguns gestos têm história, como é o caso de *Sir* Winston Churchill que fez do gesto da “vitória” (um V mostrado com os dedos indicador e médio), com o braço bem erguido, um símbolo (visual) da resistência inglesa na Segunda Guerra Mundial. À época do movimento *hippie*, este gesto tornou-se expressão não-verbal de uma palavra de ordem, “Paz e Amor”, em protesto contra a guerra do Vietnã. [...] Gestos como esse, equivalem a *slogans* não-verbais, provocando forte emoção e induzindo ao pronto desencadeamento de uma ação. (p.25)

A comunicação visual é, portanto, também um recurso dos falantes de línguas orais. Os modos como os indivíduos direcionam o olhar traduzem grande parte do que se quer comunicar, além de marcarem as trocas de turnos conversacionais. Também os movimentos corporais e o uso do espaço, assim como as expressões da face revelam informações importantes no ato da comunicação.

Comumente utilizadas e algumas vezes não percebidas, as expressões da face indicam emoção e revelam estados. Além disso, servem à comunicação quando o que se deseja transmitir vai além do que se está sentindo, como é caso dos “emblemas faciais”, que segundo explicam e exemplificam Knapp e Hall (1999)

[...] ocorrem em contextos que não tendem a dar início à emoção real; são [...] mantidos por um tempo mais longo ou mais curto do que a expressão real; e com frequência são realizados usando-se apenas uma parte da face. Quando você fica de queixo caído e mantém a boca aberta, sem exibir outros traços de expressão de surpresa, pode estar dizendo que o comentário de outra pessoa é surpreendente ou que você está aturdido com o que foi dito.[...] Algumas vezes as sobrancelhas irão comunicar ‘Estou confuso’ ou ‘Duvido’. (p.263-264)

Entretanto, não é possível traduzir com facilidade as expressões da face do nosso interlocutor em todas as vezes que elas são realizadas, uma vez que emoções podem ser reveladas em diferentes culturas através de mecanismos diversos. Em certo grau, há características complexas que podem revelar mais de uma emoção ao mesmo tempo através de comportamentos diferentes da face. Sendo assim, “interpretar as expressões da face nem sempre é fácil. Entre todas as áreas do corpo, a face é a que melhor reflete influências externas e internas [...]” (KNAPP & HALL, 1999, p. 287). Através das expressões faciais, quando utilizadas para indicar o modo, por exemplo, como uma ação aconteceu, nem sempre é possível distinguir entre a maneira como o evento ocorreu e os sentimentos do sinalizante. Isto porque a mesma expressão facial “que nos dá informação sobre emoção, também pode ser considerada informação sobre modo”, no caso, ao ser usada juntamente à realização de verbos. (CORREA, 2007, p.56)

Muitos dos gestos foram e são constantemente incorporados às línguas de sinais, tanto que a questão que envolve a tentativa em se definir o quanto têm de características lingüísticas, ou seja, até que ponto são compreendidos como gestos ou como elementos gramaticais, tem sido motivo de discussão e tema de alguns trabalhos. Essa questão envolve o fenômeno da gramaticalização, o qual, nas LSs, acontece de maneira peculiar, uma vez que gramaticalizar um gesto ou uma marca não-manual é, em princípio, uma possibilidade única e exclusiva das línguas de modalidade gesto visual.

Conlin e colegas (1999), em pesquisas realizadas sobre a aquisição dos primeiros sinais na ASL, consideram como sinal somente aquele gesto que tem sua forma reconhecidamente relatada por um adulto e é usado em um contexto apropriado, ou seja, comum a todos os demais sinais da língua.

A primeira pesquisadora a tentar identificar as diferenças entre gestos e sinais foi Emmorey (1990). Para ela, a maior diferença está em os sinais não serem produzidos de maneira livre, idiossincrática ou espontânea. Mesmo que alguns gestos possuam regularidades, para ser incorporado à LS precisa ser entendido e analisado do ponto de vista de um sinalizante. É comum também a produção dos gestos faciais ou corporais que são articulados simultaneamente aos sinais manuais (muito comum de serem realizados em narrativas). Os sinalizantes produzem gestos manuais que são alternados com os sinais e esses gestos são frequentemente icônicos, podendo também ser metafóricos e tendem a ser mais convencionais, com propriedades específicas de tempo, mesmo que não tenham relação com um sinal lexical.

Al-Fityani e Padden (2008) realizaram uma pesquisa sobre as línguas de sinais entre alguns países árabes, a fim de verificar o grau de similaridade entre elas. Nessa região, as semelhanças são atribuídas, provavelmente, aos valores culturais partilhados e ao repertório gestual das comunidades, mesmo que estas estejam geograficamente distantes umas das outras. Revelam como resultado que

o grau mais alto de similaridade pode ser devido ao fato de que essas línguas de sinais existem dentro do mundo árabe, onde existem muitos gestos emblemáticos em comum. De fato, é comum dizer que a fala, o gesto e a cultura estão tão intimamente interligados para os árabes que segurar as costas de um árabe enquanto ele está falando é equivalente a segurar a sua língua [...]. É provável que as comunidades surdas árabes com pouco ou nenhum contato entre si tenham sinais similares devido ao repertório gestual compartilhado. (p. 11)

Desse modo, não somente é possível compartilhar gestos entre as línguas orais, mas, sobretudo, línguas de sinais também estão envolvidas pela gestualidade e outras formas de comunicação complementares como as paralinguísticas de entoação visual.

1.1.2 A Entoação Visual na Prosódia das LSs

Enquanto as melodias entoacionais são percebidas pelo canal auditivo, a “entoação visual” acontece de maneira sutil intrinsecamente estruturada e significativamente acompanhada das palavras e sentenças da língua. A respeito disso Dachkovsky e Sandler (2007) destacam que, assim como os sinais visuais podem funcionar como complemento à comunicação nas línguas faladas, os mesmos elementos podem servir de substância do sistema linguístico das línguas de sinais.

Conforme apontamos, os gestos e expressões da face e do corpo também têm sido foco das pesquisas de línguas orais e alguns desses comportamentos não-verbais constituem o que muitas vezes é entendido como prosódia visual. Em línguas de sinais os mesmos sinais visuais são organizados em um sistema linguístico que partilha certas características-chave com a prosódia das línguas faladas.

Para as últimas, há fenômenos paralinguísticos, não-lingüísticos, que ocorrem ao lado da fala e que nos remetem a ocorrências na linguagem. Podem estar relacionados às variações de altura e intensidade da voz que não são consideradas como parte do sistema de entoação da língua, sons diversos, pausas silenciosas ou não e ressonâncias.

Já na língua de sinais as propriedades entoacionais diferem dos fenômenos citados e se distinguem do uso paralinguístico da face. As expressões faciais convencionalizadas se apresentam na parte superior da face dos sinalizantes e podem marcar constituintes prosódicos para várias funções no discurso, como distinguir tipos de sentenças (ex: declarativas, interrogativas etc.). De acordo com Correa (2007), a entoação diz respeito às diferentes maneiras de movimentos de um gesto ou sinal manual e pode, ainda, envolver diversos gestos faciais, labiais e comportamentos do olhar do sinalizante.

De acordo com Dachkovsky e Sandler (2008), não são todas as expressões faciais que têm função entoacional nas línguas de sinais. Na ISL – *Israeli Sign Language* –, língua sobre a qual têm elaborado seus trabalhos, e muito semelhante ao que é encontrado na LSB, as

Expressões faciais também funcionam no sistema gramatical como um componente fonológico de sinais lexicais, como marcadores adjetivos ou adverbiais [...], como atributos de caráter mimético, ou como gestos icônicos [da boca em particular]. Como todos os

humanos, surdos ou ouvintes, expressões faciais podem também refletir emoções. (p.05)

A elevação das sobrancelhas pode determinar estruturas gramaticais como sentenças de tópico, relativas, condicionais, e, ainda, equivaler nas línguas de sinais ao aumento de tom nas línguas faladas, podendo resultar, por exemplo, sentenças com causalidade e condicionalidade na ISL. Também ligam tópicos a comentários, em que enunciados tendem a ser divididos em duas partes: o tópico, sobre o que é a sentença, e o comentário, a informação predicada sobre o tópico, como acontece na LSB e na ASL. Tópico-comentário é a estrutura utilizada para organizar o discurso, servindo como um ponto de ancoragem e um terreno comum para os interlocutores. (DACHKOVSKY & SANDLER, 2008).

Todavia, a prosódia nas línguas de sinais apresenta simultaneidade em sua estrutura entoacional. Em uma língua falada o aparato vocal é o único responsável pela produção dos tons e da parte “textual” da língua. Já nas primeiras a produção dos enunciados “textuais” e o ritmo prosódico são realizados por articuladores independentes. Isso mostra que a modalidade visual tem maiores graus de liberdade e de flexibilidade, o que necessita ainda de um estudo profundo que considere também questões que envolvem simultaneidade na articulação e que possam definir um sistema entoacional.

Sobre isso e corroborando nossas reflexões, Dachkovsky e Sandler (2008) argumentam que

A simultaneidade das expressões se deve ao fato de que diferentes partes do corpo podem se mover ao mesmo tempo e a habilidade do sistema visual permite perceber sinais visuais simultaneamente. [...] Em muitas culturas os falantes utilizam gestos manuais que aumentam a mensagem verbal. Sinalizadores, que predominantemente utilizam as mãos para a transmissão de itens lexicais, também produzem gestos icônicos de apoio – com a boca. Finalmente, falantes destacam suas falas com sinais produzidos com a cabeça e a face, podendo ser chamados às vezes de prosódia visual [...]. Esses sinais compreendem um sistema paralingüístico disponível a todos os seres humanos. (p.23)

Além das expressões da face, direções do olhar e demais manifestações da parte superior facial, também alguns movimentos do corpo, como posições do torso e

posições dos ombros contribuem para análises acerca dos agrupamentos prosódicos. O fluxo da língua não é uma cadeia monótona, ele é dividido em hierarquias organizadas de constituintes rítmicos. Isto porque, quando falamos podemos marcar a fronteira prosódica da frase pelo alongamento da palavra que a conclui, por pausa, ou ambos. Isso não significa dizer que todas as expressões faciais em língua de sinais sejam entoacionais. Expressões faciais também funcionam no sistema gramatical como um componente fonológico de sinais lexicais, como marcadores adjetivos ou adverbiais e discursivos, conforme já mencionamos.

Sobre as especificidades relativas à constituição da gramática das línguas de sinais, mencionamos a seguir alguns aspectos gerais que envolvem seus níveis lingüísticos.

1.2 FONOLOGIA

O termo fonologia¹⁹ quando relacionado às línguas de sinais suscita alguns estranhamentos, sobretudo, porque tem forte ligação com o estudo os sons nas línguas orais. Portanto, parece inadequado o seu uso em referência às línguas sinalizadas se considerarmos principalmente a modalidade na qual se apresentam. Por isso, já no início das pesquisas acerca das línguas de sinais, Stokoe propôs a utilização de uma terminologia específica e mais coerente. Leite (2008) explica que

¹⁹ As palavras (em línguas faladas) e os sinais da LSB são constituídos de unidades menores e combinadas, conhecidas como fonemas nas primeiras e “queremas” nas últimas. Todavia são equivalentes e a diferença está no modo como essas unidades combinam entre si em duas modalidades distintas. As palavras são constituídas em sequência temporal pelos fonemas, enquanto que um sinal combina simultaneamente parâmetros de configuração de mãos, de ponto de articulação, movimentos, entre outros. Sobre isso Wilcox e Wilcox (2005) complementam que

As palavras sinalizadas e as faladas são ao mesmo tempo iguais e diferentes. Por um lado, elas são iguais porque elas são formadas por partes (fonemas ou queremas) que podem ser combinados para formar novas palavras. Esse fato demonstra que as línguas sinalizadas e as faladas compartilham uma característica básica que é própria de todas as línguas humanas. Por outro lado, as línguas sinalizadas e as faladas diferem na forma como combinam suas partes. Nas línguas sinalizadas, os componentes formadores são combinados simultaneamente, enquanto nas línguas faladas os componentes são colocados juntos seqüencialmente. Esse fato demonstra o efeito da modalidade na língua humana. (p. 45)

Stokoe e colegas mostraram que, aplicando-se a metodologia estruturalista clássica de contraste entre pares mínimos, era possível identificar uma série de aspectos dos sinais que, em si, não possuíam significado, mas que, quando agrupados de diferentes maneiras, permitiam a distinção de itens lexicais. Stokoe chamou esses elementos de *queremas* (do grego *quir*, mãos) por acreditar que a denominação fonema, com sua etimologia relacionada ao som, fosse por demais enviesada pelos estudos das LOs. (p.21)

Contudo, entendemos que o termo “fonologia” também possa estar relacionado às línguas de sinais, sobretudo porque já é recorrente o seu uso entre as pesquisas em todo o mundo e o seu estudo envolve as análises de elementos que ao serem combinados dentro da língua vão constituir os fonemas.

Quadros e Karnopp (2004, p. 48) argumentam que

apesar da diferença existente entre línguas de sinais e línguas orais, no que concerne à modalidade de percepção e produção, o termo ‘fonologia’ tem sido usado para referir-se também ao estudo dos elementos básicos das línguas de sinais. [...] Outros pesquisadores [...] têm utilizado os termos ‘fonema’ e ‘fonologia’, estendendo os seus significados de modo a abarcar a realização lingüística visual-espacial.

A utilização desses termos tem como aliado o argumento de que as línguas de sinais são línguas naturais, ou seja, se constituem dos mesmos princípios linguísticos que as línguas orais. Ainda que não seja baseado no som, o sistema fonológico das línguas de sinais pode apresentar regras já conhecidas para as línguas faladas (porém não sabemos medir o quanto são semelhantes, uma vez que a cada passo as pesquisas têm destacado novos resultados). Como exemplo destacamos a possibilidade de supressão de um elemento durante a sinalização, ou seja, a Configuração de Mão ou a Localização podem “desaparecer” em um sinal, assim como pode, também, ocorrer um processo de assimilação, quando um elemento é realizado de maneira semelhante àquele anterior ou subsequente. (EMMOREY et al., 1993, p.22).

Nas línguas de sinais, sobretudo na ASL, estudos realizados por Stokoe et al. (como o Dicionário da Língua Americana de Sinais, em 1965) registram propostas de determinados parâmetros para os sinais, a saber: Configuração de Mão (CM), Movimento (M), Ponto de Articulação (PA ou Locação -L). Conforme Quadros e

Karnopp (2004, p. 59), há ainda o parâmetro da Orientação de mão (Or), não citado por aqueles pesquisadores. Torna-se importante a sua inclusão como parte da fonologia da língua, pois as mudanças na orientação da(s) mão(s) na constituição dos sinais são também responsáveis por novos significados. Assim como aqueles fones, que isolados, não carregam significado

de modo semelhante [às línguas faladas], as línguas de modalidade gestual-visual são construídas a partir de elementos que não têm significado por si só, mas que podem ser combinados de diferentes formas para criar itens lexicais (sinais). Assim, os parâmetros fonológicos da língua dos sinais têm um valor contrastivo. (KARNOPP, 1994, p.36)

Com isso, os sinais podem se opor quanto à CM, ao M e ao PA, ou seja, essa noção de traços distintivos das línguas orais, nas línguas de sinais acontece no sentido “de que cada sinal passa a ser visto como um feixe de elementos básicos simultâneos [em que] os parâmetros sublexicais CM, M e PA entram na formação de itens lexicais, diferenciando sinais.” (KARNOPP, 1994, p.39).

Portanto, no nível fonológico é possível identificarmos os pontos de articulação, locais em que são feitos os sinais, que podem tocar alguma parte do corpo do sinalizante ou estar no espaço neutro; as configurações de mãos, que são as formas que estas adquirem, podendo variar o significado de um sinal de acordo com a configuração assumida ou com a combinação com os demais parâmetros; os movimentos, que podem ocorrer ou não; e a orientação das mãos, que é a direção assumida por elas. Todos, normalmente associados aos movimentos e às expressões faciais e corporais.

Após Stokoe, outros pesquisadores também se detiveram nos estudos acerca da ASL. Dentre eles, Xavier (2006) destaca Battison (1984 [1978]) e Klima & Bellugi (1979), os quais conferiram ao estudo da fonologia “[...] o acréscimo de um quarto parâmetro [constitutivo dos sinais] com base no qual os sinais podem contrastar lexicalmente. Trata-se da *orientação da palma*. (grifo do autor, p. 05). A Fig.1 esquematiza os três primeiros parâmetros: L (Localização/ Locação ou Ponto de Articulação), M (Movimento) e CM (Configuração de Mão):

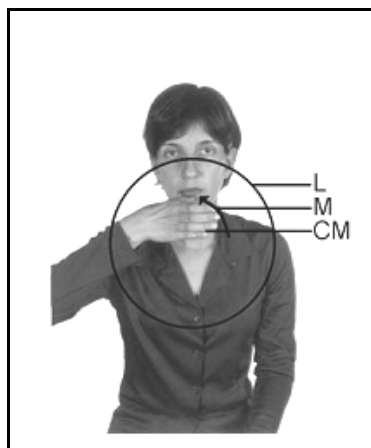


Fig.1 – Parâmetros Fonológicos da LSB (QUADROS & KARNOPP, 2004.)

O parâmetro da Configuração de Mão corresponde ao alfabeto manual da língua. Além disso, as mãos podem assumir outras formas (ver Fig. 2), as quais representam o sistema fonético da língua de sinais. Desse modo, para a constituição do item lexical – o sinal – precisamos associar CM ao Movimento e/ou à Localização.



Fig. 2: Configurações das Mãos: Sistema Fonético da LSB.²⁰

As variações entre esses parâmetros geram o que chamamos nas línguas orais de pares mínimos, uma nova forma linguística com um significado distinto. Se um falante produz palavras como “pata”, “bata”; “cola”, “gola”, percebe que há diferença na produção do som e de significado dos itens lexicais. Os sons têm características que se

²⁰ Quadro retirado de www.acessobrasil.org.br. A numeração acrescentada sobre as CMs são de nossa responsabilidade, uma vez que o mesmo quadro foi utilizado na transcrição dos dados em situações em que o sinal produzido pela criança ou pelo adulto identifica nomes de pessoas, cidades ou lugares. Por exemplo: CM09(nome-cidade) – Descrição da CM utilizada para identificar a cidade de São Paulo.

opõem apenas pelo fato de que dois desses fonemas são surdos /p/, /k/; e o outros, /b/ e /g/, são sonoros. É a combinação desses fonemas, de diferentes maneiras, que originam novas palavras. Stokoe (1960) destaca que as línguas de sinais obedecem a “princípios de organização estrutural semelhantes aos das línguas orais. Para sustentar sua hipótese, Stokoe demonstrou que sinais, à semelhança do que ocorre com itens lexicais das línguas faladas, são constituídos de partes.” (XAVIER, 2006, p.10).

Assim determinou os parâmetros já mencionados e identificou a possibilidade de eles se combinarem para a realização dos sinais o fez com que se pensasse no caráter contrastivo dos valores desses parâmetros. Desse modo, a realização de pares mínimos pôde ser reconhecida também nas línguas sinalizadas.

Sandler (2000) apresenta três sinais da ASL como exemplo, que se opõem quanto ao parâmetro fonológico da Localização. Não são pares, mas sim, uma diferenciação entre três itens lexicais que contrastados dois-a-dois evidenciam diferenças semânticas entre DRY (SECAR), UGLY (FEIO) e SUMMER (VERÃO):



Fig. 3 – Sinais que se opõem na ASL: Parâmetro da Localização. (adaptado de KLIMA & BELLUGI, 1979)

As diferenças no parâmetro do Movimento podem ser observadas nas seguintes imagens adaptadas de Rathmann (2005, p.13). Os sinais são: SIT, que representa o verbo SENTAR, com apenas um movimento; e CHAIR, que identifica o substantivo CADEIRA, com dois movimentos.

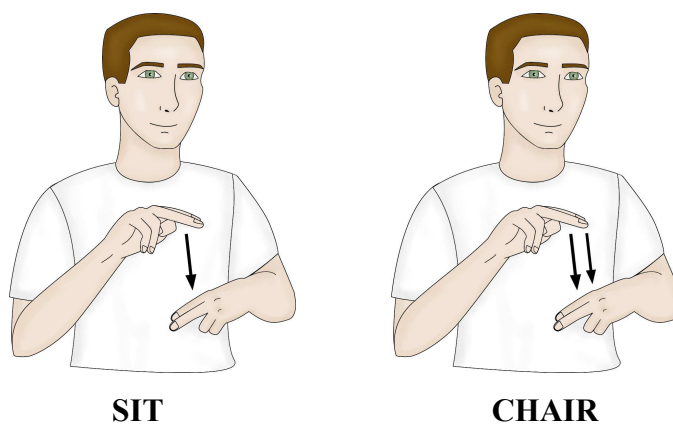


Fig. 4 – Par mínimo na ASL: Parâmetro do Movimento.

Na LSB, não diferente, também podemos identificar pares mínimos na diferenciação dos sinais. Temos os exemplo de Quadros (2004, p. 21) em que os sinais de AZAR e DESCULPAR se apresentam na mesma CM, em “Y”. Mas o local no corpo do sinalizador em que são articulados são distintos, ficando o primeiro sobre o nariz e o último sobre o queixo. Ainda, aquele é realizado com um movimento apenas em direção ao nariz e o segundo sobre o queixo pode apresentar um ou dois movimentos curtos, podendo variar um pouco entre os dialetos da LSB. As imagens, porém, não revelam as expressões da face correspondentes a cada sinal, uma vez que estamos salientando apenas um dos três parâmetros citados. De todo modo, associadas a esses sinais o sinalizante deve realizar expressões faciais condizentes com os significados dos itens sinalizados (conforme apresentamos na Fig. 6).

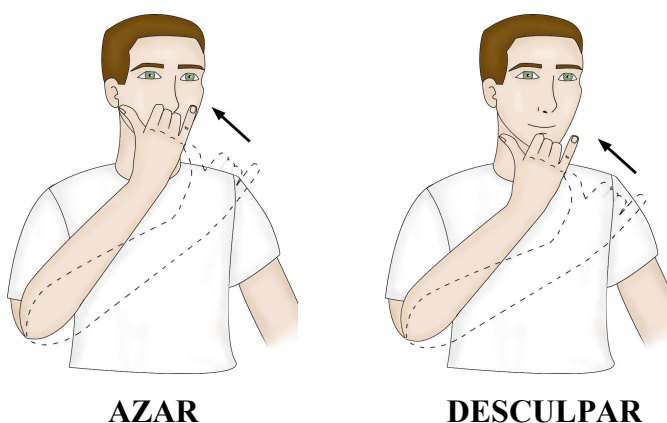


Fig. 5 – Par mínimo na LSB: Parâmetro da Localização.



Fig. 6 – Expressões faciais correspondentes aos sinais AZAR (elevação das sobrancelhas e olhos levemente arregalados) e DESCULPAR (sobrancelhas franzidas e leve arredondamento dos lábios), respectivamente.²¹

Os itens lexicais PEDRA e QUEIJO também formam um par mínimo na LSB. A diferença está na realização da CM, de modo que o movimento e o ponto de articulação se matêm.

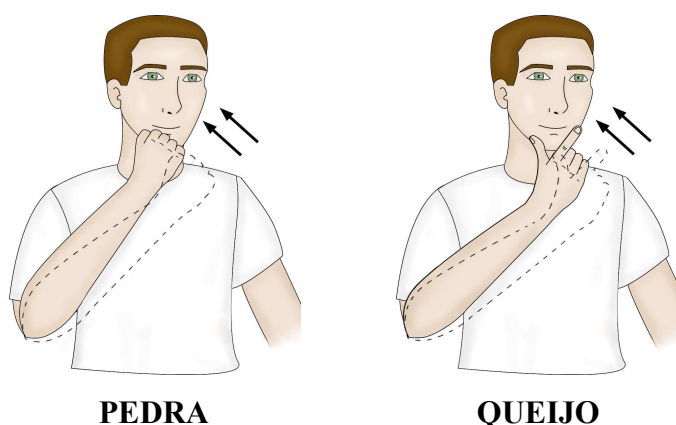


Fig. 7 – Par mínimo na LSB: Parâmetro da Configuração de Mão.

O quarto parâmetro, Direcionalidade ou Orientação, envolve a direção assumida pelas palmas das mãos do sinalizante. Os sinais podem ser produzidos com as duas mãos, sendo uma delas passiva e a outra ativa como em AJUDAR. De acordo com os argumentos do verbo a direção da palma da mão pode estar voltada para quem sinaliza ou ao receptor, de modo que na primeira situação teríamos VOCÊ/ELE ME AJUDAR e para a segunda EU AJUDAR VOCÊ/ELE. Esse parâmetro é um tanto mais complexo e, no caso dos verbos, envolve relações como a de concordância, espacialidade e trajetória.

²¹ Imagens retiradas do dicionário da LSB que se encontra disponível em: www.acessobrasil.org.br.



Fig. 8: Parâmetro da Orientação de Mão na LSB (QUADROS & KARNOPP, 2004)

A fonologia das línguas de sinais, portanto, trata das suas unidades mínimas, desde o aspecto físico da percepção e da produção, independentemente da sua função, até o estudo da estrutura e da organização dos constituintes fonológicos formados a partir dos parâmetros, de forma a regularizar e estabelecer padrões de combinação na formação dos sinais com seus significados.

1.3 MORFOLOGIA

Acerca da morfologia, podemos partir do conhecimento das línguas orais sobre morfema, como menor unidade significativa que se articula com outras unidades de mesmo nível. Uma unidade maior do que o morfema, da qual o falante tem conhecimento na sua língua, é a palavra. Há morfemas que por si só constituem palavras, chamados de *morfemas livres* “que podem constituir, isolados, um enunciado suficiente para a comunicação” (CARONE, 1995, p.31); outros não formam vocábulos, de modo que são denominados de *morfemas presos* (os afixos: sufixos, suprafixos, infixos e prefixos); e ainda há aqueles definidos como *formas dependentes*, que sozinhas não constituem enunciado(s) e não devem estar presas, porque podem ser separadas como palavras formais. Essas denominações se desdobram nas discussões sobre as línguas faladas. Nas línguas de sinais também o esforço por definições de algumas terminologias é grande e objetiva encontrar universais lingüísticos compartilhados entre as línguas.

Surdos e demais usuários de uma língua sinalizada, certamente, são capazes de perceber quando a realização de um sinal está coerente com os parâmetros fonológicos para a constituição de significado, mesmo que inconscientemente. Os parâmetros configuração de mão, movimento, direcionalidade, ponto de articulação e ainda, os marcadores não-manuais, conforme Felipe (2006)

podem expressar morfemas através de algumas configurações de mão, de alguns movimentos direcionados, de algumas alterações na frequência do movimento, de alguns pontos de articulação na estrutura morfológica e de alguma expressão facial ou movimento de cabeça concomitante ao sinal, que, através de alterações em suas combinações, formam os itens lexicais das línguas de sinais. São, portanto, [...] morfemas lexicais ou gramaticais que podem ser, diferentemente, uma raiz/radical (M), um afixo (alterações em M e CM) e uma desinência, ou seja, uma marca de concordância número pessoal (DIR) ou de gênero (CM). (p.201)

De maneira geral, verificamos semelhanças entre as línguas de sinais e orais, no que se refere às classificações dos processos de formação de palavras e de formação de sinais. Porém a diferença de modalidade entre essas línguas faz com que as pesquisas sobre as últimas esbarrem em algumas questões e dificuldades, como a tradição decorrente do estudo das línguas orais. Isto porque a tentativa de descrição e explicação acerca da morfologia de uma língua de sinais tem de enfrentar posições já determinadas e bases teóricas e publicações reduzidas ou limitadas. Em função disso, ainda são poucos os registros de pesquisas que envolvem essa área no campo dos estudos lingüísticos. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 86).

Pesquisas recentes e em andamento têm trazido discussões acerca da morfologia das línguas de sinais. Aronoff e colaboradores (2003), por exemplo, apresentam a concordância verbal e o mecanismo morfológico de marcação dessa concordância de maneira bastante complexa e analisam também as construções com verbos classificadores na ASL e na ISL. O sistema de classificador, para eles, é entendido como um “meio termo” entre concordância e morfologia afixional seqüencial, o que para muitos outros é uma propriedade universal das línguas de sinais, uma vez que seria em grande parte icônica, não-arbitrária.

1.4 SINTAXE

Partimos da noção de constituinte (para além da idéia comum de frase) como uma unidade sintática construída hierarquicamente que nas línguas de sinais se apresenta numa ordenação espacial e linear dos sinais, que recebe o nome de sintagma. Chegamos, assim, à ideia de sentença, que são os constituintes organizados em outros maiores sempre de maneira hierarquizada.

De uma forma muito particular, a organização sintática e o estabelecimento das relações gramaticais, nas línguas de sinais, acontecem no espaço de sinalização, de maneiras diversas. Toda e qualquer referência estabelecida durante o discurso requer um local delimitado, que pode estar no corpo do sinalizador ou no espaço neutro (onde acontece a articulação dos sinais). Junto aos sinais manuais normalmente aparecem as expressões não-manuais, as quais podem estar associadas às marcações de concordância gramatical através da direção do olhar, ou relacionadas com o foco, às marcações negativas, às de tópico e às interrogativas (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.132-133).

São muito frequentes as estratégias de referência durante o discurso do sinalizador aos locais estabelecidos por ele através de *apontações*, *classificadores*²² e *verbos*. Estes últimos agregam uma série de discussões realizadas entre os pesquisadores de línguas de sinais, de modo que ainda não estão nítidas, mas caminhando para algumas considerações importantes.

Trabalhos como os de Felipe (1989), Ferreira-Brito (1995) Quadros (1999), Lillo-Martin (1986, 1991), Fisher (1973), Liddell (1980), Friedman (1976), Pichler (2001) e Pizzio (2006), abordam discussões acerca da ordem das palavras nas línguas de sinais (LSB e ASL) e destacam a existência de variações sobre a organização entre sujeito (S), verbo (V) e objeto (O) nas sentenças. Contudo, as evidências na LSB apontam que há uma organização mais comum, a SVO. “As demais ordenações encontradas na língua de sinais brasileira resultam da interação de outros mecanismos gramaticais” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 139).

No capítulo seguinte, apresentamos ideias fundamentais acerca do conhecimento da linguagem, suas características e propriedades. Tomamos como base na Teoria da

²² *Apontações* são as indicações manuais aos referentes no espaço de sinalização. O sinal assume, normalmente, a configuração de mão em que o dedo indicador se apresenta estendido e os demais dedos fechados. *Classificadores* são sinais dotados de informações adicionais. Incorporam informação verbal da sentença e, geralmente, o objeto que está sendo sinalizado; também podem incluir número e grau. (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.205).

Gramática Universal – GU –, de Noam Chomsky, a qual postula a existência de um conhecimento inato e de princípios lingüísticos que guiam o processo de aquisição da linguagem na criança.

2 O CONHECIMENTO DA LINGUAGEM: A FACULDADE DA MENTE HUMANA

If Universal Grammar is truly universal, we should find that once modality effects are stripped away, sign languages conform to the general mold of human language. (Deborah Chen Pichler.)

A linguagem é faculdade da mente humana, não partilhada por nenhuma outra espécie animal. Para a gramática gerativa “a faculdade da linguagem não é um sistema homogêneo, mas sim o resultado da interação complexa entre vários sistemas ou módulos autônomos de natureza diversa, caracterizados por regras e princípios específicos a cada um deles.” (RAPOSO, 1992, p.15). É, portanto, algo que não podemos apontar, pois não se apresenta concretamente; encontra-se no interior da mente humana, refletindo diretamente a organização e o funcionamento do pensamento.

Parta Noam Chomsky, a faculdade da linguagem é composta por um sistema mental computacional, conhecido como **gramática**, existente na mente do falante adulto. A Gramática Universal – GU – é o estado inicial desse sistema no bebê, constituída de propriedades inatas, biologicamente programadas, especificamente linguísticas. Na medida em que a interação com o meio vai se desenrolando, essas propriedades sofrem uma maturação, gerando assim uma gramática exclusiva na mente de cada indivíduo. Logo, nascemos com a capacidade para a linguagem, também conhecida como **competência**. O seu uso concreto, variável entre as pessoas, é conhecido como **performance** ou **desempenho**.

Conforme explicita Quadros (2008, p.50)

[...] os seres humanos são, então, dotados de uma capacidade inata para a linguagem, e possuem um conhecimento sobre o sistema lingüístico, chamado de “competência”. Isso explica como uma criança exposta a tão poucos dados no seu ambiente, consegue desenvolver um sistema tão complexo em tão pouco tempo. Assim, a existência da GU, acionada por meio de um Dispositivo de Aquisição da Linguagem (DAL) [...] é o que desencadeia a competência lingüística da criança.

Na formação da GU há princípios que são rígidos, universais, e parâmetros variáveis de uma língua para outra. Estes são definidos conforme o *input* de cada comunidade, resultando na variação das línguas e dos dialetos. (KATO, 1995, p. 67)

A criança passa a fixar os parâmetros da gramática da sua língua a partir do que está disponível no seu meio de interação linguística e sua gramática vai maturando no decorrer do tempo.

Quando falamos em gramática, de modo geral, a apontamos como um conjunto de regras que caracteriza toda e unicamente as sentenças que produzimos e compreendemos. A gramática de uma língua, seja esta oral ou de sinais, representa o conhecimento do seu falante ou usuário. Compõe-se de um sistema de regras responsável por gerar sentenças e é sinônimo de língua ou competência, identificada pela literatura gerativista como língua-I (língua interiorizada).

Antes de especificarmos o conceito de língua-I, torna-se necessário reconhecer a existência do conceito geral de “língua”. Contudo, Chomsky (1986) adota a denominação “língua externa” (língua-E) a partir de algumas definições técnicas para determinar “que o constructo é compreendido independentemente das propriedades mente/cérebro. [...] a noção de língua como um conjunto, ou sistema de ações ou comportamentos de um certo tipo” (p.39), que envolvem situações de uso real da língua. A gramática poderia ser, diante disso, um conjunto de descrições e afirmações a respeito da língua-E, ou seja, uma função que ordena elementos dessa língua-E.

A língua-I, portanto, como mencionamos, se refere à gramática internalizada pelos indivíduos falantes e/ou usuários de uma língua. É elemento que está nas suas mentes, é adquirido e usado por eles. Diferentemente da gramática de uma língua-E, a gerativa objetiva representar o que uma pessoa sabe quando sabe uma língua. O conhecimento atingido (a língua-I) é o estágio estável da faculdade da linguagem. No processo de aquisição há uma “filtragem” do *input* através da GU em que uma formatação desta acontece por meio de marcações de um determinado valor paramétrico; após as marcações de todos os valores é que se tem a Língua-I. De forma sintética, Mioto e colegas (2000, p.36) apresentam o seguinte :

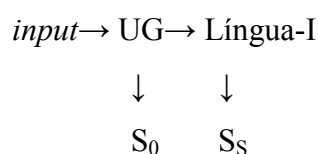


Fig.9: Esquema de representação do processo de aquisição da linguagem.

em que S_0 pode ser interpretado como o estágio inicial da aquisição (com a GU) e S_s como o seu produto, o estágio final, em que a gramática da criança se aproxima da gramática do adulto.

Assim, a língua-I pode ser resumidamente entendida como um sistema de regras que é fixado pela experiência, de acordo com o que é permitido pela GU. O ambiente linguístico ao qual a criança é exposta tem grande importância no processo, uma vez que se torna responsável por ativar estruturas linguísticas inatas dela, de modo que possa desenvolver a linguagem.

Portanto, internalizada pelo falante, esse sistema autônomo

consiste por um lado num dicionário mental das formas da língua e por outro num sistema de princípios e regras atuando de forma computacional sobre essas formas, isto é, construindo representações mentais constituídas por combinações categorizadas das formas linguísticas. [...] A gramática determina igualmente o modo como estas representações se articulam com outros sistemas conceptuais da mente humana ou com o sistema neuromuscular que determina a pronúncia [ou produção] das expressões. (RAPOSO, 1992, p.28)

De acordo com as ideias de Chomsky, a mente humana se organiza de maneira modular, em que módulos independentes, porém, que interagem de maneira bastante complexa e determinam propriedades dos fenômenos mentais.

Com base no pressuposto de que a linguagem é um sistema de conhecimentos interiorizados na mente humana torna-se importante destacar que alguns sistemas físicos no cérebro do falante e/ou usuário servem de apoio ao sistema de conhecimentos linguísticos. Sobre isso, o linguista traz algumas discussões ao distinguir “competência” de “performance”. O estudo da primeira se concentra no sistema de conhecimento mental de um falante idealizado de uma determinada comunidade linguística e o da segunda, de outro modo, se refere ao uso da linguagem em situações de fala concretas. Portanto, “a gramática enquanto modelo de competência é neutra relativamente à produção/compreensão da linguagem”. (RAPOSO, 1992, p. 32)

Uma questão a ser investigada, diante dessas colocações, envolve o saber como que a gramática se desenvolve na mente do sujeito e com base em quê isso acontece. Problema que, na verdade, tem a ver com a aquisição da linguagem.

Sabemos que as crianças adquirem uma língua naturalmente, sem qualquer noção acerca das especificidades da linguagem humana, e chegam à fase adulta usando uma língua adquirida sem esforço algum ou ensino formal em situações discursivas concretas. Isso ocorre independente da modalidade na qual a língua se apresenta, portanto, uma língua de sinais será adquirida no Brasil, nos Estados Unidos ou em qualquer outro país por aquelas crianças que forem expostas de alguma forma, desde muito pequenas, à língua de interação da sua comunidade. Isso acontece devido à existência de estruturas mentais, exclusivas da organização biológica da nossa espécie. A maturação e o desenvolvimento dessas estruturas que compõem uma espécie de órgão mental são responsáveis pela aquisição.

Tal processo é universal e muito rápido, tanto que em torno dos seus quatro anos de idade uma criança já adquiriu quase todas as especificidades, bastante complexas, de uma língua. Envolve, também, a experiência dos pequenos diante dos dados linguísticos primários aos quais têm acesso no seu ambiente linguístico. Desse modo, independentemente da forma e do grau de contato com adultos da sua comunidade, as crianças adquirirão uma língua. Isso significa dizer que

crianças numa mesma comunidade têm experiências linguísticas bastante diversas (com inputs diferentes) e os dados linguísticos primários que cada criança recebe são diferentes do que as outras recebem; mesmo com essa diversidade no input, todas elas acabam aprendendo a mesma língua. (GROLLA, 2009, p.03)

Essa observação indica a existência de um mecanismo mental inato entre os dados linguísticos primários e a gramática final adulta. Esse sistema de competência é, portanto, o resultado da interação entre aqueles dados e o mecanismo mental de aquisição. Porém, os estímulos iniciais parecem não conter as informações necessárias que expliquem o sistema rico e complexo que é adquirido em estágio final pelos pequenos. Diante disso, temos uma situação de “pobreza de estímulos” denominada por Chomsky de “problema de Platão”, para o qual ele sugere a existência de um “Dispositivo de Aquisição da Linguagem, DAL – do inglês *Language Acquisition Device – LAD*”, que inclui princípios comuns a todas as línguas (a Gramática Universal – GU, assim denominada pelos gerativistas). Esse conjunto de princípios linguísticos complexos tem o papel de guiar “de um modo predeterminado e extremamente

restringido a aquisição e [o] desenvolvimento da linguagem”. (RAPOSO, 1992, p.39).
Conforme acrescenta Grolla (2009, p.19),

Em outras palavras, a GU é caracterizada como a soma dos princípios lingüísticos geneticamente determinados, específicos à espécie humana e uniformes através da espécie. Uma vez que tais princípios são inatos, eles não têm que ser aprendidos.

Nessa perspectiva, concluímos que “a aquisição de linguagem consiste em aprender aquilo que varia de uma língua para outra, como, por exemplo, as palavras” (GROLLA, 2009, p. 19), o que continua por longos anos da vida de um adulto. Que há princípios universais para todas as línguas. Ainda, que o mecanismo de aquisição da linguagem é responsável por dar origem a uma língua particular, porém, os estímulos externos são necessários para que a faculdade da linguagem, a princípio igual para todas as crianças, se desenvolva. Isso depende dos ambientes lingüísticos aos quais elas são expostas. Desse modo, a partir do momento em que passam a fixar os parâmetros da gramática da sua língua, a GU passa por transformações e evolui para a gramática do adulto, chegando ao seu estado final.

2.1 CARACTERÍSTICAS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Além de apresentar propriedades como a da universalidade e rapidez, o processo de aquisição da linguagem se constitui da uniformidade e da sequencia de estágios. Estes podem variar um pouco entre crianças que se encontram em um meio lingüístico de interação numa língua falada ou sinalizada, como no caso dos surdos²³ que se encontram entre usuários ou nativos de uma língua de sinais.

Em qualquer das situações, a criança adquire um língua materna. Algumas diferenças entre as experiências das crianças são de ordem cultural, outras são de ordem social e algumas acidental (inesperada). As crianças que crescem na mesma

²³ Poucos são os surdos que nascem em uma família estritamente de surdos, conforme já destacamos. A maioria é filha de pais ouvintes e adquirem a língua de sinais com outros surdos próximos ou tardiamente, quando entram na escola.

comunidade linguística e aprendem a mesma língua, podem ter uma ampla variedade de experiências. Assim, toda criança em qualquer comunidade linguística adquire a língua daquela comunidade (crianças na mesma comunidade aprendem a mesma língua). Isso significa que as gramáticas que elas têm internalizadas são aproximadamente equivalentes.

Se compararmos o caso de adultos imigrantes, por exemplo, é possível verificar que eles demonstram grande dificuldade em dominar o que é normal para as crianças mais jovens ao adquirirem uma nova língua. Claramente, as crianças não usam os seus pais (adultos) como modelos e, ainda, elas aprendem as complexidades da língua falada ao seu redor com sucesso, como aquelas crianças cujos pais são falantes nativos.

Outra observação que vale destacar diz respeito aos casos de aquisição de mais de uma língua. Sabemos que a maioria das crianças adquire apenas uma e algumas duas ou mais. Em comunidades onde se fala mais de um idioma, os pequenos adquirem todas as línguas daquela utilizadas ao seu redor. Essa é uma função linguística do *input*, por isso, se os dados linguísticos primários da criança se limitam a apenas uma língua, ela aprenderá essa língua, apenas. A criança que é exposta a mais de um idioma e o utiliza, irá adquirir e manter a aquisição de todos os idiomas. Até onde se sabe, qualquer menino ou menina pode se tornar poliglota. (CRAIN & LILLO-MARTIN, 1999, p. 07)

Todas as línguas são adquiridas com mesma facilidade. Nenhuma em particular é tão difícil que só seja adquirida por um grupo específico de crianças que estão expostas a ela. Crain e Lillo-Martin (1999) explicam que é comum ouvirmos dizer que o russo, o japonês ou inglês são idiomas difíceis de aprender. E isso pode ser verdade para falantes adultos do inglês que queiram aprender certas línguas. Mas é importante notar que todas as crianças expostas ao russo adquirem russo, e que a língua é dominada por elas rapidamente e sem esforço, assim o como Inglês é adquirido pelas crianças inglesas ou americanas. O mesmo é verdadeiro para todas as outras línguas. (p. 08)

O idioma dos pais de uma criança não determina a língua da criança, exceto no sentido mais óbvio que as crianças falam (utilizam) qualquer língua que é falada (ou sinalizada) para elas. Ou seja, todas que forem expostas ao português irão aprender português ou se surdas e expostas à língua de sinais irão adquirir a língua de sinais. Porém, se a criança nascida em uma família de falantes de alemão precisar mudar de país, onde se fala um outro idioma, como o chinês, e for criada lá sem contato com falantes de alemão, ela irá falar somente chinês.

Diante disso, temos que o processo de aquisição, além de ser universal, é uniforme. “A universalidade e a uniformidade são propriedades linguísticas muito interessantes, mas são apenas a ponta de um iceberg.” (CRAIN & LILLO-MARTIN, 1999, p.08). Portanto, há questões que ainda precisam ser respondidas e características que podem ser aprofundadas, de modo que as incógnitas acerca da aquisição sejam esclarecidas.

Conforme observamos, grande parte da complexidade de uma língua é dominada pela criança antes mesmo de ela iniciar na escola, por volta dos três ou quatro anos de idade. Isso significa que, antes mesmo de receber um ensino formal, de ser alfabetizada, ela já internalizou grande parte de conhecimentos linguísticos acerca da sua língua. Certamente ela ainda não adquiriu o vocabulário completo do idioma, muitas palavras ainda não conhece, mas isso acontece também com os adultos, que continuam o aprendizado vocabular da língua por muito tempo. As crianças iniciam a alfabetização e geralmente não são eloquentes ainda no seu discurso. Mas não podemos ignorar o fato de que a maioria delas nessa fase pode produzir e compreender frases de extensão e complexidade consideráveis.

Outra propriedade de igual relevância para o desenvolvimento da linguagem tem a ver com o percurso que a criança desenvolve durante o processo de aquisição da língua da sua comunidade. Os pequenos progredem através de estágios que se apresentam em um padrão determinado de organização. As crianças podem apresentar variação na velocidade com que transcorrem de um estágio para outro, porém, todas percorrem as mesmas etapas. Por isso, o melhor indicador do nível de desenvolvimento da linguagem de uma criança é o estágio em que ela se encontra e não a idade, como pensado pela maioria.

2.2 COMO ACONTECE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM? ALGUMAS HIPÓTESES

Há algumas hipóteses que buscam explicar como acontece o processo de aquisição da linguagem, porém, muito intuitivas, parecem não dar conta de explicarem as características que explicitamos. É o caso da “tentativa e erro”. Essa teoria supõe que as crianças cursam os mesmos caminhos, isto é, realizando as mesmas tentativas e os

mesmos erros na mesma ordem, todavia, tal ideia não condiz com a realidade, uma vez que os pequenos recebem *inputs* diferentes dentro de um mesmo grupo social e, mesmo assim, desenvolvem os mesmo estágios no processo de aquisição. Se as crianças chegassem as suas conclusões por tentativa e erro, provavelmente apresentariam dificuldades em se comunicar uma com as outras, porque teriam chegado a conclusões diferentes. Conforme mencionamos, dentro da mesma comunidade linguística todas vão aprender a mesma gramática, ainda que com pequenas diferenças, mas de forma sistemática. Diante disso, temos mais argumentos a favor de que elas convergem de maneira uniforme para o estado final da gramática. (CRAIN & LILLO-MARTIN, 1999)

Outra ideia, muito comum, a respeito de como acontece o processo de aquisição, envolve a crença de que a criança só aprende uma língua porque seus pais a corrigem sempre que um erro é cometido. Porém, essa não deve ser a base de tal processo, principalmente porque as crianças produzem sentenças por elas nunca ouvidas ou vistas antes e as compreendem sem que qualquer correção precise ser feita. Outro problema em se pensar que essa hipótese explicaria as questões que envolvem o processo, está no fato de elas produzirem

um número muito limitado de erros. Se [elas] não produzem alguns tipos de erros, os pais não podem corrigi-las. Também, geralmente é observado que os pais prestam atenção no **que** as crianças falam, mas não em **como** elas falam. Ou seja, quando os pais de fato corrigem seus filhos, eles tendem a retificar sobre a adequação do conteúdo da fala das crianças relativamente à situação discursiva e não sobre a forma gramatical das expressões.” (GROLLA, 2009, p. 11, *grifo nosso*)

E quando isso acontece os pequenos não dispensam qualquer atenção para aquilo que está sendo corrigido e cometem os mesmos equívocos.

Outra proposta para o desenvolvimento do conhecimento gramatical da língua pela criança é a da imitação, para a qual as crianças aprendem a linguagem ao copiarem aquilo que os adultos dizem. Se assim fosse, os pequenos deveriam reproduzir as sentenças de seus pais, ou seja, construções com base em um padrão de interrogativas ou imperativas, pois é através de estruturas desses tipos que os adultos se dirigem aos pequenos. O que se observa é que, diferente disso, a linguagem utilizada por estes inclui em grande parte sentenças declarativas. Isso comprova que, embora nunca tenham ouvido essas construções, as crianças as produzem e os erros cometidos nada têm a ver

com aqueles que os adultos realizam. Por esses e outros fatores é possível afirmar que a “imitação não tem uma importância central no processo de aquisição de linguagem e isso por si só não pode explicar tal processo.” (GROLLA, 2009, p. 13)

Somada a essas hipóteses existe também a da possibilidade de os pais expandirem as suas falas durante a interação com a criança, transformando as formas simples que esta realiza em sentenças adequadas. Crain e Lillo-Martin (1999, p. 13) trazem o seguinte exemplo: se uma criança diz “Daddy chair” (Cadeira papai), o seu pai poderá responder “Yes, that’s right dear, you’re sitting on Daddy’s chair” (Sim, isso mesmo querido, você está sentado na cadeira do papai). Frequentemente os adultos fazem isso, mas esse não é um mecanismo decisivo para o desenvolvimento da linguagem.

Dentre essas suposições que procuram explicar como acontece esse processo na criança, destacamos, ainda, o “maternês” ou “manhês” (do inglês *motherese*). É comum que as pesquisas sobre o desenvolvimento das línguas de sinais apresentem crianças filhas de surdos em processo de aquisição de uma língua (de sinais) seguindo os mesmos passos de crianças ouvintes (ao adquirirem uma língua falada), e é muito natural, também, que se encontre adultos surdos que utilizam essa linguagem particular na comunicação com os pequenos (o “manhês” ou “maternês”, a fala direcionada à criança)²⁴. Tal possibilidade sugere que os pais, ao utilizarem a comunicação simplificada com seus filhos desde os estágios iniciais, estariam contribuindo para o desenvolvimento linguístico destes. Essa maneira de falar com as crianças, diferente daquela encontrada na comunicação entre adultos, também é conhecida como *baby-talk*; caracteriza-se pelo uso de sentenças formadas de maneira “incorreta”, com pequena extensão e frequentemente usadas com entoação diferenciada. Alguns estudos

²⁴ A fala direcionada à criança surda também se configura no modo como o seu pai ou sua mãe (ou outro adulto) constroem os enunciados na comunicação. Modificações como: poucos sinais por enunciado; repetições e expansão destes; maior articulação dos movimentos e dos demais parâmetros; ênfase prosódica evidenciada nas expressões da face e nos movimentos do corpo; e o uso de gestos são algumas das características que compõem a sinalização que é modificada no tratamento com a criança. Nesse sentido, o *maternês* pode ser entendido como um universal lingüístico, porém, não o principal responsável pelo processo de aquisição da linguagem, uma vez que podem existir comunidade em que sequer os adultos utilizem esse modo de interação na comunicação com as crianças. Masataka (1999) apresenta alguns resultados de suas pesquisas com a Língua de Sinais Japonesa e destaca que, diferente do uso da língua em contato com outros surdos, as mães, ao se direcionarem às crianças, usam sinais relativamente mais lentos, no tempo e nas repetições do item lexical e os movimentos de um sinal são mais exagerados.(p.8-9). Também Meier & Holzrichter (1999), em suas pesquisas acerca da ASL destacam que a sinalização direcionada à criança surda é muito semelhante à fala direcionada aos pequenos não surdos Segundo os autores, esta acontece com simplicidade, redundância e contornos prosódicos mais salientes, enquanto na língua de sinais americana os adultos, além de produzirem os enunciados dentro das características já destacadas, executam os sinais no corpo da criança, movendo-os, por exemplo, até o campo de sinalização dela, algo possível apenas em função da modalidade em questão. (p.37-38)

comparativos realizados entre crianças cujos pais utilizavam o “maternês” e outras cujos pais não recorriam a essa maneira de interagir com seus filhos, não identificaram diferenças no desenvolvimento da linguagem. Isso prova que o uso do recurso não interfere no andamento e na qualidade das informações apresentadas à criança como forma de acelerar ou facilitar o avanço dos estágios por ela. (CRAIN & LILLO-MARTIN, 199, p.14) Na verdade, a simplificação do *input* pelos adultos pode ser um complicador; a tarefa da criança fica mais difícil, ao contrário do que poderia parecer.

O *input*, quando complexo, pode colaborar para o aprendizado ao possibilitar a exclusão de hipóteses errôneas da língua. É preciso ficar claro que o “maternês” não é uma forma de colaborar para o desenvolvimento da linguagem, de outro modo, pode até ser prejudicial ao processo, uma vez que a criança passa ter acesso à linguagem de uma maneira mais simples.

3 OLHARES SOBRE A AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Conforme enfatizamos, a aquisição de uma língua é comandada por princípios da GU e estágios de desenvolvimento da linguagem são percorridos pela criança, independentemente da língua, ou da modalidade de língua em questão.

Quando ela é exposta desde o nascimento ao *input* linguístico na sua língua, as fases de aquisição se desenvolvem espontaneamente. Ainda assim, há crianças surdas que não têm essa oportunidade, porque seus pais normalmente esperam que aprendam a falar. Porém, se são surdas, não adquirirão a língua oral com o sucesso almejado. Dessa forma, passam a adquirir uma comunicação gestual, organizada de maneira complexa, porém, diferente da língua de sinais à qual deveriam ter acesso.

De acordo como que mencionamos, uma língua de sinais é considerada natural por alguns fatores. A sua organização cerebral é muito similar à das línguas orais, com período crítico de aquisição dependente do desenvolvimento e da maturação das vias visuais e de estímulos externos. Porém a habilidade para identificar estímulos visuais, como os movimentos das mãos, as expressões faciais e movimento do corpo é uma característica do indivíduo surdo. Isto porque

[...] ao utilizar a língua de sinais, o indivíduo surdo coloca o rosto do outro no centro deste campo [o campo visual], acompanhando os gestos manuais com a periferia do campo visual. Portanto, esta maior habilidade para discriminar e seguir estímulos, no caso o movimento das mãos, na periferia do campo visual é uma grande vantagem para o surdo, a qual não é aproveitada caso ele não utilize a língua de sinais. (RODRIGUES, 1993, p.16)

As fases de aquisição e de desenvolvimento em crianças surdas filhas de pais surdos acontecem de forma paralela às de crianças ouvintes filhas de pais ouvintes, com algumas diferenças, ou seja, são análogos. É por volta dos doze meses que surgem os primeiros enunciados; elas produzem, inicialmente, um/uma sinal/palavra de cada vez. Essa similaridade indica a existência de universais linguísticos entre as LSs e as línguas orais.

As pesquisas já desenvolvidas, que analisam as produções das crianças surdas filhas de surdos, que têm um *input*²⁵ linguístico apropriado aos estudos, comprovam que a aquisição de uma língua de sinais não se dá por simples observação, imitação ou treino. Já as informações quanto às crianças surdas filhas de pais ouvintes que não tiveram contato com uma língua sinalizada desde o princípio, comprovam a existência de dificuldades que levam à aquisição tardia da língua, entre outras consequências. Porém, mesmo com problemas identificados durante o processo, a capacidade de aquisição e desenvolvimento da linguagem não se extingue, de modo que essas crianças podem chegar às construções frasais com ordem sintática evidente e restrições sistemáticas, mesmo que após o período ideal.

Em outras palavras, todas as crianças, surdas ou ouvintes, em situações normais, adquirem a língua que as rodeia, sem qualquer tipo de auxílio especial ou instrução. Conforme Karnopp (1994)

elas começam a falar ou a fazer sinais com mais ou menos a mesma idade e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento linguístico. [...] o progresso que alcançam é, no total, independente de inteligência e de diferenças do meio cultural e social.

Portanto, se a linguagem humana é universal no sentido de que todos os membros da espécie humana têm a capacidade de adquirir uma língua, então é natural que as línguas de sinais sejam adquiridas por indivíduos surdos, em substituição às línguas orais. Esta suposição sobre a capacidade linguística humana confirma a evidência de que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem não dependem somente da habilidade de produzir e ouvir sons, mas dependem de uma capacidade cognitiva abstrata, biologicamente determinada que dá conta das similaridades entre as línguas orais e as línguas de sinais. (p.55)

Essas descobertas comprovam a sistematicidade da língua de sinais. Adquirir uma língua implica a aquisição de uma gramática com suas regras diversas e de vocabulário.

²⁵ De acordo com Scliar-Cabral (1975) “Dois *inputs* convergentes alimentam a produção dos primeiros itens lexicais [das crianças]: os enunciados dirigidos à criança (CDS) e suas próprias produções, excluindo o balbucio.”(p. 129). Essa é uma observação importante que reforça ainda mais a necessidade de se olhar para o contexto situacional e para os interlocutores das crianças, conforme temos encaminhado esta pesquisa. Isto porque, muitos dos enunciados dependem da situação e até mesmo os significados que vemos nem sempre são os mesmos atribuídos pela comunidade linguística e sim por aquele pequeno grupo de pessoas com o qual o infante está se relacionando.

Grolla (2009, p.03) destaca que “Crianças aprendendo uma língua seguem um padrão quase idêntico. Elas progridem através dos mesmos estágios de aquisição e na mesma ordem, embora a rapidez com que uma criança muda de um estágio para outro seja variável.”

A seguir apresentamos os estágios de aquisição da linguagem e as características de cada etapa em crianças surdas e ouvintes, a fim de explicitarmos as semelhanças e diferenças no processo desses dois grupos.

3.1 OS ESTÁGIOS DA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: LÍNGUA ORAL E LÍNGUA DE SINAIS

Conforme visto, a GU é entendida como parte da dotação genética de todas as crianças. Desse modo, tal hipótese, além de ter sua aplicação nos estudos entre as línguas orais também serve às análises daquelas que se apresentam na modalidade espaço visual, como é o caso das línguas de sinais.

O processo de aquisição de uma língua de sinais, portanto, também é conduzido pelos princípios inatos dessa Gramática. Isso significa que as fases percorridas pela criança surda nesse processo são quase idênticas às da ouvinte. É possível que existam diferenças se observarmos o processo de aquisição por completo, uma vez que as modalidades linguísticas são distintas, os *inputs* linguísticos são apresentados de maneiras específicas e a organização dos elementos acontece de modos totalmente diferentes de uma língua para outra.

As crianças surdas filhas de surdos, que participam da interação direta na língua de sinais, têm como língua nativa a de seus pais, de sua família²⁶. Isso significa dizer que, desde pequenas são expostas ao *input* de uma língua natural. Porém, crianças surdas que vivem entre adultos ouvintes e que desde muito pequenas não têm acesso ao

²⁶ Vale destacar que em torno de 5 a 10% das crianças surdas são filhas de surdos. Essa parcela de indivíduos convive com outros sujeitos também surdos desde o seu nascimento, ao contrário das demais crianças que nascem em famílias de ouvintes, os quais interagem com ela desde o seu nascimento na língua oral, portanto, em uma língua que não é visual.

input linguístico desejável, sofrerá com o processo de aquisição tardia da língua de sinais.²⁷

Para entendermos melhor o que acontece em cada fase com a criança, dentro de uma perspectiva inatista, portanto, em que os adultos sequer ensinam aos pequenos a língua, mas sim, interagem com eles por meio dela, passamos à descrição dos estágios.

3.1.1 Período pré - linguístico: Balbucios

Balbucio é um fenômeno comum a todos os bebês. Revela a capacidade para a linguagem, através dos sons ou de sinais. Em um determinado momento, a criança ouvinte, que também balbucia manualmente, passa a balbuciar na sua modalidade, uma vez que o seu *input* favorece o desenvolvimento do modo de balbuciar oral. As crianças surdas também apresentam balbucios orais, porém, eles são interrompidos em um período em que passam a realizar o fenômeno na modalidade da língua de sinais.

Nos surdos existem duas formas de balbucios: o silábico e a gesticulação. O primeiro se dá quando o bebê passa a apresentar combinações próprias do sistema fonético da língua de sinais, já a gesticulação não tem uma organização interna.

De acordo com Quadros (2008),

Esses sons, que os lingüistas denominam ‘balbucio’, apresentam uma organização progressiva. Inicia-se com vogais anteriores e consoantes guturais e, somente por volta dos seis meses, o padrão silábico do balbucio passa a ter uma organização CV – consoante vogal -, e a criança passa a usar sílabas duplicadas e a articular consoantes anteriores /p/, /m/, /b/ [...]. Independentemente do ambiente e das línguas com que os bebês estejam em contato, todas as crianças produzem o balbucio, ou seja, ele é um comportamento interno [...].

A criança ouvinte nessa fase já iniciou processos de distinção de estruturas fonológicas e pode perceber diferenças entre as línguas faladas ao seu redor. Diante de um fluxo de enunciados, os bebês conseguem distinguir vocábulos e sons que

²⁷ Não entraremos em detalhes da discussão desses casos, porém, vale destacar que a aquisição tardia da língua de sinais é realidade de uma grande parcela dos surdos. Conforme mencionamos, cerca de 90% a 95% são filhos de pais ouvintes que não sabem, portanto, a língua de sinais.

pertencem ou não a sua língua. (GROLLA, 2009, p. 06). Portanto, por volta de seis a oito meses o balbucio oral acontece, quando estruturas neurais alcançam um grau avançado de maturidade.

Já nas crianças surdas esse fenômeno ocorre mais tarde, por volta do primeiro ano de vida. Independentemente disso, bebês surdos e ouvintes desenvolvem balbucios manuais e orais²⁸, conforme salientamos. As crianças “começam a falar ou a fazer sinais com mais ou menos a mesma idade e atravessam os mesmos estágios de desenvolvimento linguístico. Além disso, o progresso que alcançam é, no total, independente de inteligência e de diferenças do meio cultural e social” (KARNOPP, 2004, p. 32)

Em torno dos dez meses os bebês ouvintes

começam a mapear som ao significado. Para extrair palavras do fluxo contínuo dos enunciados, os bebês se baseiam em várias fontes de informação específica de linguagem: a forma prosódica das palavras, regularidades distribucionais, informação fonética e restrições fonotáticas. Essas habilidades de percepção de linguagem altamente sofisticadas são cruciais para aprenderem o léxico da sua língua nativa. (GROLLA, 2009, p.06)

Algumas das similaridades encontradas nesse período da aquisição da linguagem, que levam a uma universalidade, sugerem que existe uma capacidade linguística envolvida no processo, independente da modalidade das línguas, de modo que, para uns, serão desenvolvidos os órgãos ligados à fala e para outros aqueles que servem à modalidade espaço-visual.

3.1.2 Uma palavra, um sinal

²⁸ Em sinais, ou línguas orais, o estágio que precede a produção das primeiras palavras é conhecido pelo fato de os bebês produzirem balbucios, que podem ser: vocais e manuais. Os dois ocorrem para surdos e ouvintes. Mesmo que o bebê ouvinte não seja exposto a uma língua de sinais, ele irá produzir gestos pré-linguísticos similares aos dos surdos. Esses balbucios manuais envolvem estruturas do tipo: esticar os braços para pedir colo, em crianças ouvintes. Já as crianças surdas produzem mais balbucios manuais que envolvem as configurações de mãos e os movimentos que constituem a fonologia da língua de sinais. (MASATAKA, 1999, p.18).

Há algumas variações de opinião acerca do que acontece nesse estágio com as crianças surdas. Nas crianças ouvintes, essa fase se desenvolve por volta dos 12 meses; nas surdas há estudos que o identificaram por volta dos seis meses (KARNOPP, 1994). Grolla (2009, p.05) afirma que, nesse estágio, as crianças ouvintes

geralmente usam palavras que nomeiam objetos em seu ambiente, como ‘mamãe’, ‘papai’, ‘auau’ etc. [...] os enunciados das crianças são compostos por apenas uma palavra. Esses enunciados de uma palavra geralmente têm o significado de uma sentença completa. Por exemplo, aos 15 meses, o bebê estudado por McNeil (1966) usou a palavra ‘door’ (porta) para significar “feche a porta” e ‘water’ (água) para significar “tem água em meus olhos.

Diante das diferenças nas posições teóricas, vamos considerar que a transição do balbucio manual para a fase seguinte aconteça por volta dos 12 meses até os dois anos de idade e acontece entre o período pré-linguístico e o linguístico. Karnopp (2004), após uma revisão bibliográfica sobre esse estágio no processo de aquisição das línguas de sinais, constatou que “a maioria dos estudos realizados durante o desenvolvimento dos enunciados de um e dois sinais focalizam, em especial, a produção, negligenciando a compreensão” (p.35). Isso revela que ainda faltam análises que abordem a produção de sinais e o início da sua compreensão de forma mais detalhada.

Os parâmetros fonológicos que primeiramente são adquiridos e mais articulados são: a Configuração de Mão, seguida do Movimento e os dispositivos de apontação, aqueles que surdos e ouvintes utilizam para indicar, apontar algo ou alguém, que nas línguas de sinais são parte do sistema pronominal. Esse fato evidencia uma reorganização do conceito de apontação inicial, que passa a ser visto como parte, elemento do sistema linguístico da língua de sinais para essa criança surda. Ela passa a adquirir, então, os pronomes de sua língua [...]. (KARNOPP, 1994).

Nas crianças ouvintes é possível verificar o uso de gestos, que podem comunicar desejos como os de querer colo ou alcançar algo ou alguém. Ainda, através da gestualidade elas passam a apontar para os objetos, as pessoas ou os animais e se referir a eles com apenas uma palavra. Com um vocábulo, também, a criança passa a designar ordens ou expressar significados mais complexos além refinarem os seus níveis de compreensão dos enunciados,. De maneira semelhante acontece com crianças surdas.

3.1.3 As combinações iniciais

Quando a criança passa a produzir alguns itens lexicais ela constrói enunciados, inicialmente, com apenas um sinal e, mais adiante, dois ou mais sinais passam a compor as suas combinações.

Esse estágio se desenvolve por volta dos dois anos nas crianças surdas e um pouco antes nas ouvintes, por volta de um ano e seis meses a dois anos. A criança surda começa a utilizar o sistema pronominal, porém de maneira instável. Alguns mecanismos espaciais ainda não são usados pela criança, como a referência a pessoas e objetos que não estejam fisicamente presentes. É possível verificar “erros” na organização dos elementos no espaço, porém, com referentes presentes as associações são realizadas de maneira consistente. (QUADROS, 1997b)

O padrão de aquisição das surdas é bem semelhante ao das ouvintes para a aquisição dos pronomes. Isso prova, mais uma vez, que o processo de aquisição é universal, apesar da diferença que insistimos em destacar.

Sobre a aquisição da LSB, as observações de Quadros (1995, p.30) evidenciam combinações de dois a três sinais, algumas omissões de sujeitos em situações em que estes se encontravam presentes no contexto discursivo. A pesquisadora verificou também o emprego dos verbos, e constatou a realização do “IR”, na sua forma não flexionada, por uma das crianças observadas. Isso sugere a presença de formas “congeladas” na sinalização, já que esse é um verbo de concordância (na LSB). A criança em questão produziu “AULA ;IR” para “(Eu) vou à aula”; e “EU ;SAIR TCHAU”²⁹ para “Eu estou saindo. Tchau!”, em que o sistema pronominal com referentes presentes é usado de maneira apropriada. Nessa fase, a concordância, portanto, não acontece, pois depende de fatores morfológicos ainda não internalizados.

²⁹ O registro escrito da LSB (o que ocorre também nos trabalhos que abordam outras línguas de sinais no mundo), para fins de análise, principalmente, tem se organizado na forma de glosas. Isto é, através das palavras em caixa alta, próximas a uma tradução para o português daquilo que é dito em língua de sinais. Nesta pesquisa também utilizamos as glosas como sistema de notação para apresentar exemplos, uma vez que ainda é bastante difícil organizar os materiais que compõem um trabalho acerca da língua de sinais visualmente, porque o formato exige grande empenho com edição e apresentação de vídeo (no capítulo referente à metodologia apresentamos mais detalhes acerca dos programas de transcrição e dos sistemas de notação das línguas de sinais).

No estágio seguinte, por volta dos dois anos e meios a três anos, a criança surda apresenta uma explosão vocabular. Ela passa a fazer diferenciações de ordem morfológica, porém, somente mais tarde, em torno dos cinco anos ela vai adquirir o domínio dos recursos completos da língua. (QUADROS, 1997b) Ainda nessa fase, é possível identificar falhas relacionadas ao estabelecimento dos pontos no espaço e a tentativa de relacioná-los às pessoas do discurso. Os referentes não presentes sofrem um processo de justaposição, ou seja, todos são colocados em um único ponto no espaço. Porém, por volta dos quatro anos, esse problema é amenizado de modo que a concordância (entre local e referente) ganha um grau de dificuldade, já que a retomada desses pontos requer organização nas produções linguísticas. Em seguida, os verbos passam a ser flexionados de forma adequada, e as “supergeneralizações” (processos em que a criança flexiona de maneira inconsistente verbos que não aceitam flexão na língua de sinais) desaparecem. A utilização dos verbos flexionados de modo coerente com a gramática da língua adulta só vai aparecer aos cinco ou seis anos.

Quadros (1997b, p.77) destaca que

por volta dos cinco anos e meio a seis anos e meio, as crianças adquirindo a LIBRAS usam concordância verbal de forma consistente. O uso de sujeitos e objetos nulos torna-se comum nesse período. Também se observam alguns exemplos com verbos da classe dos verbos com concordância com sujeitos pronunciados. Isso foi observado quando as crianças queriam tornar mais clara a identificação da identidade local, assim como ocorre na linguagem adulta.

Dessa maneira, a criança surda com acesso ao *input* linguístico em língua de sinais desenvolve a linguagem sem qualquer problema. Processos semelhantes aos que ocorrem na linguagem adulta aparecem de forma natural, uma vez que isso acontece sem nenhum exercício sistemático ou preocupação com a organização da língua. Independente da qualidade do *input* a que essas crianças são expostas, ou seja, do grau de interação com os pais e outros adultos, elas adquirirão uma língua, passarão por esses estágios e num período bastante rápido.

4 VISÃO GERAL SOBRE SINTAXE: A ORDEM DAS PALAVRAS NAS LÍNGUAS DE SINAIS

A ordem das palavras nas línguas de sinais é percebida por meio da articulação dos sinais no espaço, somada às expressões linguísticas não-manuais, de modo que revelem uma cadeia de enunciados coerente na estrutura dessa língua. Queremos evidenciar com isso que a variabilidade dessa ordem não é livre, uma vez que a estruturação das sentenças através da língua sinalizada respeita algumas limitações, similarmente ao que acontece nas línguas orais, ou seja, estas também apresentam a sua estrutura canônica para a hierarquia **Sujeito**, **Verbo** e **Objeto**.

Desse modo, a combinação entre as palavras na constituição das sentenças não é algo aleatório, está baseada em regras específicas que resultam na organização entre unidades menores que formam as unidades maiores e que, assim, sucessivamente chegam a estruturação dos sintagmas, que unidos formam as sentenças nas línguas.

Coelho (2009, p.60) e colaboradores, baseados na teoria de Princípios e Parâmetros, destacam que

há línguas de núcleo inicial (verbo-complemento) e línguas de núcleo final (complemento-verbo). O português [por exemplo] figura como uma língua de núcleo inicial, ou seja, prefere a ordem verbo-complemento [...]. Essas duas opções compõem o que é denominado de *parâmetro de direcionalidade*, segundo o qual algumas línguas humanas tomam a opção verbo-complemento como o inglês, por exemplo, e outras a opção complemento-verbo, como japonês. Sabe-se que a tarefa da criança na época de aquisição da linguagem será a de marcar uma dessas opções baseando-se nas evidências empíricas a que está exposta. Como nas evidências do português o complemento vem preferencialmente depois do verbo, é natural que a criança, que tem como língua natural o português, marque o parâmetro de ordem verbo-complemento como o parâmetro de sua língua.

Diante disso, vamos procurar entender como é a sintaxe das línguas de sinais. Apresentamos, a seguir, evidências acerca da LSB e da ASL.

4.1 A ORDEM DAS PALAVRAS NA LSB E NA ASL

A “ordem básica das palavras e suas variações nas sentenças” é tema de alguns trabalhos sobre a LSB e a ASL. De uma forma geral, a definição para *ordem da palavra* se refere à disposição linear em que os elementos aparecem em uma sentença. No inglês e no português falados a ordenação básica é sujeito, verbo e objeto (ou SVO). Recursos de ordem fonológica, como entoação, ou construções marcadas pragmaticamente (ex: clivadas, passivas, ou topicalizadas) são utilizados com variabilidade para indicar a estrutura de informação. (PIZZIO, 2006, p.19).

Nas línguas de sinais essa organização, que resulta nas relações gramaticais, acontece no espaço de sinalização. Os recursos da língua possibilitam movimentos em direções diversas, porém sempre determinadas pelo estabelecimento dos referentes no espaço. Dessa forma é possível concordar sujeito com verbo e objeto de maneiras variáveis, tanto na LSB como na ASL.

Também para Pichler (2001) a ordem mais comum na ASL é SVO, mas outras podem derivar dessa que é canônica, pois as línguas podem variar na maneira como os constituintes são combinados na sentença. Com base na teoria de princípios e parâmetros, o entendimento de *ordem básica das palavras* tem se modificado com o passar do tempo, mas o objetivo de especificar as relações de posição entre sujeito e predicado permanece.

Com base nos estudos de Fischer (1975) e Liddell (1980) sobre a ASL, Pichler (2001) assume a ordem SVO como canônica, porém com a possibilidade de variações derivadas dessa organização, denominadas ordens não-canônicas. Segundo as suas análises, a disposição VS (em que há colocação do sujeito pós-verbal) pode ocorrer, porém de forma restrita. Tradicionalmente o que acontece é a cópia do pronome-sujeito que dá origem àquela ordenação. Existe também a possibilidade de ocorrência da ordem OV, que não seja agramatical, como acontece em sentenças em que o objeto precede um verbo simples como FORGET – esquecer. Nesse caso, para que se mantenha a gramaticalidade, o objeto deve ser topicalizado, ou seja, aparecer em posição inicial da sentença associado, obrigatoriamente, à expressão não-manual de tópico – *top* – (como acontece também na LSB), que é a combinação entre vários traços da face e movimentos de cabeça e do corpo do sinalizador. Dentre as formas de topicalização, Aarons (1994 apud PICHLER, 2001) apresenta três tipos possíveis,

detalhados mais a frente, com base em diferentes marcações não-manuais, suas relações com os argumentos e função.

Os suportes para os trabalhos sobre a LSB, nessa mesma linha, são constituídos até o momento das pesquisas acerca da ASL, para a qual, da mesma forma, existem algumas possibilidades de variação na constituição das sentenças. Embora a ordem canônica seja SVO, outras ordenações podem ocorrer. Segundo Lillo-Martin e Berk (2003) na ASL, ainda que exista essa ordem canônica, ela não é, necessariamente, a mais freqüente. A organização que envolve a ordem SVO é muito usada em contextos neutros, a sua variação depende do contexto discursivo-pragmático. Os autores observaram crianças e adultos sinalizando e verificaram que (S)VS é uma ordenação possível, quando há um sujeito pronominal pós-verbal, numa construção denominada de “cópia do pronominal sujeito” (PADDEN, 1983 apud LILLO-MARTIN & BERK, 2003, p.487). Já a organização sintática da sentença em OV é permitida quando o verbo estiver morfologicamente marcado com aspecto, locação ou classificadores manuais ou ainda, quando houver a realização de verbos como HAVE ou WANT, que têm a propriedade de permitirem o movimento (a mudança de posição) dos objetos (O). Essa mesma ordem, em outras situações, leva à realização de tópico, em que aparecem o levantamento de sobrancelhas e a pausa prosódica como marcações não-manuais dessa estrutura na língua de sinais americana.

Com base em uma análise mais detalhada, e com o objetivo de justificar a recorrência da ordem SVO na LSB, Quadros (1999) desenvolve sua proposta de representação para essa construção. Essa ordenação pôde ser verificada através das realizações de orações subordinadas, na interação com advérbios, com modais e auxiliares. As construções básicas encontradas evidenciam a gramaticalidade na língua; as demais foram desencadeadas a partir da interação com outros mecanismos, também gramaticais (QUADROS & KARNOPP, 2004.p. 139).

Sentenças como EL@³⁰ CONHECE FLORIANÓPOLIS, em LSB:

(01) <IXa aCONHECERb>do³¹

³⁰ El@ se refere aos pronomes *ele(s)* ou *ela(s)*.

³¹ Os índices “a” e “b” revelam dois referentes distintos. A glosa “IX” identifica uma apontação (do inglês INDEX). Na mesma sentença, “do” revela uma “direção de olhar”. Se descrevermos os que as glosas e os índices associados a elas significam, temos uma cena em que o sinalizante aponta para uma pessoa “a” e o seu olhar se deslocando de “a” para “b” durante a sinalização manual do verbo CONHECER, de modo que a tradução seria “A conhece B”.

em que a estrutura é SVO, são exemplos de construções comuns. Nesse caso, a expressão não-manual é responsável por marcar a concordância entre o sujeito, o verbo e seu complemento, de modo que a direção do olhar acompanha a trajetória da pessoa (3ª pessoa do singular e sujeito), até o complemento (objeto – Florianópolis), conforme exige o verbo CONHECER.

As outras ordenações das sentenças (OSV, SOV e VOS) vão acontecer, porém, com algumas restrições. Estas derivam da SVO, e “as mudanças de ordens resultam de operações sintáticas específicas associadas a algum tipo de marca, por exemplo, a concordância e as marcas não-manuais” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 155).

As autoras citadas destacam que a concordância associada às marcações linguísticas não-manuais é responsável pela determinação das mudanças na ordem da frase na LSB. Essas marcas, segundo elas, geram as diferentes estruturações nessa língua, de modo que a sentença sem as marcações pode tornar-se agramatical.

Outras possibilidades de variação da ordem das palavras, a partir da ordenação OV, aparecem de acordo com os tipos de verbos. Após análises de propostas para as diversas ocorrências dos tipos de construções com objeto e verbo, Pichler (2001, p. 45-46) adota OV como uma ordenação possível, com verbos com aspecto, espaciais e manuais, agrupados em uma categoria denominada de “reordenação morfológica”, desde que esses verbos não sejam simples (*plain verbs*), para que a sentença seja aceitável.

Ao tomar essas análises como base, Quadros (1999) propôs uma visão geral da estrutura sintática da LSB, enfocando a constituição da estrutura frasal dessa língua a partir de construções interrogativas, de tópico e foco. A ordem básica encontrada também foi SVO, ainda que outras variações derivadas desta sejam possíveis (OSV e SOV). Essas mudanças de ordem acontecem através de operações sintáticas que são motivadas por meio das interfaces com a fonologia e a semântica (CHOMSKY apud QUADROS, 1999, p. 46). Diferentemente dos trabalhos que defendem a ordem SVO básica e única possível para a LSB, há algumas possibilidades de ordens básicas, com variações similares às encontradas para a ASL, porém com menos restrições.

Uma proposta interessante de Quadros (1999) se refere à ordem SOV, como possível derivação de SVO, de modo que aquela pode acontecer em sentenças com a presença de *double construction* (construção duplicada), como em “MAN BUY CAR

BUY” (p.51). Essa última ocorrência (ou “cópia”) do verbo BUY (COMPRAR) está em posição de foco.

Para chegar às conclusões sobre a ordem mais comum e suas derivações na LSB, foram observados alguns fatores:

- (i) all SVO sentences are grammatical without any additional information;
- (ii) OSV and SOV word orders are allowed only when there is some special characteristic (or feature), such as agreement and the non-manual markers;
- (iii) there is no doubt about the interpretation of SVO sentences with ‘reversible’ arguments, as with OSV and SOV word orders; however, the sentences containing such reversible arguments are considered ungrammatical with transitive verbs because both arguments are interpreted as subject, and the object is eliminated. This is not the case with optional transitive verbs, since the sentences with ‘reversible’ arguments are ambiguous;
- (iv) other combinations such as VSO, OVS and VOS are not possible in LSB, even in the presence of a special marker (QUADROS, 1999. p.73)³²

Para a ordem SVO, conforme mencionado, nenhuma outra informação adicional deve aparecer, de forma a garantir sua gramaticalidade. Essa ordem é considerada a mais básica, também, por não exigir a presença de marcas não-manuais. Já para as demais, SOV e OSV, deve aparecer algo a mais na sentença, que poderá ser a concordância e/ou essas marcações não-manuais.

A organização espacial das línguas de sinais possibilita diferentes formas de se relacionarem gramaticalmente os seus elementos. Trabalhos sobre a organização das línguas de sinais no cérebro humano, como o de Emmorey, Bellugi e Klima (1993), destacam que

várias das funções sintáticas que são realizadas nas línguas faladas através da ordem das palavras ou marcação de caso são expressas na

³² (i) todas as sentenças SVO sem informação adicional são gramaticais; (ii) as ordens OSV e SVO são admitidas somente quando há alguma característica especial, como concordância e marcações não-manuais; (iii) não há dúvidas acerca da interpretação de sentenças SVO com argumentos “reversíveis”, como com as ordens OSV e SOV; embora as sentenças que contenham argumentos reversíveis sejam consideradas agramaticais com verbos transitivos porque ambos argumentos são interpretados como sujeito, e o objeto é eliminado; (iv) outras combinações como VSO, OVS e VOS não são possíveis na LSB, mesmo na presença de alguma marca especial. (*tradução nossa*)

ASL por mecanismos espaciais. Por exemplo, quando sintagmas nominais são introduzidos no discurso em ASL, elas podem ser especificadas num lugar arbitrário no plano do espaço de sinalização. Uma vez que um referente foi associado com um lugar, o sinalizador pode então se referir àquele referente usando um sinal pronominal dirigido àquele lugar. Além disto, os verbos podem se mover em relação a estes lugares para indicar relações sujeito-objeto [...]. Geralmente, durante o discurso, estes lugares permanecem fixos no espaço, mas sob certas condições (por exemplo, para expressar uma mudança de perspectiva), todo o espaço referencial pode ser modificado para refletir a perspectiva de um dos referentes. Além disto, os lugares espaciais podem ser inseridos dentro de diferentes sub-espacos do plano de referência, e há evidência de mais do que um plano de sinalização (por exemplo, referência não especifica e contractual pode usar planos de espaço diagonais e/ou mais altos). De um modo geral, o sistema sintático da ASL é usado para expressar as mesmas funções lingüísticas encontradas nas línguas do mundo, mas a forma que estas funções tomam é explicitamente espacial. O uso do espaço para funções sintáticas é um recurso único, fornecido pela modalidade visual da língua de sinais. (p.25)

Essas colocações revelam equivalências e semelhanças entre as modalidades das línguas orais e de sinais, contudo, a semelhança é maior quando comparadas duas línguas de sinais. De acordo com o que registram os autores, é possível perceber grande analogia com a LSB. Diante disso, entendemos que a ordenação das palavras na formação das sentenças depende dessa organização espacial e singular da língua sinalizada.

A ordem linear que prevalece na língua de sinais brasileira, conforme foi apresentado, é **Sujeito, Verbo e Objeto – SVO –**, sempre que o primeiro e o último forem explicitados na sentença, como em:

(02) JOÃO AMAR ELA MARIA

João ama Maria

(03) MARIA GOSTAR ELE JOÃO

Maria gosta de João

(QUADROS, 1997, p.127)

Nem todas as sentenças são constituídas dessa forma, porque elas podem apresentar a mesma ordem, mas a posição de sujeito ou de objeto omitidas. Assim, as sentenças continuarão com a formação SVO, mas aparece uma lacuna com realidade sintática. Não há necessidade de pronúncia do sujeito nem do objeto, uma vez que

podem ser recuperados no contexto sintático, conforme os exemplos de Quadros (1997, p. 127-128):

(04) a. e_a PEGAR $_b$ e .
(ele_a) pegou (ele_b).

b. ELE $_a$ PEGAR $_b$ ELE.
Ele pegou ele.

(05) a. EU PENSAR e_j DIZER $_y$ e_y PRECISAR e_y PAGAR $_{arb}$ LUZ.
Eu pensei que (ele_j) havia dito para (ele_y) que (ele_y) precisava (ele_y) pagar a luz (para alguém).

b. EU PENSAR ELE $_j$ $_j$ DIZER $_y$ ELE $_y$ ELE $_y$ $_y$ PRECISAR ELE $_y$ $_y$ PAGAR $_{arb}$ LUZ.
Eu pensei que (ele_j) havia dito para (ele_y) que (ele_y) precisava (ele_y) pagar a luz (para alguém).

Outras estruturas podem ser identificadas na LSB através da ordem SV, com verbos simples (que não flexionam número nem pessoa – intransitivos). Na ordem SOV, com verbos do tipo direcionais, em que o próprio verbo carrega consigo os pronomes, de modo que estes podem ser recuperados no contexto.

Confirmamos essas possibilidades nas seguintes construções:

(06) ELE ELA CHORAR (SV)
Ele e ela choraram.

(07) a. LUIZ ELA ANA $_a$ AJUDAR $_b$ (SOV)
Luiz ajuda Ana.

(08) b. LUIZ ELA ANA $_b$ AJUDAR $_a$ (OSV)
Ana ajuda Luiz.

Desse modo a direção do verbo é responsável por determinar o sujeito e o objeto da sentença. Com os pronomes pronunciados, temos, portanto:

(09) a. LUIZ_a ELA ANA_b ELE_a AJUDAR_b ELA.

Luiz ajuda Ana.

b. LUIZ_a ELA ANA_b ELA_b AJUDAR_a ELE.

Ana ajuda Luiz.

Ocorrem, também, construções com verbos duplicados na LSB, assim como podem ser duplos os constituintes WH, entre outros elementos, normalmente verificados na formação de sentenças como:

(10) _____ wh³³
O QUE MARIA TER O QUE

(11) _____ ênfase
MAMÃE MANDAR, PRECISAR ESTUDAR PRECISAR

(12) _____ neg
NUNCA GOSTAR LER NUNCA

Já as construções topicalizadas apresentam um marcador de tópico (que é a marcação não-manual) e uma pausa na sentença representada pela vírgula no exemplo (13). Na sentença (14), porém, a palavra WH no início da construção com WH duplo não apresenta essa característica, ou seja, a primeira ocorrência do WH não é um tópico, pois não há a quebra típica de *tag questions* antes da ocorrência do segundo WH. Vejamos:

(13) _____ top
FILME, EU GOSTAR AVENTURA.
Filme...Eu gosto de aventura.

³³ A linha contínua que é colocada sobre a sentença revela a ocorrência de um elemento não-manual que se espalha sobre ela e finaliza onde termina o traço. Vale destacar, que a única maneira exata de verificar o início e o fim da realização de uma expressão não-manual é através de recursos visuais como vídeo. Portanto, o registro através de glosas apenas dá uma idéia de como a sentença é produzida. Isso revela, também, uma grande dificuldade em se trabalhar com os não-manuais no formato que temos apresentado este trabalho.

- (14) $\frac{\text{DE QUEM JOÃO GOSTAR QUEM}}{\text{wh}}$ (QUADROS, 1997, p. 131)

Resumindo, a respeito da “flexibilidade” da ordem das palavras nas frases da LSB, podemos apontar que todas as sentenças com ordenação SVO são gramaticais. As ordens OSV e SOV podem aparecer, mas somente quando existe algo que é acrescentado na sentença, como a concordância e as MNMs³⁴. É possível a realização de SOV ou OSV associadas a marcações não-manuais, porém, se houver uma estrutura complexa (como uma oração subordinada) na posição de objeto, este não poderá ser mudado na ordem (isso revela uma restrição para essas ordenações e comprova que SVO é, ainda, a mais básica). Já com as construções em que aparecem advérbios temporais e de frequência, a relação entre o verbo e o objeto não pode ser interrompida, portanto, a ordem deve permanecer SVO e os advérbios temporais devem aparecer antes ou depois da sentença, enquanto os de frequência antes ou após o complemento verbal.

A topicalização, através de mecanismos gramaticais associados à marcação não-manual específica (elevação das sobranças), aparece também como responsável pela variação. Ela aparece no início da sentença como estratégia enfática e é seguida de comentários a respeito do que está sendo dito. Nessas construções, a MNM não se espalha sobre o enunciado, mas apenas sobre o que é topicalizado, e a sua posição é a mais alta de toda a sentença (acima de CP – *Complementizer Phrase*). O que vier em seguida estará associado a essa estrutura, e, caso dependa de outra marcação não-manual, esta será produzida também logo após, numa relação de hierarquia, como acontece no exemplo em que há realização de interrogativa, porém, antecedida pela topicalização:

- (15) <CARRO>t <QUAL DELE?>qu³⁵
Qual é o carro dele?

³⁴ Leia-se **marcações não-manuais**. Para o singular adotamos MNM.

³⁵ O uso dos símbolos “< >” é outra maneira de destacar a(s) ocorrência(s) de elementos não-manuais realizados durante a sinalização. Essa variação nas formas de registro dos elementos linguísticos que constituem as sentenças nas LSs é apresentada em maiores detalhes no referente à Metodologia.

(16) *<<CARRO QUAL TEU?>qu>t

(QUADROS E KARNOPP, 2004, p. 149)

Nessas construções observamos que o tópico é produzido associado à marcação não-manual correspondente (de elevação das sobrancelhas, conforme a transcrição <>t) e é seguido pela marca também não-manual de interrogativa (traduzida por <>qu).

Em (16) a sentença é agramatical, uma vez que não é possível incluir o tópico no escopo da sentença interrogativa, como ocorre também nas línguas faladas. Assim, a marcação não-manual de tópico não se espalha sobre a sentença ficando restrita ao item topicalizado e então, em seguida, é realizada a marca não-manual referente à interrogativa.

Outra construção que interfere na variação da ordem das palavras, na LSB, refere-se a foco, inclusive naquelas em que aparecem os verbos sem concordância, gerando estruturas do tipo SOV. Nesses casos, acontece uma duplicação de constituintes dentro da sentença (outra forma de dar ênfase), porém, de uma maneira diferente daquela gerada através das topicalizações. As construções duplas decorrentes dessa ordenação podem conter não somente verbos, mas advérbios, modais e quantificadores. Segundo Quadros e Karnopp (2004) “o foco é gerado quando há uma informação interpretada com entonação mais marcada, ou seja, focalizada. Gramaticalmente, essa informação está associada a um traço de foco que licencia o apagamento de sua cópia.” (p. 153)

(17) EU ~~PERDER~~ LIVRO <PERDER>mc

Eu perdi o livro.

Aparentemente a construção obedece a ordem SOV, mas o que acontece é uma derivação SOV, uma vez que o verbo original foi apagado devido à possibilidade de a sua cópia ser gerada no final da sentença, de modo que a ordem desta passa a ser S(V)OV. A marcação não-manual afirmativa (que aparece com o movimento de cabeça “mc”) deve aparecer associada à sinalização de PERDER, como acontece na maioria

dos casos de construções com foco. Assim, há uma entonação mais marcada sobre o verbo duplicado licenciando o apagamento do verbo original. Também em casos em que há verbos de concordância e o objeto é elevado em sua posição, aparece a ordem SOV, como em (18); ou, na omissão do sujeito e do objeto, em construções com os mesmos verbos, aparece a derivada (S)V(O), uma vez que a concordância é marcada pela direção do olhar e pelo tipo de verbo que revela um deslocamento no espaço de sinalização, partindo de “a” até “b”, ao sinalizar o movimento de dar algo para alguém (movimento direcional) (veja (19)). (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 154)

(18) JOÃO^a MARIA^b aDAR^b LIVRO NÃO

João não deu o livro a Maria.

(19) aDAR^b

(el@) deram (algo) (el@)

Observamos, portanto, o papel fundamental da realização das marcações não-manuais sobre a variabilidade da ordem das palavras nas sentenças em línguas de sinais.

Diferentemente do que acontece com tópico e foco (em que essas marcações não se espalham sobre a sentença), nas interrogativas, as marcas não-manuais associadas a essas construções são espalhadas obrigatoriamente sobre o seu domínio de c-comando³⁶, e não apenas sobre um constituinte, como nos exemplos retirados de Quadros e Karnopp (2004, p. 187-188):

(20) <JOÃO PEGAR O QUE>qu

O que João pegou?

(21) * JOÃO PEGAR <O QUE>qu

³⁶ A noção de comando é aquela que garante a relação hierárquica entre os constituintes de uma sentença. C-comando é uma informação mais restrita que exclui que o especificador seja comandado pelo núcleo, de modo a evitar a agramaticalidade das sentenças. Temos, portanto “ α c-comanda β se e somente se: α não domina β nem β domina α ; cada nóculo ramificante γ que domina α também domina β .” (MIOTO et al., 200, p. 154).

(22) * JOÃO PEGAR <BOLA>sn

As construções (21) e (22) são agramaticais, uma vez que a MNM não se espalha sobre a sentença inteira e não podem significar as interrogativas *O que o João pegou?* e *João pegou a bola?*, respectivamente. Mas na LSB essas construções parecem possíveis quando desejamos perguntar algo, confirmando-o (*tag questions*), no caso da sentença (22), em que teríamos: *João pegou a bola, não pegou?* Para a antecedente ser gramatical sua construção teria de ser do tipo *eco*, como: *João pegou...o que mesmo?*

Ainda sobre as interrogativas na LSB, e diferentemente do que ocorre na ASL, “nas orações principais tem um sinal diferente do sinal das orações subordinadas. [...] a marca não-manual associada com a oração interrogativa subordinada é mais tensa do que aquela produzida com a oração principal” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 193). Isso revela uma facilidade em identificar as orações na língua.

De acordo com o que já mencionamos, as interrogativas diretas e indiretas também são constituídas de marcações não-manuais, principalmente esta última, em que parece haver a ideia de se querer confirmar uma informação, como o exemplo:

(23) TU SABER IX CONQUISTAR <QUEM>qu~³⁷

Tu sabes quem el@ conquistou?

Essas construções, portanto, apresentam algumas possibilidades de ocorrência, de acordo com as marcações não-manuais envolvidas podendo contribuir, assim como as produções com foco, para a mudança na ordem das palavras na LSB.

Além de influenciarem na estrutura sintática da língua, gerando sentenças negativas, interrogativas, afirmativas, condicionais, de tópico e foco, as marcas não-manuais podem, também, no nível morfológico, interferir na constituição dos adjetivos, substantivos e, ainda, dos advérbios. Isso poderá ser observado no capítulo seguinte e na parte reservada às descrições e às análises dos dados da criança.

³⁷O símbolo “~” identifica uma expressão facial diferenciada:

5 AS MARCAÇÕES NÃO-MANUAIS (MNMs)

Neste capítulo, apresentamos algumas posições e análises sobre as marcações não-manuais nas produções em línguas de sinais e na sua aquisição embasados nos trabalhos de Ben Bahan (1996), Quadros (1995; 1999) Karnopp (1999), Pichler (2001), Quadros & Karnopp (2004), Reilly (2006), Pizzio (2006), entre outros autores pesquisadores de línguas de sinais.

Conforme os objetivos desta pesquisa, nossas observações estão voltadas aos comportamentos dos não-manuais obrigatórios realizados pela criança. Para isso passamos às subseções seguintes em que trazemos com maiores detalhes os papéis desses elementos nas línguas de sinais e os seus reflexos na sua gramática.

5.1 O COMPORTAMENTO DAS MNMs NAS LÍNGUAS DE SINAIS

Damos destaque às marcações não-manuais do ponto de vista psicolinguístico, tomando-as como elementos importantes e fundamentais à aquisição da linguagem.

As expressões não-manuais têm, basicamente, “dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens lexicais” (QUADROS & KARNOPP, 2004. p. 60).

As distinções na ASL entre as expressões afetivas e as linguísticas podem ser verificadas através do comportamento dos sinais da face. Estão organizadas em quatro características básicas que descrevem o uso da musculatura facial para diferentes finalidades. De acordo com Quadros e colaboradores (2009), elas podem se apresentar da seguinte forma e carregar determinadas funções:

- (a) rápido início e compensação da ativação do músculo: as expressões faciais afetivas são inconstantes e inconsistentes nos seus padrões de início e de compensação. Em oposição, as expressões faciais linguísticas na ASL são claras, rápidas e específicas em seus padrões;
- (b) músculos faciais individualizados: as expressões afetivas são globais e fazem uso de um conjunto de músculos faciais, enquanto as expressões faciais gramaticais podem escolher músculos faciais

individuais que nunca são individualizados numa expressão normal de emoção;

(c) escopo lingüístico: expressões afetivas podem ocorrer tanto antes como depois de uma produção lingüística e não estão necessariamente associadas a um evento lingüístico específico. Já as expressões faciais gramaticais estão intimamente ligadas aos sinais manuais. O escopo da expressão lingüística facial demarca fronteiras gramaticais pontuais.

(d) obrigatoriedade: as marcas lingüísticas faciais para a função específica a que pertencem (orações relativas ou condicionais, por exemplo) são requeridas na ASL, enquanto que a marca [sinal] manual é opcional. (p. 07)

Análogo ao que ocorre na LSB, o comportamento facial com função lingüística na ASL compõe “um conjunto limitado de comportamentos categóricos ou discretos no qual componentes, escopo e forma são regras governadas e impostas pelos requisitos do sistema lingüístico” (QUADROS et al., 2009, p.07). Diferem das expressões de caráter afetivo, as quais se apresentam variáveis e contínuas se comparadas às primeiras.

As informações que essas marcações carregam perpassam os diversos níveis citados (fonologia, morfologia, sintaxe e semântica), pois ocorrem simultaneamente aos elementos manuais da língua, ou independentemente deles. Ou seja, em determinadas produções os marcadores não-manuais são indispensáveis e em outras acrescentam pouco ou complementam a informação junto à sinalização. As marcações não-manuais devem aparecer em construções sintáticas do tipo tópico e foco, em sentenças interrogativas sim-não ou interrogativas –QU. Podem ser realizadas de maneira sutil em outras construções mais simples como as de distinção semântica entre um simples verbo e um substantivo, de modo que pareçam quase que ausentes, ou acontecer como marca de referência específica como grau e aspecto.

Um papel importante dessas marcações é abordado por Bahan (1996), em que o autor analisa as expressões não-manuais com função de concordância sintática na ASL. As localizações no espaço, segundo ele, podem ser sinalizadas por meio da inclinação da cabeça (*head tilt*) e da direção do olhar (*eye gaze*). Quando, por exemplo, quer se fazer referência às pessoas gramaticais (ou referência pronominal) previamente localizadas no discurso, pode-se não-manualmente retomá-las, isto porque as línguas de sinais comunicam face a face e as expressões que não utilizam as mãos para significar, na maior parte das vezes, utilizam as expressões e movimentos do rosto, ainda que o corpo possa fazer parte da articulação dos significados.

A ordem das palavras na ASL, conforme já descrevemos é a de base SVO. A variação desta é frequentemente revelada por meio de sinais (expressões) não-manuais, ou seja, elas interferem diretamente nas mudanças de ordem sintática durante a produção lingüística. Podemos tomar como exemplo os comportamentos do tipo: levantamento das sobrancelhas ou abaixamento delas, posições do corpo do sinalizador e marcações prosódicas (como pausas).

Pesquisas realizadas por ABNK (1992, 1994, 1995 apud BAHAN, 1996, p.31) têm concluído que a estrutura sintática da ASL está baseada na distribuição dos marcadores gramaticais não-manuais localizados na cabeça (por exemplo: balanço desta e movimentos e posições das sobrancelhas) que seguem acompanhados de sinais manuais e distribuídos, sintaticamente, acima do nó de domínio “c-comando”, com o qual estão associados.

As sentenças podem incluir, além do levantamento das sobrancelhas, a inclinação da cabeça, conforme Aarons (1994) referido por Bahan (1996, p. 42), para as marcações de tópico, assim observadas em:

_____tm1
(24) BAGELSi, BEM LIKE ti
“Bagels, Bem likes.”

_____tm2
(25) VEGETABLES, GEORGE PREFER BROCCOLI
“As for vegetables, George prefers brocoli.”

_____tm3
(26) RONALDi, NANCY LOVE IXi
“You know Ronald, Nancy loves him.”

As transcrições contendo “__tm1; __tm2 e __tm3”, sobre a realização de tópico, classificam-no em diferentes tipos. A maioria inclui o levantamento de sobrancelhas, contudo, as sentenças em que aparecem as duas últimas marcas de topicalização apresentam, necessariamente, a inclinação da cabeça do sinalizador.

Para Bahan (1996) interessam as marcações não-manuais que aparecem nas concordâncias da ASL. Para isso considera que a face e demais partes altas do corpo têm papel importante na expressão de algum tipo de informação gramatical, que muitas

vezes dependem da realização daqueles marcadores. Destaca que as sobrancelhas podem estar levantadas ou abaixadas; as bochechas podem se estufar ou tomarem um formato côncavo (como se sugassem o ar); também os lábios podem assumir diversas formas; assim como o nariz pode enrugar-se, ou não. É possível que a cabeça esteja inclinada para cima, para um lado ou outro, para frente ou para trás (de modo a retrair-se); o corpo assume várias posições e os olhos diversas expressões e direcionalidades. São articulações específicas, muitas vezes sutis, que pertencem às línguas de sinais, uma vez que sua modalidade exige muito do campo visual do sinalizador e das suas expressões não-manuais, de forma a garantir a gramaticalidade das sentenças.

Como já comentado, são duas as funções das MNMs: lexicais e gramaticais. Quando lexicais, podem revelar informações adjetivas ou adverbiais. Um exemplo deste último é identificado “__th”, articulado ao se colocar a língua entre os dentes simultaneamente à sinalização de um verbo, de modo que a informação que carrega a marca não-manual adverbial interfere na significação (na maneira de realização da ação) nas sentenças. Vejamos:

(27) JOHN WRITE LETTER

John writes a letter

(BAHAN, 1996, p. 51)

_____th
(28) JOHN WRITE LETTER

John writes a letter carelessly

O exemplo em (27) apresenta expressão neutra, pois não há nada demarcado sobre a sentença, enquanto (28) contém a MNM adverbial, acima do verbo WRITE, que traduz a maneira como a carta é escrita por John (ou seja, “descuidadosamente”). Assim como na ASL, também na LSB a maioria das MNMs citadas exerce papel fundamental nas produções negativas, afirmativas, condicionais, em falas diretas ou indiretas.

Esses marcadores gramaticais de negação, de sentenças interrogativas sim-não e -QU, de tópico, e, também, os relacionados à retórica, têm sido minimamente detalhados em estudos como os de Baker, 1980; Baker e Shenk, 1983, 1985; Baker e Cokerly, 1980; Baker e Padden, 1978; e Liddell, 1978, 1980. Segundo as análises desses pesquisadores, as marcações não-manuais podem co-ocorrer com a sinalização

manual, demarcando o tipo de sentença. Desse modo, e de acordo com o que já observamos, a mesma construção envolvida em uma declarativa pode ser produzida concomitantemente à realização das MNMs próprias das interrogativas sim-não, conforme exemplos:

(29) JOHN LIKE MARY

John likes Mary.

(BAHAN, 1996, p. 52)

(30) $\overline{\text{q}}$ JOHN LIKE MARY

Does John like Mary?

Nas construções negativas, sinais lexicais para “NOT, NOT-YET, NEVER”, normalmente aparecem acoplados a marcadores não-manuais de negação, como movimento da cabeça pra os lados (direito e esquerdo), abaixamento das sobrancelhas e movimentos de direção do olhar (*squinting eyes*), conforme evidenciado por Bahan (1996, p. 54) nas sentenças:

(31) $\overline{\text{neg}}$ JOHN NOT LIKE MARY

John does not like Mary.

A mesma sentença também pode aparecer como construção interrogativa –QU, acrescida de outras marcações não-manuais. As perguntas –QU também ocorrem com MNMs específicas, no entanto, estas podem variar, gerando, na ASL, sentenças como:

(32) $\overline{\text{whq}}$ WHO LIKE MARY

Who likes Mary?

(interrogativa –WH)

(33) $\overline{\text{rhq}}$ LIKE MARY WHO JOHN

(interrogativa retórica)

Who likes Mary? John.

(34) $\overline{\text{rhq}}$ JOHN LIKE MARY Y (interrogativa retórica e interrogativa sim-não)
 Does John like Mary? Yes. (BAHAN, 1996, p. 56-58)

Interessante observar que as marcações que envolvem negação, interrogativas, afirmativas, e demais sentenças, carregam variações de intensidade na sua realização, conforme a duração, amplitude, o ângulo e a frequência em que acontecem. E, de outra parte, há uma probabilidade de algumas dessas expressões serem omitidas, ainda que ocorram naturalmente na maioria dos casos (BAHAN, 1996, p. 78). É o que se verifica entre sinalizadores nativos e que muitas vezes dificulta o entendimento do que está sendo sinalizado. Há situações em que a não realização de alguma expressão não-manual é substituída por marcações afetivas, então, a possibilidade de aquela não aparecer, ou estar sobreposta (como se co-ocorresse com) por uma expressão de surpresa, por exemplo, torna a sentença aceitável, como (35):

(35) $\overline{\text{surprise}}$ HOW COME YOU “WHAT”
 How come you get here?

Em contextos sintáticos específicos na ASL, conforme afirma Pichler (2001, p. 95), as expressões faciais gramaticais são obrigatórias, como as que envolvem as interrogativas sim-não. Em outros contextos, como os condicionais, essas marcações são opcionais, mas obrigatórias nas construções adverbiais, em que a maneira como a ação ou o evento ocorreu é detalhada pelas das expressões faciais produzidas durante a sinalização.

Na LSB, os marcadores não-manuais se comportam de forma similar; eles acompanham os sinais manuais, e, de maneira geral, se apresentam na face do sinalizante. A sinalização também é acompanhada pela posição da cabeça ‘não-neutra’, por movimentos da cabeça e movimentos do corpo.” (LIDDEL, 1980 apud QUADROS & KARNOPP, 2004, p. 132). É possível encontrar, também, expressões não-manuais de

direção do olhar para evidenciar concordância gramatical; de movimento de cabeça, frequentemente atreladas às construções com foco; e as marcações de negação e de interrogação, identificadas pela inclinação ou pelo movimento da cabeça, podendo, ainda, estar associadas aos movimentos das sobrancelhas e às formas da boca e das linhas de expressão na face.

Acerca da concordância, Bahan (1996) considera as características de número e pessoa (como parte das *phi-features*, de modo que elas estejam associadas com a concordância entre sujeito e objeto), que podem ser expressas por marcações gramaticais não-manuais de inclinação de cabeça (*head tilt*) e direção do olhar (*eye gaze*), respectivamente, em direção aos pontos no espaço relacionados com aquelas características.

A concordância com o sujeito é manifestada não-manualmente através dos tipos de comportamento que a inclinação da cabeça apresenta, que podem ser: *overt non-manual marking* e *default nonmanual marking*³⁸ (ou seja, são duas maneiras de concordância com o sujeito, realizadas através dos não-manuais, paralelas a outras formas que podem ser expressas manualmente). A primeira possibilidade envolve a *overt marking* da locação associada às características de pessoa do sujeito, realizada através da inclinação da cabeça em direção à posição do espaço de sinalização associada a outras características envolvidas na sentença. A segunda, uma posição não-marcada da cabeça, a qual está muito próxima da realização morfológica da concordância de primeira pessoa. Nesse caso, o corpo do sinalizante assume o papel de posição de primeira pessoa, sem mostrar a localização do sujeito no espaço de sinalização. Assim a cabeça e as partes superiores do corpo do sinalizador (próximas a essa região) aparecem neutras (posições não-marcadas, *unmarked*) para a relação de concordância com o sujeito.

Para a concordância com o objeto há uma marcação não-manual de direção do olhar, mas esta não é específica a essa função; apresenta uma variedade de papéis na ASL (e em outras línguas de sinais), uma vez que são visuais e sua modalidade exige o olhar tanto para a produção como percepção daquilo que é sinalizado. Essa MNM pode co-ocorrer com sinais manuais e, além de controlar o fluxo discursivo, ao regular os momentos de falas numa interação entre os sujeitos, pode adicionar detalhes, informações, sobre propriedades dos nomes como em “TALL-TREE”, em que TREE

³⁸Marcação não-manual marcada e marcação não-manual padrão.

(ÁRVORE) é sinalizada enquanto os olhos se voltam em direção à altura (para cima), descrevendo-a. (BAKER, 1976 apud BAHAN, 1996, p. 156).

O papel específico dessa MNM, com referência à indicação de pessoa, é tema de algumas discussões recorrentes; com pronomes e dêiticos, faz referências no espaço aos elementos citados (através de apontações que, normalmente, estão associadas a direções do olhar). Ao co-ocorrer, portanto, com marcações manuais de sujeitos, a direção do olhar pode sofrer uma redução na sua duração.

Nas sentenças negativas, a direção que o olhar assume é limitada. Ela deve ser realizada após a marca de negação para garantir gramaticalidade à sentença, da seguinte forma:

$$\begin{array}{c} \text{neg} \\ \text{gaze}_i \\ \text{(36) JOHN NOT SEE MARY}_i \end{array}$$

$$\begin{array}{c} \text{neg} \\ \text{gaze}_i \\ \text{(37) *JOHN WILL NOT SEE MARY}_i \end{array}$$

O uso da inclinação da cabeça e direção do olhar para expressar concordância sintática ocorre, portanto, com verbos de todas as classes morfológicas na ASL, inclusive com os simples e de concordância (*plain e agreeing verbs*). A inclinação do corpo também serve como MNM nesse caso, quando, ao concordar com o objeto, a direção do olhar sofre uma parada antecipada e a sua continuidade acontece através da inclinação do corpo do sinalizador.

A pesquisa de Bahan (1996) nos apresenta uma série de descrições a respeito da distribuição de marcações não-manuais correlacionada a características sintáticas na ASL. De acordo com sua proposta, as *phi-features* consideradas têm status semelhante ao dos demais elementos (também relacionados à sintaxe da língua como +neg e –WH) que aparecem nas sentenças e que são marcados não-manualmente.

Arroteia (2005) também faz referência aos marcadores não-manuais de negação na LSB. Segundo a autora, há um desmembramento dessa marcação em duas partes distintas, “*headshake*”³⁹ e “negação facial”. Para ela,

³⁹ Arroteia (2005) mantém o termo para “movimentos de cabeça” no inglês, “headshake”.

caracteriza-se como negação facial o abaixamento das sobrancelhas, a modificação do contorno da boca (seja apenas abaixamento dos cantos da boca ou arredondamento dos lábios, numa configuração que lembra ‘O’) e leve abaixamento da cabeça [...]. Já o termo *headshake* corresponde ao balanceamento da cabeça repetitivo de um lado para outro, num eixo horizontal (p. 10).

A negação facial é obrigatória e serve para marcar negativamente as sentenças, enquanto que o *headshake* é opcional nessas construções. Vale salientar que, quando esta não é realizada, deve obrigatoriamente aparecer a expressão facial correspondente, a qual, muitas vezes, vem seguida do sinal lexical NÃO (realizado manualmente) .

Uma diferença encontrada nesse trabalho e que contrasta com o que temos dito até agora a respeito da LSB refere-se à definição da autora sobre a hipótese de que o *headshake* desempenha a função de afetividade (ou seja, não tem papel na sintaxe da língua, mas contribui para a comunicação). Outra diferente é que, para ela, a negação facial aparece como gramatical. Esta, na ausência do *headshake*, é suficiente para expressar a sentença negativa; já o *headshake*, isolado, sem a negação facial, é insuficiente, o que nos revela a agramaticalidade da frase. Assim, a negação facial é a única essencial para a marcação da sentença negativa, enquanto que o balanceamento da cabeça é desnecessário.

Dentre alguns exemplos mencionados por Arroiteia (2005), verificamos o da ocorrência do *headshake* apenas como marcador afetivo. Suas análises revelam que “a LSB apresenta um tipo peculiar de concordância negativa: a concordância negativa estrita [...] que corresponde ao caso em que, independentemente do número de itens negativos e das posições ocupadas por estes itens na sentença, o marcador negativo [negação facial] precisa obrigatoriamente ser realizado para que a sentença seja efetivamente licenciada.” (ARROTÉIA, 2005, p. 90)⁴⁰

As marcações não-manuais na LSB, assim como na ASL e em outras línguas de sinais, têm funções linguísticas indispensáveis. Citamos Bahan (1996) que aborda a inclinação de cabeça e a direção do olhar em realizações de concordância na ASL. Da

⁴⁰ Em nosso estudo, pretendemos, também, identificar e analisar as ocorrências das marcações negativas na aquisição da língua de sinais do Léo. As conclusões da referida autora nos servem como parte de reflexão para as análises dos dados das produções dessas sentenças.

mesma forma e com base nesse autor, Quadros (1999) evidencia as marcações não-manuais mais comuns relacionadas à concordância entre verbo e objeto, que são a inclinação do corpo e direção do olhar na concordância entre o objeto e o sujeito. Vimos que a realização, ou não, dessa marcação não-manual, na ASL e na LSB, tem papel fundamental na distinção entre verbos de concordância e simples. Arroteia (2005) faz uma distinção entre as marcas não-manuais que expressam e constituem uma sentença negativa.

Apresentamos, a seguir, algumas reflexões com base nos estudos de Judy Reilly (mais especificamente aquele publicado em 2006) acerca dos não-manuais na ASL, com destaque para os resultados encontrados a partir de testes desenvolvidos com crianças surdas.

5.2 EM DESTAQUE OS ESTUDOS DE JUDY REILLY: AS MNMs NA ASL

Mesmo que ainda se discuta a respeito da realização dos primeiros gestos, tanto por crianças ouvintes como por surdas, é possível afirmar, conforme Reilly (2006, p. 262) que “the first true symbolic use of signs appears during the same developmental period as the first symbolic words”⁴¹. Essas produções são parte do estágio do primeiro sinal, em seguida passam às combinações de sinais (passando à ordenação sintática). A partir disso, as crianças adquirindo línguas de sinais vão desenvolvendo em extensão e complexidade as suas produções e lentamente passam a dominar a incorporação da morfologia nos seus sinais manuais.

Além das funções dos não-manuais que já mencionamos, Reilly (2006, p. 263) destaca as expressões da face com papel de marcação morfológica para estruturas como as sentenças condicionais, construções com tópico, negação e relativas. Na verdade, os sinais faciais são frequentemente as únicas marcas morfológicas que revelam uma estrutura gramatical na ASL. A autora salienta que uma língua de sinais necessita de múltiplos canais, que são simultaneamente acionados, que devem ser considerados no processo de investigação da aquisição das estruturas linguísticas pela criança, uma vez que tais estruturas são sinalizadas através de dois canais fundamentais: as mãos e a face.

⁴¹ O primeiro uso simbólico dos sinais aparece, de fato, durante o mesmo período de desenvolvimento das primeiras palavras simbólicas (*tradução nossa*):

As marcações morfológicas não-manuais na ASL podem aparecer mais acima ou abaixo, ou em ambas as localizações da face do sinalizante, incluindo movimentos e posições da cabeça e dos ombros, também o piscar de olhos e mudanças de direcionamento destes como parte do sinal gramatical que estiver sendo produzido. De acordo com o que já descrevemos em outras situações, as marcas faciais gramaticais podem co-ocorrer com sinais manuais - itens lexicais - , desde os sinais mais simples até os predicados mais complexos (verbos, frases verbais ou predicados adjetivos), ou ainda, simultaneamente a uma sentença inteira.

Quando acompanham itens lexicais, essas expressões se comportam como modificadoras e interferem nos significados dos sinais, isto é, conforme a marca co-ocorrente ao sinal manual estes adquirem distintas significações. Outra possibilidade envolve a produção de marcações não-manuais adverbiais, que, ao co-ocorrerem com os sinais manuais, traduzem a maneira como acontece o evento. Reilly (2006, p. 264) destaca os seguintes exemplos, muito semelhantes aos destacados por Bahan (1996), evidenciando duas diferentes marcações não-manuais adverbiais:

- mm
- (38) BOY WRITTE LETTER “The boy writes/ wrote letters regularly or easily.”
- th
- (39) BOY WRITTE LETTER “The boy writes/ wrote letters carelessly.”

A marca adverbial “mm”, em (38), está demarcando o modo como acontece a ação, podendo significar “regularmente, facilmente ou prazerosamente”⁴², enquanto que “th”, em (39), denota “grosseiramente ou descuidadosamente”⁴³. (REILLY, 2006, p. 264)

Na sinalização de construções sintáticas também aparecem traços não-manuais de morfologia. Exemplos de interrogativas -WH (que são as interrogativas -QU, na LSB) revelam um comportamento específico dos sinais faciais e de postura da cabeça, juntamente aos sinais manuais correspondentes; outras, como as negativas, podem ser estruturadas de modo que o sinal manual para NOT e o movimento de cabeça (para os

⁴² Tradução de: “regularly, easily, or pleasurably”

⁴³ Tradução de: “awkwardly or carelessly”

dois lados) aparecem simultaneamente (e, de certa forma, revelam redundância) para indicar a negação, conforme as construções seguintes:

(40) _____^{wh-q}
WHO STEAL MY CANDY WHO

Nesta há o enrugamento das sobrancelhas e leve inclinação da cabeça para trás ao questionar “Who stole my candy” (Quem roubou meu bombom?), na ASL.

(41) _____^{neg}
ME NOT GO SCHOOL

Em (41), vemos a sentença negativa para “I’m not going to school” (Eu não vou à escola), em que as marcas não-manuais para tal construção se iniciam exatamente com a sinalização manual de NOT. Nos dois casos, os componentes faciais complementam o significado das sentenças, já que, ao co-ocorrerem com os sinais manuais específicos (às sentenças interrogativa e negativa, respectivamente), acabam por exceder às marcas essenciais, tornando-as redundantes (REILLY, 2006, p. 265).

Igualmente ao que fora apresentado por Bahan (1996) acerca da ASL, Reilly (2006) assume que a sinalização das interrogativas –QU por adultos surdos inclui, além de sinais para essa função (como WHAT, HOW etc), o enrugamento das sobrancelhas (ou seu abaixamento) e a *head tilt* (inclinação da cabeça). Também são possíveis algumas realizações breves do *headshake*, de modo que essas marcações não-manuais iniciam imediatamente antes dos sinais manuais, exercendo escopo sobre a sentença inteira.

Há estruturas em que somente a marca não-manual de negação é realizada e parece suficiente. Em (42) temos a sentença afirmativa contrastando com a seguinte, em (43), na qual o movimento da cabeça é a única marca da negação:

(42) ME LIKE CHOCOLATE “I like chocolate”

(43) _____^{neg}
ME LIKE CHOCOLATE “I don’t like chocolate”

Interessante observar que Reilly (2006) considera que apenas o movimento de cabeça, para os dois lados, evidencia uma função gramatical para a marca não-manual de negação na ASL.

As produções em línguas de sinais observadas têm mostrado que a ausência dos marcadores não-manuais interfere, fundamentalmente, na sua estruturação, ou seja, na ordem da construção das sentenças, de modo a influenciar no seu significado, implicando a sua gramaticalidade. Ou seja, sem esses marcadores, é possível que outras interpretações sejam feitas a partir de duas sentenças declarativas, como (44) e (45), em que a ocorrência do levantamento das sobrancelhas, inclinação da cabeça (específica à sentença condicional: ____cond) e piscar de olhos (*blink*) na primeira, demarcam uma seqüência de duas possibilidades a partir de duas sentenças iguais:

(44) _____^{cond} EAT BUG SICK YOU “If you eat bugs, you’ll get sick.”

(45) EAT BUG SICK YOU “You ate bugs and got sick.”

Em (44) temos, portanto, uma condição expressa por meio da marcação não-manual descrita de modo que a sua ausência em (45) produz uma sentença declarativa.

Diante dessa variação de ocorrências, torna-se relevante observar que, para a gramática do adulto, as marcações não-manuais gramaticais comportam-se de maneiras diferentes, em complexidade e extensão. Elas podem ser redundantes quando co-ocorrerem com sinais manuais ou servir especificamente como marca gramatical. De todo modo, em todos os casos, representam um aspecto obrigatório da morfologia das estruturas lingüísticas.

Quando associadas ao discurso, as marcações não-manuais podem representar “troca de papéis”, “pontos de vista” ou diferentes perspectivas. Essas trocas ou mudanças de referentes exigem expressões emocionais (ou afetivas) da face, de modo a organizar linguisticamente o escopo da ação, ou seja, ou início, meio e fim de algo a ser relatado diretamente ou retomado no discurso. Na organização de uma história, as expressões da face sempre revelam características emocionais ou reações específicas diferentemente de quando relacionadas à morfologia ou à sintaxe da língua. As

expressões afetivas somadas às mudanças de direção do olhar revelam os sinais referentes ao que se está relatando. Indicam também o papel do narrador ou de “quem está falando” quando a história é recontada. As expressões afetivas e direcionalidade do olhar, dentro desse discurso, delimitam, portanto, o escopo do que está sendo dito (*direct quote* – citação direta).

Vale lembrar que as expressões afetivas podem ser usadas independentes de elementos linguísticos, uma vez que é possível se traduzir emoção através do olhar, da postura, dos gestos; ou revelar função fática e diferentes comportamentos através da entoação da voz ou das posições do corpo. Segundo Reilly (2006), ao contrário do que ocorre com as expressões gramaticais não-manuais nas línguas de sinais, as emocionais são variáveis quanto à sua intensidade, e a sua duração é inconsistente. Podem ocorrer com a “pronúncia” ou existir independentemente de um comportamento linguístico (p.266-267). Isso nos permite concluir que os sinais não-manuais gramaticais dependem de regras linguísticas específicas.

Essa distinção é fundamental ao verificarmos que, da mesma maneira como ocorre com os bebês ouvintes (aqueles em processo de aquisição de uma língua falada), também os surdos utilizam expressões afetivas para a comunicação. Normalmente, quando os primeiros sinais aparecem, as crianças surdas enfrentam um interessante problema relacionado ao uso dos diferentes comportamentos das expressões afetivas e/ou comunicativas. A questão envolve o como organizar a distribuição das diferentes funções, ora lingüísticas, ora emocionais, para essas marcações de mesma forma, uma vez que os seus canais de expressão são os mesmos.

Algumas respostas vêm dos estudos em neurolinguagem, os quais já comprovaram que as expressões afetivas (em adultos) são mediadas pelo hemisfério cerebral direito, enquanto o esquerdo concentra aspectos da língua, como a morfologia e a sintaxe (tanto para as línguas orais como para as de sinais). Entretanto, ainda não se pode concluir muito a respeito do desenvolvimento dessas especializações. (REILLY, 2006, p. 268).

Na subseção a seguir, apresentamos brevemente algumas conclusões acerca de como os marcadores não-manuais são adquiridos pela criança surda, em que estágios eles aparecem nas suas produções e quais deles são usados pelos pequenos de maneira coerente com a gramática da língua de sinais.

5.3 AS MNMs NA AQUISIÇÃO DAS LÍNGUAS DE SINAIS

As produções iniciais sugerem que crianças adquirem um item lexical co-ocorrendo com a morfologia não-manual de uma forma “misturada” (amalgamada), isto é, como se fossem simples “pacotes” que incluem os componentes dos múltiplos canais envolvidos. Os comportamentos faciais emocionais podem ser mediados por um sistema subjacente em que a facilidade em desenvolver elementos pré-linguísticos de emoção colabora na utilização dos elementos envolvidos nos comportamentos linguísticos.

Nas construções sintáticas, por volta dos dois anos de idade, as crianças passam a perceber dois canais distintos de produção, as mãos e a face, como componentes independentes, além das suas habilidades com as expressões faciais já adquiridas antecipadamente. Iniciam também a combinação de sinais e manipulação explícita da morfologia facial, independentemente dos sinais manuais. Elas podem sinalizar CRY (CHORAR) sem a co-ocorrência da expressão facial, porém, esta precede e passa a seguir o sinal manual, conforme exemplo:

(46) age (2,3)

_____ (AU17 + AU22b: lip pout) _____ (AU17 +AU22b: lip pout)⁴⁴
CRY

(REILLY, 2006, p. 271)

Nesse caso, a criança realiza a marcação de esticar os lábios, em seguida sinaliza o item lexical, manualmente, para CRY (CHORAR), com a “face em branco” (*blank face*) e logo reassume a mesma expressão facial (ao esticar os lábios), de modo a pontuar o desenvolvimento dos canais manual e facial como distintos e separados. Dessa forma a criança os analisa como sinais independentes.

Nas construções negativas em ASL, aparece o *headshake* como forma de sinalização não-manual, que co-ocorre com o predicado dessa construção manualmente sinalizado. No caso de a sentença já incluir sinais negativos como DON'T, CAN'T ou NO, aquela marcação não precisa acontecer. O *headshake* gramatical tem função de

⁴⁴ Esse é um dos sistemas existentes e possíveis para notação dos não-manuais. No Quadro 3, apresentado no Capítulo 7, há outros exemplos com base nesse formato.

comunicar uma resposta negativa nas duas modalidades de língua, na oral e na de sinais. Contudo, a expressão facial adverbial na ASL, que acontece através do abaixamento da face/cabeça do sinalizador, não ocorre com função linguística durante a articulação de uma língua falada.

Os trabalhos em aquisição da língua americana de sinais, de acordo com Reilly (2006), têm mostrado que essa marca não-manual de negação (*headshake*) é semanticamente e formalmente similar à mesma marca que aparece nas produções comunicativas nas crianças surdas ainda muito pequenas. Frequentemente acontecem isoladas como resposta, ou seja, não há sequer sinais (nas produções de surdos) ou palavras (nas produções de crianças ouvintes) co-ocorrendo com esses movimentos de cabeça com essa função. De outro modo, as marcações não-manuais realizadas através de *headshake* com função gramatical co-ocorrem com realizações de sinais.

Os dados dessas pesquisas apontam que, semelhante ao que acontece com crianças ouvintes durante a aquisição de uma língua materna oral, na criança surda a negação com papel comunicativo aparece por volta dos doze meses. O sinal manual (com mesma função) pôde ser identificado nas produções entre dezoito e vinte meses de vida (ex: NO e DON'T –WANT).

As investigações indicam que as crianças passam a analisar os sinais manuais e os não-manuais, independentemente, e que elas não mais transferem habilidades comunicativas pré-linguísticas para contextos linguísticos apropriados, ainda que as formas envolvidas sejam aparentemente idênticas (ou seja, formal e semanticamente idênticas: como acontece com o *headshake*).

Diferentemente acontece com a marcação facial gramatical. Esta assinala uma função adverbial específica às línguas de sinais, a qual não compete com nenhuma outra forma isomórfica nessa língua. Os demais advérbios faciais representam uma categoria finita e ocorrem na parte inferior da face do sinalizador e acompanham predicados manualmente sinalizados.

De acordo com o que foi observado sobre negação, as comparações entre dados de trinta e oito crianças adquirindo a ASL feitas por Anderson e Reilly (1999, apud REILLY, 2006, p. 274) sugerem que os advérbios faciais (portanto os não-manuais) produzidos após o estágio de um sinal são adquiridos separadamente dos sinais manuais. Ao checarem as produções encontraram semelhanças quanto à morfologia não-manual, que envolve os advérbios faciais e a negação, adquiridos sem qualquer dependência de formas manuais de predicados modificadores. A morfologia não-

manual é precedida pela aquisição de itens lexicais, ou seja, sinais manuais aparecem primeiro.

Na aquisição da morfologia facial em estruturas mais complexas, como o caso das sentenças que envolvem interrogativas –QU e condicionais, as expressões não-manuais também assumem papel importante. Para as primeiras, aparecem as sobrancelhas enrugadas, com notável uso semelhante à comunicação gestual de “confuso” (*puzzlement*), muito comum em crianças surdas e ouvintes ao se expressarem por volta de um ano de idade. As condicionais são sinalizadas com marca não-manual específica, sem qualquer relação semântica relevante com alguma expressão afetiva. Portanto, não trazendo grandes dificuldades de percepção.

As crianças passam por algumas fases de uso das marcações faciais para essas construções. Por volta de trinta meses já incluem no discurso sinais interrogativos realizados manualmente, mas as expressões faciais são omitidas. Ou seja, ela realiza o componente manual isoladamente. Próximo aos quatro anos de idade, por exemplo, a criança realiza muito mais o *headshake* do que os movimentos das sobrancelhas. Dificilmente chegam aos cinco anos sinalizando manualmente os sinais para as sentenças interrogativas –QU com as expressões faciais gramaticais adequadas. Somente aos seis ou sete anos a criança passa a realizar construções em que as interrogativas são produzidas com a morfologia não-manual apropriada na ASL. (REILLY, 2006, p. 276-277)

Pizzio (2006) e Pichler (2001) apresentam suas pesquisas sobre a LSB e a ASL, respectivamente. A primeira autora traz informações significativas aos nossos objetivos. Sobre as marcações não-manuais de tópico e foco analisadas do período de 1;8 a 2;5, ela destaca que “LÉO apresenta oscilação entre o uso e a ausência destas marcas em sua produção. Dentre as marcas utilizadas por ele estão: a direção do olhar, o movimento de cabeça (também chamado de aceno de cabeça) e a elevação das sobrancelhas” e conclui que “apesar de haver inconsistência no uso desse recurso gramatical, é possível perceber que, conforme sua idade vai aumentando, a ausência de marcas não-manuais vai diminuindo” (PIZZIO, 2006, p.96).

Pizzio acrescenta que, ao contrário das expressões não-manuais de afetividade, que são desenvolvidas pelas crianças durante o primeiro ano de vida, as gramaticais são adquiridas tardiamente, algumas por volta dos quatro ou cinco anos. Porém, o levantamento de sobrancelhas parece ser exceção a essa regra, uma vez que é o componente adquirido mais cedo por crianças surdas na marcação das questões sim-não.

As marcações de tópico não aparecem até os três anos e permanecem ausentes para condicionais até bem mais tarde (ponto observado por REILLY, 1990) referido por (PICHLER, 2001).

Pichler (2001) apresenta o caso de ABY, em que as produções de estruturas topicalizadas com as devidas marcações não-manuais iniciaram aos 24.5 meses, aproximadamente um ano mais cedo do que a idade das crianças estudadas por Reilly e colegas (1990). Isso sugere uma precocidade dessas produções (se comparadas às demais pesquisas em evidência).

Segundo as análises qualitativas de Pizzio (2006, p. 97), Léo utiliza as marcações não-manuais de maneira inconsistente nas construções com tópico e foco (nas construções com ordens não-canônicas do tipo OV, VS, VOV, OVO, OSVO, SVS, OSV, SOV e VOS). Em algumas produções a criança realiza os não-manuais, porém de maneira instável. As manifestações mais evidentes são a direção do olhar – “do” – e o movimento de cabeça – “mc”-. Na maioria das construções com tópico há equívocos quanto à marcação não-manual utilizada, pois, ao invés da elevação da sobrancelha, o menino utiliza a “do” e o “mc”⁴⁵. Na verdade, acontece uma variação entre qual marcação utilizar, elevação das sobrancelhas ou direção do olhar, conforme exemplos de Pizzio (2006, p. 100 *grifo nosso*):

(47) <ÁGUA>**top**, 2PEGAR_{mc} ÁGUA

(48) <TAMPA>**do**, IX<1> locPEGAR1 TAMPA

Quanto às construções de foco, conforme a mesma autora salienta, Léo realiza todas as construções de acordo com o contexto, porém não realiza as marcas não-manuais adequadas conforme o padrão dos adultos.

Através dessas noções acerca dos não-manuais e dos resultados evidenciados pelas pesquisas em aquisição da linguagem que envolvem essa questão, objetivamos dar início ao que nos propusemos inicialmente. Em seguida passamos à metodologia

⁴⁵ Vale destacar que há línguas em que a elevação das sobrancelhas, que é utilizada obrigatoriamente na LSB e na ASL para demarcar estruturas topicalizadas, ocorre em baixa frequência, de modo que se pode dizer que não é um marcador de tópico.

adotada para a obtenção dos dados da criança através da qual pudemos realizar as etapas determinadas, chegando às descrições e análises que constituem o capítulo que encerra deste trabalho.

6 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentaremos a metodologia utilizada para a coleta e transcrição dos dados de filmagem do Léo. Também trazemos detalhes acerca dos programas existentes e utilizados para esse fim, bem como os sistemas de notação desenvolvidos para o registro das línguas de sinais, sobretudo para o desenvolvimento de um banco de dados que possibilite descrições e análises mais completas que abordem o máximo de aspectos dessas línguas como as marcas não-manuais.

6.1 UM ESTUDO DE CASO LONGITUDINAL

As pesquisas linguísticas em aquisição da linguagem podem seguir algumas metodologias. Alguns estudiosos da área como cientistas e linguistas, já utilizavam estudos longitudinais e transversais para a composição dos seus dados de línguas orais. Para o primeiro, são consideradas as produções das crianças durante algum tempo de suas vidas, de modo que transcritas em períodos servem para posterior análise. Na metodologia do tipo transversal os sujeitos são observados em grupos, de acordo com suas características comuns, como faixa-etária, entre outros aspectos e desse modo também se organizam em bancos de dados ou arquivos destinados à pesquisa.

Diante disso, optamos por descrever e analisar os dados coletados das marcações não-manuais de uma criança surda, filha de surdos.⁴⁶ Ao conferir o material das gravações da criança em fitas de vídeo (recurso existente na época para a obtenção dos dados longitudinais), encontramos registros de um ano e sete meses do menino, ou seja, das primeiras filmagens realizadas. A partir disso, determinamos o período para nossas análises.

⁴⁶Essa criança é o menino Léo, conforme já mencionamos. Os dados do menino já existiam antes que dessemos início a nossa pesquisa, porém, a sua transcrição foi realizada através de um sistema diferente daquele escolhido neste trabalho (o ELAN). As notações foram realizadas em documentos do Word a partir de observações dos vídeos em um aparelho de televisão. Nessa época, a equipe de transcritores era composta de bolsistas não-surdos, usuários da língua de sinais, e por bolsistas surdos, os quais contribuíram para o registro e para as revisões das transcrições. Esses trabalhos foram e ainda são coordenados pela professora Dra. Ronice Muller de Quadros, nesta Universidade.

Embora, conforme afirmam Quadros & Pizzio (2007), “o período de filmagens desejável em crianças surdas, filhas de pais surdos é de um ano a quatro anos de idade”(p.52), para a presente pesquisa foi realizada a transcrição do período de 1;07 a 2;02, mas o material contendo as gravações do período sugerido pelas autoras existe e continuará disponível em processo de transcrição para a constituição de um banco de dados de língua de sinais⁴⁷. É importante levar em consideração que o procedimento de transcrição que envolve o uso de um programa específico e moderno e a escolha pelo sistema de notação da língua são trabalhosos e demorados.⁴⁸

As gravações em vídeo das interações linguísticas de dados espontâneos do menino com sua família foram realizadas, inicialmente, uma vez por semana e tiveram a duração de aproximadamente uma hora, com algumas variações. Constam nas filmagens as brincadeiras da criança com os materiais disponibilizados pelo projeto coordenado pela professora Dra. Ronice Muller de Quadros, além das situações habituais como o banho, as refeições e o contato com amigos e parentes. Esse ambiente, vale lembrar, é parte fundamental no processo de aquisição como “desencadeador desse processo (‘gatilho’). Nele a criança põe em uso a sua capacidade para a linguagem uma vez que é exposta a uma ou mais línguas.” (QUADROS, 2008, p.64). Assim, a situação das filmagens se constitui de pessoas que interagem espontaneamente com ela na língua de sinais, por exemplo: sua mãe, seu pai, seu irmão, o cinegrafista, e algum eventual participante surdo da família ou próximo a ela, sem que haja indução ou controle diante dos “erros” da criança. Tal ambiente condiz com a idéia de que “[...] a aquisição não se desenvolve através de correções ou de instruções. É um processo seletivo e não instrucional.” (KATO, 1995, p. 67).

Embora através desse método não se consiga coletar uma grande quantidade de produções interessantes das estruturas ou dos fenômenos analisados, pois nos intervalos de tempo entre as filmagens perdemos situações naturais de produção da criança que seriam dados importantes para análise, ele é ainda o mais utilizado nas pesquisas em

⁴⁷ Na Universidade Federal de Santa Catarina, sob a coordenação da Professora Dra. Ronice Müller de Quadros e financiamento do CNPq, está sendo implementado um banco de dados de produção de crianças adquirindo a LSB, referido como “Banco de Dados do Grupo de Estudos de Aquisição da Língua de Sinais Brasileira – GEALSB.” Atualmente, os *corpora* constituídos dispõem de dados coletados longitudinalmente de crianças surdas e ouvintes adquirindo a LSB. As transcrições realizadas ficam a disposição de pesquisadores à medida que são completadas e revisadas na língua de sinais através do ELAN, sistema de transcrição adaptado para a língua de sinais. Os dados da presente pesquisa, portanto, integram esse banco de dados.

⁴⁸ Na subseção seguinte detalharemos acerca do processo de transcrição, dos sistemas utilizados, dos problemas e das dificuldades encontradas durante a pesquisa.

aquisição da linguagem. Grolla (2009) apresenta algumas metodologias de coleta de dados e seus problemas. Porém, destaca que

uma das vantagens dos dados de produção (tanto espontânea como eliciada) é que eles revelam a gramática da criança sem a necessidade de se fazer inferências a partir de respostas “sim” e “não”, como no caso de tarefas de julgamento [...]. Dessa forma, esses dados podem ser vistos como refletindo mais diretamente a gramática da criança, já que é muito improvável que [ela] coloque palavras juntas de uma forma particular acidentalmente (ao passo que dizer “sim” ou “não” numa tarefa de julgamento pode ser considerado acidental). Assim sendo, quando uma construção aparece sistematicamente na fala de uma criança, podemos inferir que tal construção é gerada pela gramática da criança e não é fruto do acaso. (p.30)

Ainda que esse não seja o melhor argumento para utilizarmos o método de produção espontânea, optamos por utilizá-lo, uma vez que já existiam arquivos de dados coletados com base em tal metodologia. De acordo com a mesma autora, os *corpora* obtidos, desse modo,

permitem uma análise da frequência de uso de construções, auxiliando na análise de como a aquisição de tais construções se dá. Uma das maiores vantagens dos dados de produção espontânea é que eles podem fornecer um grande número de informações sobre vários aspectos do desenvolvimento gramatical das crianças. Eles ajudam na identificação de tendências gerais de desenvolvimento, fornecendo uma visão geral do curso da aquisição para uma língua em particular. [...] [também] incluem os enunciados dos interlocutores da criança, o que pode fornecer informações importantes acerca da frequência de certas construções numa língua. Isso auxilia o investigador a determinar se um fenômeno em particular é difícil para a criança adquirir ou se simplesmente ela não aparece por conta de fatores particulares à língua sendo adquirida, como baixa frequência. (p.24)

Assim, “os dados de produção espontânea podem fornecer informações acerca do curso de desenvolvimento de linguagem, variações individuais nesse desenvolvimento, aspectos específicos do *input* que a criança recebe e as situações do discurso nas quais a aquisição acontece.” (GROLLA, 2009, p. 25)

A tradição dos estudos que envolvem a aquisição de línguas, sobretudo as faladas, conta com o apoio das tecnologias existentes e acessíveis a cada época, quais

sejam os registros escritos em papel até o surgimento dos gravadores de áudio, computadores e programas específicos para a coleta e transcrição dos dados. Mais interessantes se tornam essas tecnologias quando estamos tratando de uma língua que nos exige visualizar minuciosamente os seus elementos. Sobre isso, Quadros e Pizzio (2007) destacam que

[...] os avanços tecnológicos contribuíram muito para o aprimoramento das pesquisas lingüísticas. As primeiras investigações mais detalhadas foram realizadas no final da década de 1970, quando os pesquisadores, com o auxílio de gravações em vídeo, reproduziam os sinais na forma de desenhos, com setas e linhas indicando a direção do movimento. Havia uma preocupação em representar com precisão as formas básicas de configuração de mão realizadas, para o estudo gramatical da língua de sinais. Entretanto, essa técnica não era eficiente, pois despendia muito tempo, além de ser um procedimento caro. Outra técnica que apresentava as mesmas dificuldades da anterior é a que tentava reproduzir os movimentos da configuração de mão, onde um sinal era desenhado em seqüência, dando a idéia de continuidade e movimento (p.50)

Atualmente, utilizamos câmeras digitais que possibilitam a rápida transferência dos dados para os computadores, onde as imagens podem ser editadas, melhor visualizadas e arquivadas de maneira que seja garantido o seu registro visual. Em parte foi o que aconteceu com as filmagens do Léo, pois encontramos algumas falhas relacionadas à perda de qualidade dos vídeos e outras às técnicas de realização das gravações e ao manuseio dos equipamentos e das fitas.

Esses dados se encontram acessíveis e podem ser transcritos e analisados através do EUDICO – Anotador Lingüístico (ELAN), ferramenta essencial aos pesquisadores que necessitam transcrever dados de línguas. Através do ELAN pudemos dar início à constituição de um banco de dados, os quais passam a integrar os arquivos do GEALSB.

Na seção a seguir, trazemos em maiores detalhes o funcionamento do Anotador e brevemente apresentamos algumas maneiras de se fazerem os registros dos *corpora* de língua de sinais.

6.2 DIFICULDADES NA TRANSCRIÇÃO DE LÍNGUAS DE SINAIS

As transcrições de línguas de sinais têm se modificado com o tempo, na medida em que os pesquisadores têm descoberto novos sistemas baseados, sobretudo, nas novas tecnologias disponíveis. De acordo com o foco da pesquisa, os modelos de registro dos dados para análise apresentam variações. Por isso o sistema de transcrição adotado pelos pesquisadores nem sempre é o mesmo, o que gera um distanciamento do objetivo da constituição de um banco de dados universal de línguas de sinais que possibilite comparações entre trabalhos mais consistentes.

Tradicionalmente, as convenções têm se organizado através do uso de vocábulos denominados de GLOSAS, as quais são constituídas por letras maiúsculas, normalmente acrescidas de alguns símbolos ou índices e anotações explicativas. São, normalmente, uma tradução do sinal para a língua oral (ex: inglês ou português) que servem para dar nome ao item lexical ou elemento da língua sinalizada em análise. Às vezes é bastante complicado entender apenas essas glosas se não temos a imagem em vídeo ou foto correspondente ao sinal ou expressão da língua de sinais explicitada, já que o nome do sinal nem sempre corresponde a sua realidade semântica. Como exemplo, podemos citar o sinal MACARRÃO, realizado pela criança e identificado em nossas transcrições. O pai e o menino utilizam a mesma configuração de mão, o mesmo movimento e a mesma localização no espaço de sinalização do sinal SUMIR em referência ao item MACARRÃO. Isto porque os dois se constituem da mesma maneira e a diferença pode ser percebida através do contexto ou da expressão facial realizada⁴⁹. Isso comprova a dificuldade em dependermos apenas das glosas para o entendimento do enunciado e nos leva a acrescentar inúmeras informações às transcrições enquanto ainda dependemos em grande parte dos registros escritos para a publicação dos trabalhos.

Todavia, esse padrão parece, até o momento, a forma adotada mais bem aceita para a leitura dos sinais. Quadros e Pizzio (2007) destacam as dificuldades existentes no recente interesse em se pesquisarem as línguas de sinais que vem acontecendo há menos de um século. Dentre elas, mencionam

⁴⁹ Vale salientar aqui que os sinais sofrem variações regionais nos seus diversos níveis. Ou seja, o sinal para MACARRÃO observado é produzido naquele contexto pela família que reside no estado do Rio Grande do Sul. Se observarmos o mesmo item lexical em Santa Catarina, será possível identificar variações na Configuração de Mão, no Movimento e na Localização do sinal. Diante disso, trazemos em nosso trabalho recortes dos vídeos não apenas como ilustração, mas fundamentalmente como parte do registro da língua dentro da apresentação e análise dos dados.

[...] a falta de um sistema padrão de transcrição de línguas de sinais, com banco de dados que seja acessível a qualquer interessado, assim como ocorre com as línguas faladas. O que muitos pesquisadores fazem são adaptações de sistemas usados para as línguas faladas, que nem sempre dão conta de todos os aspectos peculiares às línguas de sinais e que ficam restritos àquele grupo de pesquisa. (p.49)

Essa realidade provoca um distanciamento relevante entre as pesquisas e cria barreiras de acesso aos resultados, pois os caminhos de chegada a eles são díspares. Por isso, um sistema de transcrição desejável deveria permitir aos investigadores:

- a) Explorar as tecnologias de computador para pesquisa e coleta de dados, [também e principalmente]
- b) Compartilhar exemplos transcritos com outros estudiosos que trabalhem com questões similares em ambas as línguas, faladas ou de sinais. (MORGAN, 2005, p. 118. *Tradução nossa*)

Logo, torna-se importante o destaque aos avanços tecnológicos e a adesão a eles, uma vez que têm sido indispensáveis desde as primeiras investigações das línguas de sinais, quando os registros eram feitos através de observações, com a presença do pesquisador e muita destreza deste. Era preciso criar estratégias que dessem conta de todos os detalhes da sinalização através de desenhos e notações muito particulares.

É através de convenções de transcrição, por exemplo, que podemos explicitar os parâmetros fonológicos de configuração de mãos, movimentos, locação, orientação da palma das mãos, movimentos do corpo e expressões da face. Esses elementos, entretanto, podem ocorrer simultaneamente, ou seja, um enunciado pode se constituir de sinais manuais e não-manuais que se sobrepõem, o que certamente cria algumas dificuldades para a notação baseada na escrita ortográfica.

Nos registros das produções das crianças em fase de aquisição da linguagem enfrentamos alguns grandes desafios, uma vez que elas passam por intensas mudanças. Os pequenos realizam diversos e significativos fenômenos em nível fonológico, morfológico, sintático e semântico. Além disso, de acordo com Morgan (2005),

crianças têm o controle motor mais fraco do que os adultos, como resultado, um sinal ou uma seqüência de sinais podem ser produzida com grandes mudanças. Por exemplo:

1. Duas mãos para sinais que podem ser produzidos com uma mão;
 2. Uma mão pra sinais que podem ser produzidos com duas mãos;
 3. Parte de sinais pode ser omitida assim como pode ser co-articulada com o sinal subsequente; e
 4. Características manuais e não-manuais podem se intercalar com expressões faciais mais gerais, movimentos de cabeça e do corpo.
- As crianças pequenas até os 3 anos de idade, assim como lhes falta maturidade fonológica também não têm o desenvolvimento metalingüístico e pragmático. Enquanto sinalizam elas podem se movimentar pelos lugares, pegar objetos, olhar em direção ao interlocutor ou produzir sinais em localizações de difícil visibilidade. (p.120)

Essas peculiaridades compõem os fatores de relevância no processo de transcrição das línguas de sinais. Sobretudo, o uso do espaço de sinalização, que permite movimentações diversas, e a possibilidade do deslocamento da criança pelo espaço real, são características que têm gerado dificuldades aos pesquisadores. Por isso, quando se trabalha com uma língua de sinais, alguns recursos como foto, vídeo e imagens auxiliam e são na maioria das vezes essenciais aos registros.

Trabalhos como os desenvolvidos na Universidade de São Paulo – USP – pelas equipes coordenadas pelos professores Leland McCleary e Evani Viotti apresentam um percurso que revela alguns obstáculos semelhantes aos que temos mencionado. Também para eles a

[...] questão da transcrição de dados de línguas sinalizadas é particularmente complexa, na medida em que essas línguas não contam com um sistema de escrita largamente aceito que possa servir de base para sua transcrição. Por isso há diferentes propostas de representação das línguas de sinais. (MCCLEARY & VIOTTI, 2007, p.90)

Considerando esses fatos para a transcrição dos dados da criança, seguimos um sistema de notação com base nos registros feitos com o auxílio do ELAN e naqueles de maior veiculação no campo das pesquisas em línguas de sinais, enfocando os sinais não-manuais na aquisição da LSB pela criança.

Para outros trabalhos que descrevem e analisam o comportamento dos não-manuais, como os desenvolvidos sobre a ASL, há o *Facial Action Coding System* – FACS –, originalmente desenvolvido por Ekman & Freisen (1978 apud REILLY,

2006), destinado à codificação dos movimentos de mais de quarenta músculos faciais, dos olhos e da cabeça. O seu registro segue estruturas aparentemente complexas, como:

_____ (AU18 + AU44: puckered lips + squint)
 (49) SCADS (imitating her mothers's sign and facial behaviors) (p. 269)

Diferentemente desse padrão, parte dos mesmos dados utilizados neste trabalho (e que já havia sido transcrito) compreende os sinais manuais da criança, organizados em glosas, como SCADS no exemplo (49), devidamente acompanhados por letras minúsculas (dependendo do caso, que identificam os referentes no discurso) ou pelos números indicativos de primeira ou de segunda pessoa do singular (nº 1 pra 1ª pessoa e nº 2 para 2ª pessoa). Os traços contínuos que normalmente aparecem registrados acima das palavras que representam as sentenças da língua de sinais identificam os marcadores não-manuais operadores, elementos que têm escopo sobre uma expressão ou oração, como a direção do olhar (50), o movimento negativo de cabeça (51), a inclinação do corpo (52), as interrogativas sim-não (53) e outras interrogativas (54), conforme detalhamos nos exemplos:

(50) _____ eg (direção do olhar)

(51) _____ hn (movimento/aceno de cabeça)

(52) _____ bs (posição do corpo)

(53) _____ y/n (sim-não)

(54) _____ wh (interrogativa -QU)

Esses elementos aparecem assim organizados com base no protocolo de transcrição dos *corpora*, determinado por Quadros e Pizzio (2007). Aplicado aos enunciados da criança podemos ter uma noção de como os sinais não-manuais são realizados durante a produção do menino:

(55) <ÁGUA>do IX<água>, COMER++ IX<água>⁵⁰ (PIZZIO, 2006, p.98)
Água! Água! Comer a água.

(56) <NÃO>neg <ÁGUA>top <2DAR1>imp | <ESPERAR>mc
Não! Me dá água. Está certo, tenho que esperar. (PIZZIO, 2006, p. 81)

Ainda dentro das regras estabelecidas pelo protocolo, para a indicação dos marcadores modificadores também são utilizados símbolos que identificam a dimensão dos significados de intensidade (ex: COMER++) ou comparações. Já as expressões não-manuais afetivas são registradas e detalhadas nos trechos de transcrição do contexto, enquanto que as marcas do discurso, responsáveis pelo andamento deste, devem aparecer na transcrição. Para esse modelo de segmentação, portanto, algumas características permanecem similares aos padrões já conhecidos.

Os sinais produzidos são representados por palavras do português em letras maiúsculas. Quando mais de uma palavra representa um único sinal, elas devem aparecer unidas por hífen, assim como também as letras das palavras que são soletradas através do alfabeto manual. O nome das pessoas envolvidas em cada diálogo deve constar no início da sua fala, colocando-se um asterisco e o nome da pessoa em letras maiúsculas. Quando há uso de apontação, o sinal será transcrito com letras minúsculas dentro da marcação IX< > [...].

O tempo da transcrição fica registrado no arquivo da transcrição de acordo com o tempo de gravação da filmagem.

As entradas devem estar ordenadas seqüencialmente. Se alguma informação não for compreendida, são utilizados parênteses com um ponto de interrogação acrescentando, quando possível, o sinal que parece ser apesar de não haver certeza a respeito: (CARRO?) ou, simplesmente, (XXX). (QUADROS & PIZZIO, 200, p53)

Todos esses detalhes são importantes e nesse sentido a transcrição das marcações não-manuais torna-se fundamental para o entendimento da segmentação. Nela também devem aparecer as pausas (como em “| <ESPERAR>mc”), de modo que possamos ter

⁵⁰ Essa sentença parece agramatical, pois, conforme destaca Pizzio (2007), não se come água, mas se bebe água. “Contudo, ao analisar a situação comunicativa, percebe-se que ela é gramatical pelo fato de ele [Léo] ter uma panela na mão e estar dando a idéia de que vai comer o que será colocado dentro da mesma, ou seja, a água. (p.99)

uma noção ampla do que está sendo sinalizado e do contexto da produção da sinalização pela criança.

Com base no padrão de Quadros e Pizzio (2000), reorganizamos um modelo⁵¹ de forma a adequá-lo ao ELAN, ferramenta que possibilita a transcrição de todos os elementos manuais e não-manuais produzidos na situação de interação da criança com os adultos e com os demais participantes.

Antes, porém, de passarmos aos registros dos nossos dados, apresentamos brevemente os programas desenvolvidos para as transcrições de línguas e os sistemas de notações existentes para as línguas sinalizadas.

6.3 PROGRAMAS DE TRANSCRIÇÃO E MODELOS DE NOTAÇÃO

Um programa já bastante difundido e usado pelos pesquisadores de línguas orais é o CHILDES (*Child Language Data Exchange System*), o qual se constitui de uma base de dados internacional, de um sistema de transcrição CHAT (*Codes for Human Analysis of Transcripts*) e os chamados programas CLAN (*Computerised Language Analysis*).⁵² Diferentes línguas estão disponíveis e organizadas nesse banco de dados que se encontra à disposição daqueles interessados pelo estudo da aquisição da linguagem. Entretanto, a sua utilização não é compatível com as pesquisas de línguas de sinais, ainda que existam tentativas de adaptações ou que se tenham desenvolvido estratégias de registro e leitura a partir desse sistema.

As línguas de sinais americana e holandesa contam com o *Berkeley Transcription System* (BTS), desenvolvido na Universidade da Califórnia. O formato da transcrição através do BTS é compatível com o sistema CHILDES e as análises se concentram no nível morfológico das línguas. A sua leitura parece bastante complexa, uma vez que as análises são feitas de morfema a morfema e repletas de abreviaturas e

⁵¹ Agradecemos à Professora Deborah Chen Pichler, da Gallaudet University, que prontamente colaborou para a criação de um modelo que contivesse as trilhas necessárias às nossas transcrições através do ELAN. Também estendemos nossos agradecimentos à Professora Diane Lillo-Martin, da University of Connecticut, que colaborou disponibilizando materiais recentemente produzidos fora do Brasil para que pudéssemos melhor embasar nossa pesquisa.

⁵² Maiores detalhes em: <http://childes.psy.cmu.edu/>

codificações, ficando assim restritas àqueles que têm total conhecimento das notações, ainda que pareçam linguisticamente satisfatórias.

Um dos problemas salientados pelos pesquisadores que utilizam essa ferramenta diz respeito à maneira de representação simultânea dos sinais manuais e dos não-manuais, aos movimentos no espaço e aos usos de gestos ao longo das interações linguísticas, como acontece em grande parte dos trabalhos e com as tentativas dos novos sistemas de transcrição. Assim, semelhantemente aos diacríticos e caracteres especiais que normalmente identificamos sobre as sentenças, abaixo ou no nível delas, desenvolvidos de acordo com as finalidades de cada pesquisador e grupo de trabalho,

o BTS se restringe a uma série de caracteres do padrão ASCII, aplicados a marcação não-manual na transcrição. O uso do caracter (^) para indicar o início e o final do tempo (duração) do componente não-manual aparece sobre aquilo que ele tem escopo. (QUADROS e PIZZIO, p. 63, 2007)

Para a notação das expressões da face e do corpo do sinalizante existem códigos específicos que denotam, sobretudo, aqueles não-manuais com as seguintes funções, organizadas no quadro abaixo:

OPERADORES		MODIFICADORES	
^opr'NEG	Negation	^mod'RAP	rapid movement
^opr'YNQ	yes/no question	^mod'DUR	durative activity, situation
^opr'WHQ	wh- question	^mod'AUG	augmented size, rate, or intensity
^opr'TOP	topical marker	^mod'EFF	with exaggerated effort
^opr'REL	relative clause marker	^mod'CARE	with care or caution
^opr'COND	conditional marker		
^opr'AFR	affirmation (head nod)		
^opr'RHQ	rhetorical question		
AFETIVOS		MARCADORES DISCURSSIVOS	
^aff'DISGUST	Disgust	^dis'CONF	confirmation check
^aff'SURPRISE	Surprise	^dis'AGR	agreement
^aff'ANGER	Anger		

Quadro 1: Algumas indicações de registro dos elementos não-manuais no sistema de Slobin e Hoiting.⁵³

Com base nesse sistema de notação, os enunciados podem ser organizados de maneira que primeiro apareça a identificação da criança (*CHI) ou de quem interage com ela (Ex: *MOT, para a mãe) e em seguida são registrados os enunciados em glosas às quais se agregam as indicações determinadas para os marcadores não-manuais. Os exemplos a seguir sintetizam algumas notações realizadas através do BTS, muito semelhantes aos registros do CHILDES:

(57) *CHI: ^**opr**'NEG WANT BOOK ^ . (operador: negação)

(58) *CHI: HOUSE-^**mod**'AUG . (modificador: extensão do sinal HOUSE - aumentativo)

(59) *CHI: ^**aff**'WORRIED CAN PNT_1 ^ . (afetivo: atitude da criança – aborrecida)

(60) *MOT: ^opr'YES CAR ^**dis**'CONF LIGHTSIGNALS ^ ^ . (marcador discursivo: confirmação da compreensão da criança pela mãe. Nesse caso há coincidência de dois marcadores não-manuais indicada por ^ ^)⁵⁴.

Outra ferramenta utilizada para análise linguística de dados em vídeo é o *SignStream*. Dentre suas vantagens, além de poder ser utilizado com línguas de sinais, está a possibilidade de incluir componentes gestuais e de línguas faladas para a transcrição.

⁵³ Informações obtidas através do site: http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/intersign/workshop4/slobin_hoiting.html#aa3.1

⁵⁴ Os exemplos foram retirados de: http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/intersign/workshop4/slobin_hoiting.html#a1

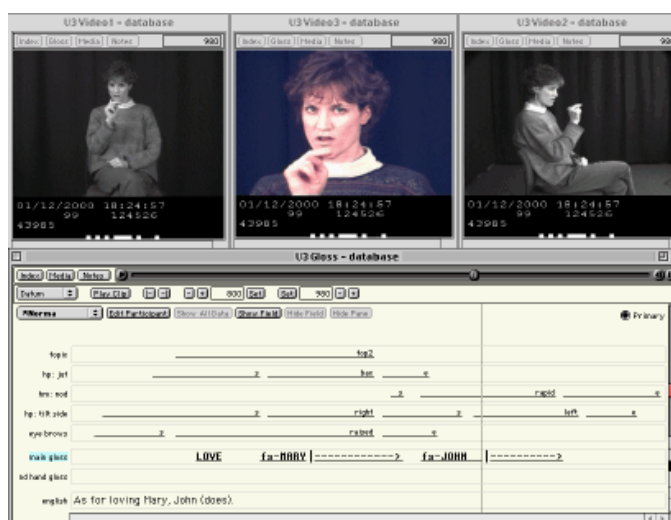


Fig. 10: Tela de visualização simultânea das imagens e das transcrições no *SignStream*.⁵⁵

O sistema apresenta alguns avanços como o de ser compatível com vídeos nos formatos do “Quicktime”, “movie”, “AVI movie” e “Flash movie”. Além disso, permite a sincronização de até quatro vídeos, aceita associar arquivos de áudio aos dados de análise, permite a visualização das transcrições de múltiplos participantes e possui recursos de pesquisa complexa.

Todavia, diante de uma considerável variedade de programas e sistemas de transcrição podemos perceber que para o registro das línguas de sinais ainda faltam mecanismos mais completos, que sejam utilizados por grupos de pesquisas comuns a fim de que se construa efetivamente um banco de dados interessante. Para isso um tipo diferente de sistema, chamado o ELAN, tem se apresentado bastante eficaz, uma vez que, além de comportar os dados de língua de sinais, também possibilita análises de línguas orais, sobretudo àqueles que desejam desenvolver seus trabalhos em contextos de interação bilíngue e bimodal.⁵⁶

Na subseção seguinte falaremos a respeito desse *software*. Também vamos abordar os modelos de notação que temos utilizado desde o início do uso desse sistema.

⁵⁵ Imagem retirada do site: <http://www.bu.edu/asllrp/signstream/index.html>

⁵⁶ A terminologia **bilíngue** é bastante conhecida dentro do campo das pesquisas lingüísticas das línguas orais, porém, o conceito de **bimodal** é exclusivo dos contextos em que há o uso de uma língua oral e de uma língua de sinais, concomitantemente. Ou seja, daqueles em que as crianças adquirem duas línguas de modalidades diferentes como o caso da ASL e do inglês (nos Estado Unidos) ou da LSB e a língua portuguesa (no Brasil).

6. 3.1 EUDICO - Anotador Linguístico (ELAN)⁵⁷

De acordo com o que apresentamos na seção anterior, é comum verificarmos a preocupação em se determinar uma ferramenta padrão de descrição e um sistema de notação que englobe o máximo de elementos possíveis (ex: fonológicos, morfológicos, sintáticos etc).

O EUDICO - Anotador Linguístico, conhecido como ELAN, foi elaborado pelo instituto de psicolinguística Max Planck, Nijmegen, nos Países Baixos, com o objetivo de facilitar as anotações de fala e/ou sinais associadas às gravações em vídeo. Permite análise de línguas de sinais e de gestos, mas não se restringe apenas a esses grupos, podendo ser utilizado por todos que manipulam em seus trabalhos dados gravados em mídias (vídeo e/ou áudio), para fins de documentação. Ele permite a criação de trilhas, que se organizam hierarquicamente, podendo depender umas das outras de acordo com o modelo de transcrição adotado.

Leite (2008) destaca alguns motivos para se adotar o ELAN como programa de transcrição de dados para fins de pesquisa:

- i) a compatibilidade com PCs; ii) a sua distribuição gratuita na internet; iii) a sua crescente utilização em pesquisas com diversas línguas no mundo; iv) o fato de ter sido projetado para viabilizar uma transcrição mais eficiente das LSs; v) as atualizações contínuas e a abertura dos desenvolvedores do programa a sugestões e dúvidas dos usuários; e vi) funcionalidades específicas tal como a sincronização do vídeo com as transcrições, um complexo sistema de buscas, e a capacidade de operar com até quatro câmeras simultaneamente.(p. 141)

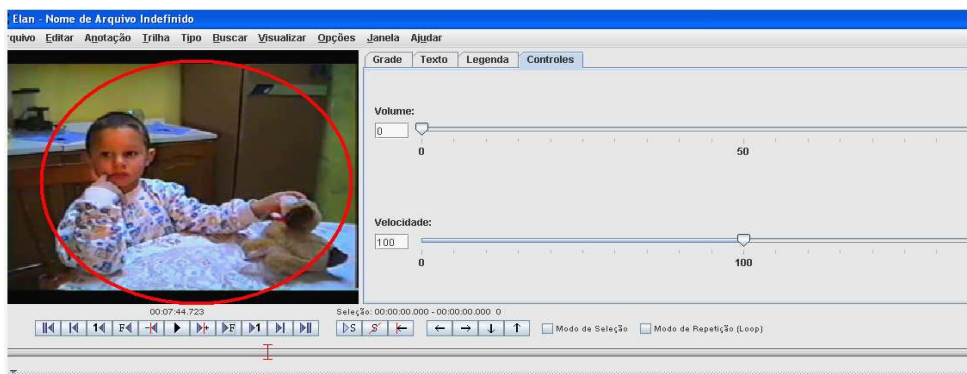


Fig 11: A disposição do vídeo no ELAN

⁵⁷ Acesso à ferramenta no site: <http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/>

Esses recursos facilitam, portanto, sincronizar o que se está vendo na mídia com as transcrições, de modo que os registros não interessantes no momento da análise podem ser ocultados. De maneira mais completa, o ELAN permite a gravação dos elementos fundamentais (manuais e não-manuais) da língua de sinais sobre a qual se está pesquisando.

As linhas que são criadas pelo transcritor constituem o modelo adotado que poderá ser utilizado sempre associado a um vídeo, isto é, haverá sempre um arquivo modelo que deverá ser relacionado à mídia com a qual se deseja trabalhar. Em nosso trabalho, adotamos inicialmente um padrão já determinado pelo grupo de pesquisa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob a coordenação da Prof.^a Dra. Ronice Müller de Quadros, organizado da seguinte forma:

Child MS-Gloss-BP (Child Manual Sign Glos – Brazilian Portuguese): é a glosa de sinal manual da criança em português brasileiro. Todos os sinais produzidos pela criança são transcritos nessa linha. É a linha-mãe para as linhas relacionadas à produção da criança, podendo ter um bloco de informações ligadas a ela.

Child Utterance: é uma linha independente da linha-mãe. Nela o pesquisador segmenta os enunciados produzidos pela criança, de acordo com as glosas transcritas na linha-mãe.

Adult MS-Gloss-BP (Adult Manual Sign Gloss – Brazilian Portuguese): é a glosa de sinal manual do adulto em português brasileiro. Todos os sinais produzidos pelo adulto são transcritos nela. Também é uma linha-mãe para o bloco de informações relacionadas ao adulto que interage com a criança.

Interactor: é a linha que identifica a pessoa que interage com a criança. Tem vocabulário controlado, ou seja, previamente é possível listar as opções de pessoas que interagem com a criança e, ao preencher essa linha na transcrição, aparecerão as alternativas para clicar, facilitando o trabalho do pesquisador.

Adult Utterance: é a linha dos enunciados do adulto, ou seja, do interactor, da mesma forma que ocorre com os enunciados da criança. É independente da linha-mãe.

Context: é o contexto em que acontece a produção da criança e do adulto. O pesquisador deve apresentar o contexto da cada bloco de interação comunicativa. Não é necessário incluir cada detalhe e repetir informações sistematicamente, mas sim apresentar a situação. É uma linha independente da linha-mãe.

Translation: é a tradução dos enunciados dos participantes da interação comunicativa. Para compreensão do significado da transcrição torna-se necessária a tradução para o português. [...] muitas vezes, a partir apenas das glosas, não há compreensão

do significado produzido pela criança. É uma linha independente da linha-mãe.

Comments: é destinado a comentários pertinentes a respeito da situação comunicativa ou de qualquer questão relacionada à filmagem ou a uma determinada linha de transcrição. É uma linha independente da linha-mãe e serve para colocar informações que não se enquadram nas demais linhas de transcrição.

Nms-Gloss – BP (Non Manual Sign Gloss – Brazilian Portuguese): é a linha referente à glosa de sinal não-manual em português brasileiro e é independente das demais linhas.

Head (cabeça): é a linha indicada para registrar os movimentos de cabeça realizados durante a sinalização. Possui um vocabulário controlado com as movimentações possíveis de cabeça para facilitar o trabalho do pesquisador. É dependente da linha-mãe.

Eyebrows: é a linha que indica os movimentos das sobrancelhas. Possui vocabulário controlado e é dependente da linha-mãe.

Eyelids: esta linha indica os movimentos da pálpebra. Possui vocabulário controlado e depende da linha-mãe.

Eye Gaze: representa as direções do olhar do sinalizante. Possui vocabulário controlado e depende da linha-mãe.

Body: refere-se aos movimentos do tronco. Possui vocabulário controlado.

Shoulders: indica os movimentos dos ombros durante a interação comunicativa. Possui vocabulário controlado.

Mouth Gestures: refere-se aos gestos bucais realizados durante a sinalização que têm alguma relação com a representação do sinal.

Mouth Pictures: é também chamado de visema. São movimentos realizados com a boca e que fazem parte do sinal produzido.

H-Location: indica a localização das mãos durante a realização de um sinal

Hands: indica a mão ou as mãos usadas para fazer o sinal.

Repetition: indica quantas vezes um sinal foi repetido durante sua realização. Possui vocabulário controlado e é dependente da glosa manual do sinalizante.

SMs-Gloss-BP (Simultaneous Manual Sign Gloss – Brazilian Portuguese): é a linha destinada à transcrição de sinais que são realizados de forma simultânea, nos casos em que um sinal fica “congelado” enquanto outro sinal é produzido com outra mão.

Body Gesture: destinada à transcrição de gestos corporais realizados pelo sinalizante no momento da interação comunicativa.

Emblem: refere-se à transcrição de gestos convencionados pela sociedade, aqueles que são comumente realizados por ouvintes e que não se referem a sinais da língua de sinais brasileira. (QUADROS & PIZZIO, 2007, p.67-69)

Dentro desse padrão iniciamos nossas transcrições, de modo que as trilhas que não eram de nosso interesse permaneceram ocultas. As figuras abaixo apresentam as linhas inseridas no ELAN, porém, ainda sem transcrição.

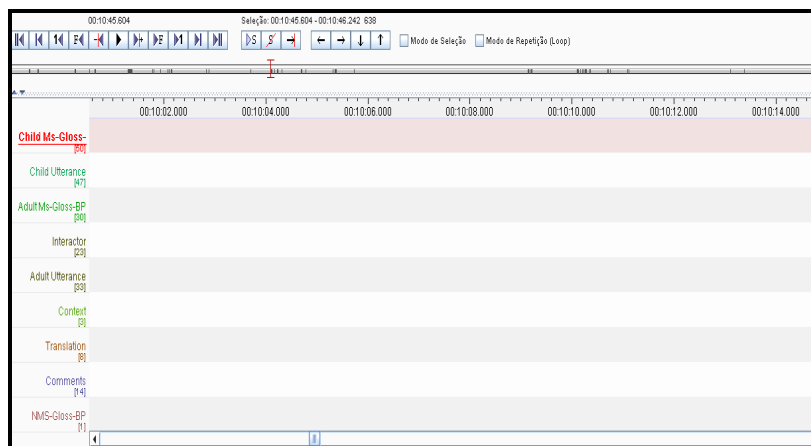


Fig. 14: Visualização das trilhas: Modelo inicial (parte A).⁵⁹

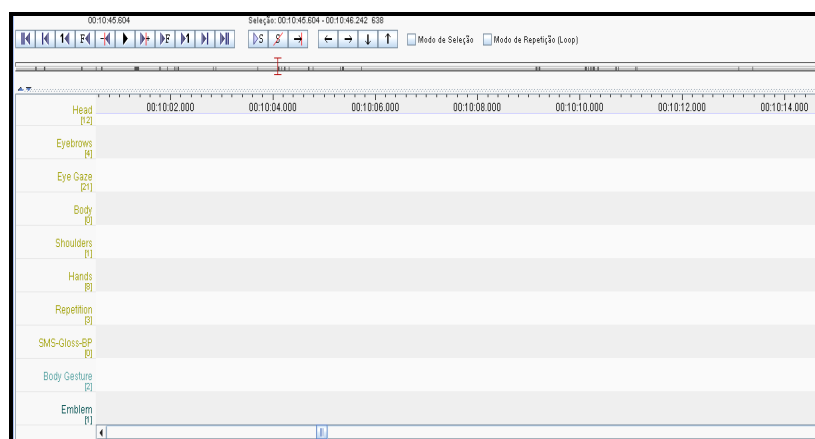


Fig. 15: Visualização das trilhas: Modelo inicial (parte B).⁶⁰

⁵⁹ As trilhas que compõem o modelo apresentado na imagem, de cima para baixo, são: Child MS-Gloss-BP, Child Utterance, Adult MS-Gloss-BP, Interactor, Adult Utterance, Context, Translation, Comments e NMS-Gloss-BP.

⁶⁰ As trilhas que compõem o modelo apresentado na imagem, de cima para baixo, são: Head, Eyebrows, Eye Gaze, Body, Shoulders, Hands, Repetition, SMS-Gloss-BP, Body Gesture e Emblem.

A equipe de transcritores da UFSC não tem utilizado as linhas para as marcas não-manuais, por isso tivemos de incluí-la sem nosso modelo. Em um segundo momento, passamos a utilizar um padrão mais simples, com número de trilhas de transcrição reduzido e especificamente elaborado para o registro dos sinais não-manuais.

Como nosso objetivo é verificar as realizações desses sinais pela criança de maneira descritiva, precisamos desenvolver as trilhas de acordo com nossas finalidades, porém, mantendo grande parte das regras determinadas no sistema de notação utilizado pelo grupo de pesquisa desta Universidade.

6.3.1.1 Adaptações para a transcrição dos dados do Léo

Com base nos padrões adotados pelo grupo fizemos uma adaptação e criamos nosso próprio modelo de transcrição. Assim tornou-se possível contemplar as informações manuais e não-manuais, os elementos mais complexos da língua e as produções gestuais da criança, descartando, nesse momento, as dificuldades técnicas e os problemas de visualização dos vídeos.

O novo modelo está apresentado na Fig.16, a seguir:

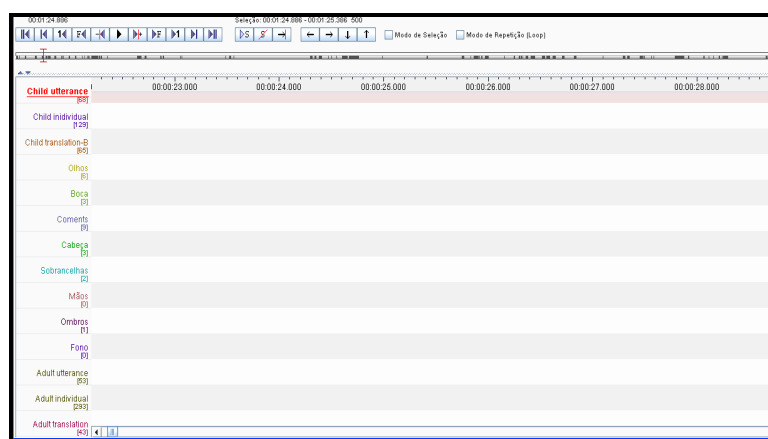


Fig. 16: Modelo das trilhas reformulado – Não-manuais.⁶¹

⁶¹ As trilhas que compõem o modelo apresentado na imagem, de cima para baixo, são: Child utterance, Child individual, Child translation, Olhos, Boca, Comments, Cabeça, Sobrancelhas, Mãos, Ombros, Fono, Adult utterance, Adult individual e Adult translation. Mantivemos as trilhas inicialmente criadas com a colaboração da professora Deborah em inglês e as desenvolvidas por nós em língua portuguesa.

Ele é composto pelas três primeiras trilhas: a do enunciado da criança, dos seus enunciados individuais e da tradução. As seguintes se organizam nas trilhas destinadas às descrições dos comportamentos dos olhos, da boca, da cabeça, das sobrancelhas e dos ombros, não necessariamente nessa ordem, pois é possível trabalhar com as linhas em qualquer sequência. Isso acontece porque nem sempre há transcrições em todas as trilhas o que leva o anotador a esconder algumas e aproximar as que contêm informações registradas. Dessa maneira ele tem a liberdade de reordená-las para fins de análise.

Consta, ainda, nesse modelo, a linha destinada aos comentários gerais, que pode se referir à criança ou a quem interage com ela. Outras duas trilhas se referem às mãos e à parte fonológica dos sinais. As três últimas linhas se destinam aos enunciados do adulto; uma para o enunciado completo, a outra para o mesmo, que pode ser dividido em partes, e uma para a tradução.

Durante o percurso das transcrições, tivemos de alterar as convenções de notação que estávamos utilizando. Passamos a adotar um protocolo destinado às pesquisas realizadas com a LSB, a ASL e também com línguas orais (ver Quadro 2), proposto por Lillo-Martin, Pichler e Quadros (2009), por isso há convenções para as línguas de sinais e para as línguas faladas, já que as pesquisas têm se encaminhado também ao estudo bilíngue e bimodal.

Item	Convenção	Exemplo
Glosas na Língua de Sinais	Letras maiúsculas; glosas com mais de uma palavra devem ser ligadas com hífen	COELHO NÃO-TER
Segunda mão	Quando duas mãos articularem diferentes sinais, usar esta linha
Apontação para pessoas	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(si) IX(mãe)
Apontação para objetos	IX seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(gato) IX(peça-quebra-cabeça)
Apontação para lugares	IX seguido pelo locativo com letras minúsculas, dentro dos parênteses	IX(lá) IX(dentro-geladeira)
Possessivos	POSS seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	POSS(si) POSS(Maria)
Reflexivos	SELF seguido pelo referente com letras minúsculas, dentro dos parênteses	SELF(si) SELF(mãe)
Verbos indicativos	Nomear com uma glosa ID para cada sinal; não adicionar informação sobre os	DAR IR

	referentes	
Verbos descritivos (classificadores)	Usar a glosa ‘DV’ seguida da descrição entre parênteses (hífen entre as palavras)	DV(pássaro-sentado-árvore)
Palavras soletradas	Usar a glosa ‘fs’ seguida da palavra sem hifenização ou da letra entre parênteses	fs(NOKIA) fs(A)
Sinais repetidos	Adicionar o sinal (+) ao sinal no final da glosa	MÃE+
Sinais congelados	Adicionar o sinal () ao final da glosa	MÃE_
Pausa dentro da sentença	Representar a pausa com o sinal (#)	IX(si) ESCOLHER # AZUL
Gesto	Glosa com g seguido do significado entre parênteses.	g(face braba)
Sinal não claro (mas que o transcritor identifica o seu significado)	Adicional [?] no final da glosa; adicionar uma transcrição na linha ‘Sign pho’ se possível	WANT APPLE[?] PLEASE
Sinal não claro (o transcritor oferece uma glosa alternativa)	Digitar a primeira opção de glosa, seguido por [=?ALTERNATIVA]	QUERO MAÇA[=?BOLACHA]
Sinal não claro (o transcritor não conhece o sinal, mas pode transcrever a forma)	<i>Cada</i> sinal não claro no enunciado recebe a glosa YYY (pode haver mais de um). Adicionar a descrição de cada glosa YYY na linha ‘Sign pho’.	QUERO YYY POR-FAVOR
Sinal não claro (transcritor não sabe a forma e nem pode transcrever a forma)	<i>Cada</i> sinal não claro no enunciado recebe a glosa XXX (pode haver mais de um).	QUERO XXX POR-FAVOR
Efeitos sonoros	Som do tipo de choro, risada e assobio, são indicados com &=som	&=choro &=risada
	Som imitando outra pessoa, animal ou máquina são indicados com &=imit:som	&=imit:bebê &=imit:helicóptero

Quadro 2: Convenções de transcrição adotadas – Modelo (Projeto Bimodal Bilingue Bi-nacional – BiBiBi – Brasil e Estados Unidos)

As trilhas dos sinais não-manuais que não estão nas convenções e aparecem na análise dos dados foram inseridas, conforme mencionamos, durante o processo de transcrição. Decidimos deixá-las independentes, ou seja, para o registro das marcações não-manuais, não é necessário que qualquer outro registro tenha sido feito. Assim, quando a criança realiza o movimento negativo de cabeça para o gesto “não”, ela nem sempre vai realizar um sinal manual simultaneamente. Entretanto, ela pode expressar na face algum movimento de sobrancelhas ou da boca e assim temos uma trilha específica para esse registro que também é independente.

Dentro dessa perspectiva de trabalho, o ELAN apresenta grande importância, pois servirá também à continuidade das pesquisas que queiram se dedicar às análises

dos aspectos não-manuais da língua de sinais. O sistema, como exemplo atual dos avanços da tecnologia, pode contribuir para o registro das transcrições, as quais poderão ser compartilhadas entre diferentes pesquisadores de diversos países.

7 TRABALHANDO OS DADOS PASSO A PASSO

Neste capítulo nos propomos descrever e analisar os dados de língua de sinais do Léo. Para que isso pudesse ser feito dentro do tempo que reservamos para a pesquisa, nos detivemos em trabalhar com dezessete sessões, cada uma delas correspondendo a um dia de gravação com a criança. Das transcrições realizadas para essas sessões, selecionamos um total de 280 enunciados contendo uma ou mais manifestações não-manuais do menino.

Em alguns momentos, não pudemos identificar os não-manuais produzidos em função da baixa luminosidade, da movimentação da criança e da situação de interação (Ex: a criança estava comendo, chupando bico ou conversando em uma posição de difícil visualização). Algumas gravações aparecem com pouca ou quase nenhuma produção linguística, como períodos em que ela brinca sozinha ou passa grande parte do tempo com objetos na mão. Todos esses detalhes foram considerados para a seleção dos enunciados.

Em seguida nos dedicaremos aos detalhes acerca da manipulação dos materiais com o objetivo de deixarmos bem claras todas as etapas percorridas até a efetivação das análises.

7.1 MANIPULANDO OS MATERIAIS E OS DADOS

Pelo fato de existirem ainda poucas pesquisas acerca das línguas de sinais, sobretudo que abordem as marcas não-manuais na aquisição da linguagem em crianças surdas, torna-se relevante apresentar passo a passo nosso trabalho. Assim outras pesquisas poderão ser realizadas da mesma maneira dando continuidade ao que iniciamos.

Precisamos seguir algumas fases, uma vez que os avanços tecnológicos, além de serem fortes aliados neste trabalho, também exigiram que fizéssemos algumas alterações, a iniciar pela digitalização dos materiais:

a) **Digitalização:** Foi necessário converter os dados que se encontravam gravados em um sistema analógico (fitas Mini DV) para um formato compatível com o ELAN

(versão 3.4.0)⁶², qual seja, **.mpeg**. Para isso contamos com a colaboração de bolsistas do curso de Design desta universidade. O material, portanto, foi transferido para mídias de DVD que foram identificados pela ordem das sessões de gravação.

Em seguida passamos à edição dos vídeos:

b) Edição: Com o objetivo de fazer um recorte das sessões para as transcrições, de acordo com as datas das filmagens, tivemos de editar as imagens. Como em nem todas as filmagens conseguimos ver as datas, precisamos retomar todas as fitas arquivadas e uma a uma fazer a revisão cronológica, o que demandou tempo e muito trabalho. Com essa etapa concluída, pudemos fazer os recortes desejados através do TMPGEnc⁶³ e trabalhar com as sessões de gravação.

As transcrições foram iniciadas sobre a base de um modelo que precisou ser modificado. Este, porém, sem dar conta dos sinais não-manuais sofreu alterações que resultaram no modelo apresentado anteriormente na Fig. 15 .

c) Seleção: Fizemos as escolhas dos enunciados de maneira que pelo menos um deles fosse constituído de sinais não-manuais. Assim, chegamos às 280 produções. Seleccionamos os registros com qualidade de nitidez e aqueles em que havia interação da criança com um familiar ou amigo, ainda que este fosse a pessoa responsável pelas gravações (ex: há momentos em que a criança conversa com a câmera, a qual é manuseada pelo cinegrafista ou participante surdo da interação).

Cumpridas essas etapas e realizados os levantamentos pudemos analisar as seguintes categorias dos não-manuais que serão sintetizadas a seguir.

7.2 CATEGORIAS DOS NÃO-MANUAIS CONSIDERADAS PARA AS ANÁLISES

⁶² Atualmente o software encontra-se na versão 3.7.2 disponível em <http://www.lat-mpi.eu/tools/elan/>.

⁶³ Este é um programa específico para conversão, ajuste e edição de vídeos, o qual nos foi indicado pelo professor Dr. Tarcisio Leite em um curso ministrado nesta universidade.

Após os estudos dos trabalhos que tratam das marcações não-manuais nas línguas de sinais, de maneira geral, chegamos à organização de algumas categorias, com base nas funções gramaticais e prosódicas destas, a fim de que pudéssemos conduzir nossas reflexões.

Vejam as divisões dos não-manuais de acordo com as suas funções linguísticas e não linguísticas, organizadas a fim de servirem como base das análises e descrições subsequentes.

7.2.1 Afetivos

São aqueles que expressam na face sentimentos como: alegria, tristeza, raiva, medo, angústia, dor ou podem denotar dúvida, surpresa, concordância, desacordo etc. Essas expressões podem ser manipuladas e são bastante flexíveis. Em alguns casos, são caricaturas da realidade (ex: quando se expressa algo querendo significar outra coisa) e o seu uso pode acontecer independentemente da sinalização. Quando simultâneas a produção dos sinais, podem ser identificadas pelo contexto. Entretanto, quando há sobreposição, a sua identificação só é possível através de análises mais profundas dos comportamentos dos músculos faciais, com programas específicos e recursos especializados.

7.2.2 Gramaticais

São aqueles que fazem parte da estrutura da língua e que já foram apresentadas por Quadros e Karnopp (2004) e Pizzio, Quadros e Rezende (2009b). A sua não realização pode tornar uma sentença agramatical ou estranha. Podem se apresentar através de três articuladores distintos: movimentos da cabeça e do corpo; expressões faciais e padrões de boca. (PFAU & QUER, no prelo).

Apresentamos a seguir os não-manuais de acordo com suas funções nos diferentes níveis lingüísticos dentro da categoria dos marcadores gramaticais.

7.2.2.1 Fonologia

As marcações não-manuais neste nível podem ser consideradas como um quinto parâmetro fonológico da LSB, o qual se agrega àqueles já mencionados no início do trabalho (CM, L, M e Dir.)

Movimentos do corpo e da cabeça: Os movimentos de cabeça normalmente acompanham partículas de negação ou interjeições. Sinais manuais negativos podem ser acompanhados pelo movimento de cabeça para os lados ou apenas o movimento de cabeça pode revelar a negação, porém, normalmente associada a uma expressão facial correspondente. Os movimentos do corpo, de acordo com Pfau e Quer (no prelo), podem apresentar papel semântico de inclusão e exclusão; também é possível que sejam utilizados como marcas prosódicas (LEITE, 2008, p. 256).

Expressões da face: Essas expressões podem estar ligadas à semântica do sinal. Sinais com funções adjetivas revelam na face significados relativos a estados emocionais como ALEGRIA ou ESPANTO. Também podem expressar sensações, como acontece na realização do sinal AZEDO ou SEDENTO. Em alguns casos a ausência de uma expressão na face pode definir um par mínimo, como é o caso do sinal para HOTEL e MOTEL na LSB ou PITY (PENA/PIEIDADE) e FALL-IN-LOVE (APAIXONADO) na Língua de Sinais Catalã - LSC. PITY precisa ser acompanhado de uma expressão facial negativa (enrugamento das sobrancelhas e contração dos lábios) enquanto FALL-IN-LOVE aparece acompanhada de uma expressão positiva e os lábios descontraídos.

Configuração da boca: Este tipo de articulador não-manual está dividido em dois tipos: *mouth gestures* (gestos bucais sem relação com a palavra oral) e *mouthings* (elementos falados/oralizados, também referidos como *mouth pictures* ou *word pictures*). O primeiro não tem relação alguma com a palavra da língua oral, enquanto que o segundo é derivado das palavras faladas e tem sua base na pronúncia vocabular. Na LSB há muitos sinais que são articulados com gestos bucais e outros que precisam de *mouthings* para distinguir significados, como é o caso de COMO? e PRA QUE?. Algumas pronúncias de palavras associadas aos sinais podem evidenciar redundância, outras ainda, ajudam a evitar ambigüidades. Há discussões que defendem que os *mouth pictures* são

um fenômeno de línguas em contato e assim considerados então não têm significância lingüística nem são parte de descrição lexical de um sinal (HOHENBERGER & HAPP, 2001 apud PFAU & QUER, no prelo). Por isso ainda é uma questão a ser estudada a fim de que se possa descobrir o quanto *mouthings* realmente constituem uma parte das línguas de sinais, uma vez que, também o uso dessa marcação não-manual pode depender do quanto o sinalizante foi exposto a uma língua oral (ex: anos em que esteve na escola ou recebeu instruções através de métodos de oralização).

7.2.2.2 Morfologia

Os sinais não-manuais com função morfológica podem se organizar nos dois seguintes tipos, além de poderem se apresentar como morfemas livres, ou seja, sem que estejam acompanhando um sinal manual.

Adjetivos: Alguns adjetivos são acompanhados de elementos não-manuais que se articulam simultaneamente, isto é, em uma sentença a marca não-manual é realizada com o nome que é modificado. Esse mecanismo é bastante comum ao expressarmos aumentativos e diminutivos. Pfau e Quer (p.07, no prelo) apresentam a seguinte sentença:

_____)(
(61) POSS₁ FRIEND HOUSE BUY (na Língua de Sinais Alemã – DGS)
“My friend bought a small house”

Nela não há o adjetivo realizado manualmente, apenas a marcação não-manual “)(“ sobre o nome indicando que ao sinalizar HOUSE o sujeito suga as bochechas (ele pode também usar outras expressões associadas a ela) assim identificando que a casa que foi comprada era pequena. Da mesma forma acontece na LSB, as bochechas podem ser inflar para indicar o grau aumentativo ou, com o movimento reverso, expressar grau diminutivo.

Adverbiais: Nesse caso os sinais não-manuais modificam os verbos. Novamente aparece o *mouth gesture*, que, nesse caso, poderá interferir na maneira como uma ação particular foi executada. Conforme já destacamos na subseção 5.2, Reilly (2006) apresenta as marcas “mm”, utilizada para expressar uma ação

particular executada de maneira relaxada e “th” para identificar ação executada com falha no controle, sem atenção. Os exemplos a seguir são de Liddell (1980) (apud PFAU & QUER, no prelo) e se referem às mesmas MNMs:

mm

(62) MAN FISH [continuous]

“The man was fishing with relaxation and enjoyment”

th

(63) INDEX₁ GO-ACROSS WRONG, ACCIDENT

“I crossed the street carelessly. Woops! There was an accident.”

Podemos verificar, portanto, a co-ocorrência dos componentes não-manuais adverbiais com sinais realizados com as mãos. Esses não-manuais, que apresentam a função de modificar semanticamente o sinal manual, tendem a ser executados com a parte de baixo da face, ou seja, através de movimentos e configurações da boca.

7.2.2.3 Sintaxe

No nível da sintaxe, os não-manuais cumprem inúmeras funções. Podem mudar o nível de polaridade da sentença (negativa ou afirmativa), determinar o tipo de sentença e de marcas de topicalização dos constituintes. Além disso, eles acompanham diferentes tipos de outras sentenças como as condicionais e relativas e são capazes de expressar concordância e distinção de pronomes pessoais. (PFAU & QUER, no prelo).

Negação e afirmação: A negação pode ser expressa através do movimento de cabeça (*headshake*) ou através de sinais manuais. De acordo com os autores acima citados, “todas as línguas de sinais têm mecanismos manuais e não-manuais para negar uma sentença. No que diz respeito a este último, o marcador mais comum é o movimento de cabeça para ambos os lados (hs).” (p 09). Todavia não existe uma regra de distribuição dessas marcas; sendo assim, há diferenças consideradas sutis entre as línguas de sinais para a realização da negação. Com o exemplo (64) a seguir retomamos Reilly (2006), para a qual a

sentença que se constitui da negação manual e do *headshake*, expressa de maneira redundante o significado negativo na ASL:

_____neg

(64) ME NOT GO SCHOOL
“I’m not going to school”

Pfau e Quer (no prelo) apresentam a mesma ideia acerca do uso dos elementos não-manuais de negação da autora supracitada – na ASL. Aqueles, porém, esclarecem que:

na presença da partícula manual NOT, o *headshake* pode ser co-articulado apenas com essa partícula, ou pode **opcionalmente ser espalhado** sobre o VP, indicando pelos colchetes [no primeiro exemplo a seguir]. A partícula, no entanto, é facultativa, ou seja, a *headshake* por si só é suficiente para negar a sentença. Neste caso, o *headshake* **tem que ser** espalhado por todo o VP [conforme o segundo exemplo a seguir]. (p.09-10, *grifo nosso, tradução nossa*)⁶⁴

_____hs[_____hs]

(65) JOHN NOT BUY HOUSE

_____hs

(66) JOHN BUY HOUSE
“John didn’t buy the house”

Embora o *headshake* seja o marcador não-manual de negação mais comum, existem línguas de sinais que exigem um sinal manual para expressar essa função. São conhecidas como línguas manuais dominantes em que o movimento de cabeça isolado não serve para a composição das negativas. Pfau e Quer (no

⁶⁴ Do original em inglês: “In the presence of the manual negative particle NOT, the headshake can either be co-articulated with the particle only or it may optionally spread over the VP [...]. The particle, however, is optional, that is, headshake alone is sufficient to negate a proposition. In this case, the headshake must spread over the entire VP [...]”. (PFAU & QUER, no prelo, p.09-10)

prelo) acrescentam outro tipo de não-manual identificado em um número pequeno de línguas de sinais: a *backward head tilt*. De acordo com os autores esse comportamento co-existe com *headshake* e parece ser resultante de um processo de gramaticalização de um gesto isomórfico utilizado pela comunidade de falantes da região em que estão inseridas as línguas de sinais grega, turca e jordanessa. E muito semelhantes às negativas, as sentenças afirmativas também são marcadas através de não-manuais. Estes, porém, são realizados quando a construção exigir afirmação enfática. Assim, o movimento de cabeça (*headnod*) é co-articulado com o constituinte enfatizado. Ex:

hn

(67) SOMEONE ARRIVE

“Someone *did* arrive”

(GERACI, 2002 apud PFAU & QUER, no prelo)

Na LSB, de acordo com Quadros e colaboradores (2009b), “geralmente, a marcação não-manual de afirmação está relacionada a construções com foco.” (p. 09), como nas sentenças abaixo:

(68) JOÃO VIAJAR <PODER>afirm⁶⁵

(69) JOÃO LIVRO <CONHECER>afirm⁶⁶

Interrogativas: Para esse caso há uma variedade maior de marcas não-manuais. As sentenças interrogativas podem ser formuladas quando se deseja obter uma informação nova, e, nesse caso, são utilizadas expressões interrogativas como O QUE, QUEM, ONDE, COMO, QUAL, POR QUE etc. Ou ainda, quando se quer apenas receber uma das respostas SIM ou NÃO. O comportamento dos elementos faciais nesses casos sofre algumas variações entre as línguas de sinais. Enquanto na LSB as sobrancelhas são elevadas, podendo ser acompanhadas de um leve franzir da testa, na ASL há um abaixamento e enrugamento das

⁶⁵ Tradução: *João pode viajar.*

⁶⁶ Tradução: *João conhece o livro.*

sobrancelhas na produção das interrogativas –QU. Ainda, a MNM se espalha sobre a sentença inteira na LSB e, na ASL, pode se distribuir sobre a sentença completa ou apenas sobre o elemento –QU que é sinalizado manualmente, e que aparece em posição final da sentença.

(70) <O QUE JOÃO QUERER>qu (LSB)

O que o João quer?

le

(71) TEACHER LIPREAD YESTERDAY WHO (ASL)

“Who did the teacher lipread yesterday?”

Nas construções sim-não na LSB, as sobrancelhas se elevam e a cabeça sofre um leve abaixamento. Da mesma forma acontece na ASL, as sobrancelhas são elevadas; porém há uma pequena diferença, os ombros e a cabeça se movem para frente. Nas duas línguas, a sentença inteira é normalmente acompanhada pelo sinal não-manual. O símbolo “< >”, no enunciado da LSB, e a linha acima da sentença com o indicador “re” (de *raised eyebrows*), na ASL, exemplificam essa característica:

(72) <ANA TRABALHAR ESCOLA>sn⁶⁷

re

(73) WOMAN FORGET PURSE

(PFAU & QUER, no prelo, p.12)

Tópico: Tópico “[...] é um constituinte que veicula informação partilhada pelos participantes do discurso.” (PIZZIO, 2006, p. 39)⁶⁸, por isso entendido com uma estrutura de informação. A topicalização é responsável, também, pela mudança na ordem dos constituintes na sentença da língua (conforme abordamos no

⁶⁷ Tradução dessa interrogativa do tipo sim-não: *Ana trabalha na escola?*

⁶⁸ Aqui apresentamos como referência Pizzio (2006) por ser um trabalho realizado especificamente sobre aquisição de tópico e foco na LSB.

Capítulo 4). Para a realização de uma estrutura topicalizada há um marcador não-manual básico, a elevação das sobrancelhas. Estas, porém, podem ser combinadas com outros elementos de mesma natureza. O que normalmente ocorre é que a estrutura topicalizada aparece seguida por uma interrupção entoacional, a qual possibilita alternância entre os elementos não manuais. Pizzio (2006, p.100) apresenta a seguinte sentença produzida pelo Léo:

(74) <ÁGUA>top, 2PEGARmc ÁGUA⁶⁹

Conforme mencionamos, o primeiro item é topicalizado e seguido de uma pausa. Em seguida a criança modifica o marcador não-manual para o movimento de cabeça afirmativo.

Condicionais: Nessas construções também aparece a elevação das sobrancelhas, as quais normalmente combinam com a elevação do queixo, que é levemente conduzido à frente. Essas sentenças, em geral, revelam situações hipotéticas e, semelhante ao que acontece nas topicalizadas, o marcador aparece em posição inicial. É possível que o sinalizante utilize um elemento manual associado à expressão facial para a realização dessa estrutura, no caso da ASL, os sinais **I-F** ou **SUPPOSE**. O uso deste é opcional, uma vez que o sujeito pode realizar apenas a marcação não-manual específica para essas construções. No entanto, se ao enunciado não for associado nenhum dos elementos não-manuais, tão pouco **I-F** ou **SUPPOSE**, a sentença passa a assumir uma condição de declarativa. O mesmo é válido para a LSB, em que o elemento manual **S-I** e as mesmas marcas não-manuais são a base dessas estruturas, sendo aquele também opcional.

No exemplo de Liddell (1986), apresentado por Pfau e Quer (no prelo, p.15), além da elevação das sobrancelhas que se espalha sobre a condicional, há o movimento de *head thrust* (um “impulso da cabeça”) que acompanha o predicado dessa sentença.

_____ht

⁶⁹ Tradução possível: *A água, eu vou pegar a água.*

_____re

(75) TOMORROW RAIN, PICNIC CANCEL

“If it rains tomorrow, no picnic.”

O comportamento dos não-manuais na organização dessas estruturas é bastante variável. Pode gerar ambigüidade, por exemplo, nas sentenças adverbiais temporais (*when clauses*), uma vez que os elementos que identificam essas construções também aparecem em posição inicial e são acompanhadas de elevação das sobrancelhas. É o que acontece com a ASL, a Língua de Sinais Alemã (DGS) e a Israelita (ISL), conforme podemos ler em

_____re

(76) RAIN, NOT GO PICNIC

traduzida de duas formas: “If it rains, we won’t go on picnic” e “When it rains, we don’t go on picnics.” (COULTER, 1979 apud PFAU & QUER, no prelo).

Relativas: De maneira geral, essas construções também são marcadas pela elevação das sobrancelhas, como acontece nas topicalizadas e nas condicionais, podendo ainda, como acontece na ASL, ser acompanhadas de um desvio da cabeça para trás e um movimento particular da parte superior da boca. Normalmente há uma pausa na sinalização para que haja o encaixamento da informação dentro do que está sendo dito. A marcação não-manual se espalha sobre a sentença relativa, definindo também o constituinte prosódico dessa sentença. Quadros e Karnopp (2004, p. 183) apresentam a seguinte construção:

(77) MULHER <BICICLETA CAIR>r ESTAR HOSPITAL

Onde “< >” identifica a elevação das sobrancelhas sobre a oração encaixada.

Concordância: As relações de concordância são estabelecidas através dos movimentos no espaço de sinalização indicados manualmente. Além disso, elementos não-manuais podem expressar essa função; dentre eles estão a direção do olhar em relação ao objeto e a inclinação da cabeça em direção ao lugar do

sujeito nas sentenças transitivas (BAHAN, 2006). As discussões, porém, são divergentes sobre esse aspecto e muito recentes. Em Quadros e Karnopp (2004), encontramos alguns exemplos acerca do uso de não-manuais como a direção do olhar associados à concordância verbal. Na sentença seguinte, o verbo é realizado ao desenhar a trajetória que parte do local do sujeito até o lugar da coisa que foi paga, o objeto. Há direção do olhar e movimento envolvidos na produção da sentença, que revelam a propriedade de concordância do verbo e das marcas não-manuais da língua.

(78) IX<ele>do <PAGAR>do
Ele pagou (alguma coisa)

7.2.2.4 Discurso

O comportamento das marcas não-manuais também pode ser verificado no nível do discurso. Nesse sentido, um fenômeno bastante comum nas línguas de sinais é a “troca de referentes” ou “alternância de papéis” (do inglês *role shift*), que envolvem tanto expressões faciais emocionais como linguísticas.

Há duas possibilidades de realização dessas trocas: o discurso direto e ação reportada. O primeiro acontece quando, por exemplo, uma história é contada a partir de “quem” está falando; e o último quando um fato é recontado através da alternância dos pontos de vista. Para isso, conforme já mencionamos, há recursos específicos que envolvem as trocas de olhares e movimentos do corpo e da cabeça, muitas vezes associados a uma apontação manual pelo sinalizante. Quando o sujeito assume o papel do outro, ele incorpora um “personagem” e para isso, além de utilizar expressões faciais e gestos não-linguísticos que possam caracterizar a pessoa, pode assumir o espaço real desta. Elementos não-manuais gramaticais são utilizados para estabelecer as devidas relações, sobre as quais viemos falando neste trabalho. O “narrador” pode revelar diferentes emoções de acordo com os “personagens”, no entanto, a direção do olhar e as expressões afetivas são as que delimitam o escopo, ou seja, o início, a duração e o ponto final do discurso direto. (REILLY, 2006, p.266).

Além disso, há outros sinais que revelam basicamente as transições de fala entre os sinalizantes, porém, que se sobrepõem e muitas vezes dificultam a sua identificação

de maneira precisa. Baker (1977) e McIlvenny (1995) (apud LEITE, 2008, p. 201) defendem que “[...] o olhar parece desempenhar um papel fundamental no gerenciamento da troca de turnos na conversa sinalizada”. Também gestos não-verbais existentes na interação humana que se complementam por outros gestos de função pragmática, como expressões da face e movimentos de cabeça, na língua de sinais podem complementar aquele papel, uma vez que constituem a prosódia da língua.

7.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DA CRIANÇA⁷⁰

Nesta subseção, concentraremos-nos na descrição dos não-manuais a fim de tecermos um primeiro estudo mais geral acerca das realizações dos não-manuais da criança. Para cada sessão trazemos exemplos que serão apresentados através das imagens retiradas do sistema de transcrição, ELAN. Vamos nos ater às realizações dos não-manuais do Léo e tecer nossas reflexões com base no que viemos detalhando até aqui.

7.3.1 A realização dos não-manuais

Nas primeiras produções do menino⁷¹, identificadas nas duas primeiras imagens a seguir, identificamos o estágio de construção de enunciados com um ou dois sinais e as interações acontecem com o pai e o irmão. De maneira geral, Léo realiza o movimento de cabeça negativo e mantém as direções do olhar no espaço neutro ou sem foco. Quando realiza a sinalização manual de negação, a sua direção do olhar se mantém no interlocutor e o movimento de cabeça varia, podendo permanecer associado à sinalização manual, variando em sua extensão, ou não ocorrer.

⁷⁰ Como não há trabalhos específicos que tenham abordado o tema da aquisição dos não-manuais na LSB, apoiamos-nos na pesquisa de Reilly (2006), fundamentalmente, a título de comparação, de modo a evidenciar como a realização dessas marcas ocorre em línguas de mesma modalidade. Vale ressaltar que são línguas diferentes, porém, a modalidade na qual se apresentam podem revelar um grau maior de similaridade quando comparadas, uma vez que a LSB sofreu grandes influências históricas da ASL. Isso não significa, porém, que **TODAS** as línguas de sinais sejam semelhantes.

⁷¹ A data de nascimento do Léo é 16 de agosto de 2000.

Na transcrição temos a seleção do momento inicial e final da realização do sinal não-manual NÃO. No contexto o menino, com 1;07, responde ao pai que lhe oferece a caneca.

Grade	Texto	Legenda	Controles
N		Anotação	Tempo Inicial
			Tempo Final
			Duração
33	NÃO (NM) NÃO (SINAL MANUAL)		00:21:19.092
34	NÃO (NM)		00:21:26.966
35	ONDE IX-<LA>		00:23:25.616
36	NÃO (MANUAL)		00:23:31.400
37	*SINAL ZECA* IX-<Zec>		00:23:32.738
38	IX-<la>		00:23:36.203
39	VOZ IX-<la>		00:23:40.453
40	SM		00:23:50.438
41	MEU DAR		00:23:51.464
42	*SINAL TIBURÇA*		00:24:34.486
43	ESPERAR		00:24:36.464
44	VER IX-<all câmera>		00:24:39.716
45	NÃO		00:25:21.091
46	IX-<la>		00:28:26.206
47	DAR		00:30:18.676
48	CAMERA (?)		00:33:24.208

Fig. 17: Movimento de cabeça – NEGAÇÃO.

No mesmo exemplo, na sequência da cena, a criança sinaliza manualmente a negação e o olhar é direcionado ao pai, o interlocutor. O movimento de cabeça, porém, não aparece (conforme apresentamos na Fig.18).

Grade	Texto	Legenda	Controles
N		Anotação	Tempo Inicial
			Tempo Final
			Duração
33	NÃO (NM) NÃO (SINAL MANUAL)		00:21:19.092
34	NÃO (NM)		00:21:26.966
35	ONDE IX-<LA>		00:23:25.616
36	NÃO (MANUAL)		00:23:31.400
37	*SINAL ZECA* IX-<Zec>		00:23:32.738
38	IX-<la>		00:23:36.203
39	VOZ IX-<la>		00:23:40.453
40	SM		00:23:50.438
41	MEU DAR		00:23:51.464
42	*SINAL TIBURÇA*		00:24:34.486
43	ESPERAR		00:24:36.464

Fig.18: Sinal manual X sinal não-manual – NEGAÇÃO.

Temos então as duas possibilidades: a da realização da negação por meio do movimento de cabeça independente e a produzida manualmente.

Na ASL, Segundo Reilly (2006), o movimento de cabeça frequentemente ocorre isolado na comunicação, como resposta, ou seja, sem que sinais e/ou palavras a ele sejam associadas. Já o movimento negativo gramatical co-ocorre com o enunciado que é

sinalizado. Assim, é esperado que, se a criança é capaz de organizar suas habilidades comunicativas desde muito pequena, como acontece no estágio de um sinal, e assim conduzi-las diretamente em favor da linguagem, acredita-se que a negação manual apareça espontaneamente com a produção dos enunciados manuais negativos. (p. 272)

A autora se refere aos sinais como N-O, NO, NOT, DON'T-WANT (soletrados manualmente), entre outros, que na ASL aparecem entre os 18 e 20 meses. Mesmo que a criança já sinalize manualmente a negação juntamente ao movimento de cabeça, quando ela começa a usar o sinal negativo, ela cessa por um tempo o uso do movimento de cabeça no contexto linguístico.

A criança parece analisar cada sinal independentemente como formas idênticas em sua estrutura e no seu significado. Passa a trazer essas formas para o contexto linguístico com mais cautela.

O menino com 1;10 (Fig. 19), além de realizar a negação manual e o movimento de cabeça, mesmo que de maneira variável, utiliza movimentos de sobrancelhas franzidas, que associados aos dois primeiros revelam o domínio da função desses elementos na língua.

The screenshot shows a software interface for video analysis. On the left, there is a video window showing a child sitting on a red sofa. Below the video is a timeline with playback controls. On the right, there is a table of annotations. The selected annotation is highlighted in blue and reads: '12 NÃO YYY DV (objeto-aumentando-faminto) (frinquesos-no-chão)'. Below the table, there is a detailed view of the selected annotation, showing the text 'NÃO YYY DV (objeto-aumentando-faminto) (frinquesos-no-chão)' and a diagram of facial movements: 'Franzidas' (frowns) and 'Elevação das sobrancelhas' (eyebrow raising).

Fig. 19: Sinal manual de negação associado à expressão facial.

A marcação da elevação das sobrancelhas, “es”, é realizada pelo Léo na seguinte estrutura:

_____do
 _____es
 (79) ONDE DV(segurando-boneco)⁷²

Percebemos a ausência do sinal não-manual sobre o constituinte interrogativo, ou seja, a face da criança está neutra. Em seguida ela realiza o sinal manual classificador, identificado por “DV”, acompanhado da elevação das sobrancelhas e da direção do olhar para o objeto identificado, o boneco. Como o menino ainda produz enunciados de apenas um sinal ou dois, é comum que os elementos não-manuais ainda não sejam utilizados de maneira coerente. O mesmo acontece com os não-manuais de negação e adverbiais, no estágio de um sinal; os manuais como ONDE, QUAL, co-ocorrem com movimentos das sobrancelhas, comuns na comunicação afetiva que expressam o sentimento de “confuso, embaraçado”. Quando a sintaxe começa a emergir, esses elementos interrogativos passam a ser sinalizados manualmente com a face predominantemente “em branco”. E em seguida, a criança passa a fazer uso dos não-manuais de maneira adequada, o seu escopo e duração são limitados sobre o sinal manual interrogativo.

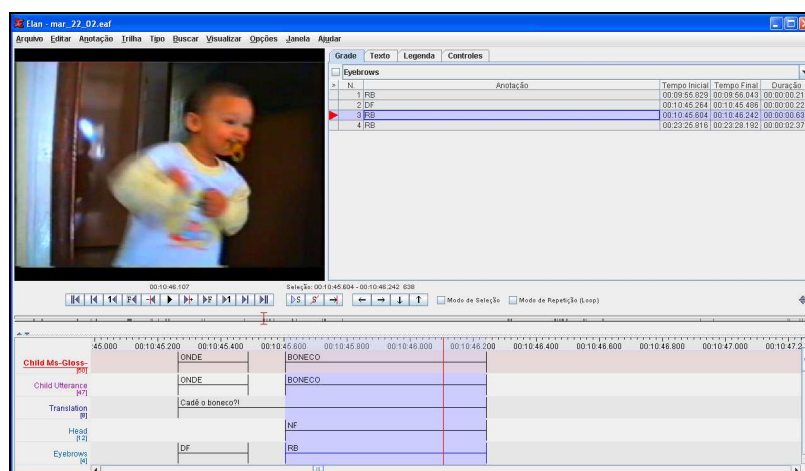


Fig. 20: Uso inconsistente da elevação das sobrancelhas.

⁷² Aqui Léo quer saber onde está o boneco e logo o identifica no colo do irmão. Porém, não usa o sinal lexical BONECO, mas sim um sinal gestual, nesse caso icônico, em que parece segurar o brinquedo.

Léo utiliza de maneira recorrente a elevação das sobrancelhas ao sinalizar verbos. Em grande parte dos enunciados transcritos, registramos o verbo COMER, porém, não conseguimos identificar se a criança estava se referindo a ação ou ao substantivo, COMIDA. Isso porque para os dois sinais a forma é a mesma e muitas vezes nem o contexto ajuda nessa diferenciação.

Além disso, a realização do sinal manual COMER/COMIDA geralmente aparece com movimentos repetitivos associados à elevação de sobrancelhas (como na Fig. 21), revelando possivelmente marcas de aspecto. Nesse caso ainda ocorre a elevação da cabeça (ou aceno de cabeça), “ec”, quando o menino localiza na mesa os objetos para brincar de fazer a comida.

_____ ec
 _____ es
 (80) IX(brinquedo) COMER+ IX(lá)

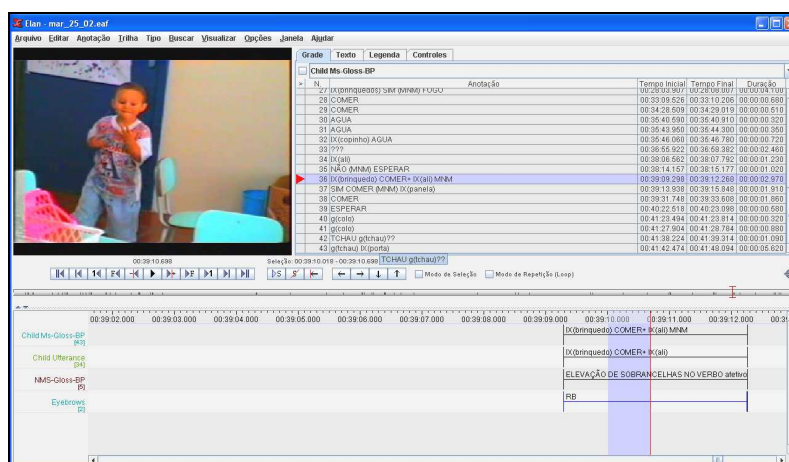


Fig. 21: Elevação das sobrancelhas e da cabeça.

Quanto ao aceno de cabeça, verificamos que bem cedo, com 1;08, ele já o realiza em sentenças interrogativas, associado ao sinal manual QUAL (traduzido no contexto da sentença a seguir como “onde, cadê”) e à elevação das sobrancelhas.

_____ es
 _____ ec
 (81) OLHAR IX(lá) QUAL ZECA QUAL
Quero ver o Zeca. Cadê o Zeca, cadê?

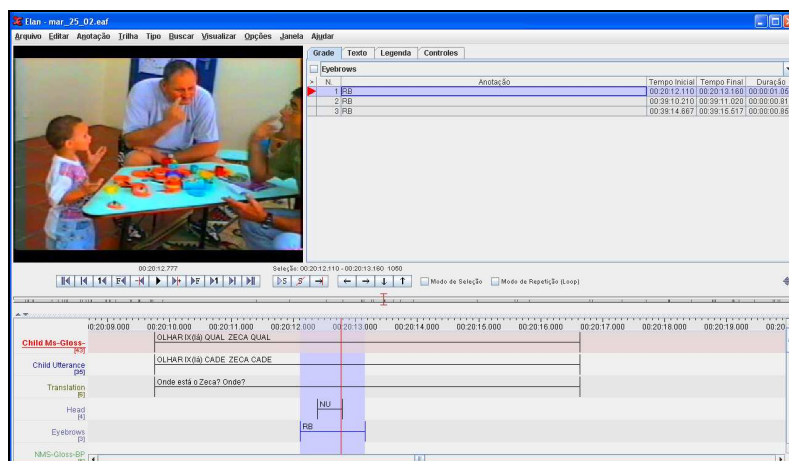


Fig. 22: Aceno de cabeça associado ao elemento interrogativo.

Ele também só produz o elemento não-manual interrogativo, acompanhado da direção do olhar à procura de algo. A elevação das sobrancelhas se distribui da seguinte forma:

(82) COMER # $\overline{\text{VER[=?ZECA]}}$ QUAL IX(brinquedo)⁷³

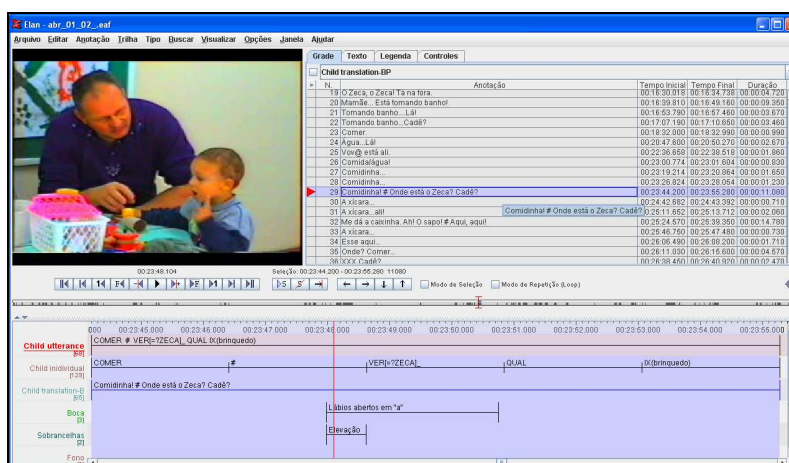


Fig. 23: Alternância no uso dos não-manuais interrogativos.

⁷³ Neste enunciado não conseguimos identificar a sinalização da criança sobre a qual se espalha a marca não-manual. Como o sinal de VER e o de identificação do irmão ZECA são articulados em uma localização muito próxima e parecem ter a mesma configuração de mão, não podemos afirmar o que o menino sinalizou, nem mesmo pelo contexto. Por isso na glosa da transcrição temos VER[=?ZECA]_.

Na Fig. 23 apresentada, o uso do marcador não-manual é interrompido e o sinal manual QUAL é realizado. O olhar se direciona à procura de algo ou de alguém, que, pelo contexto, parece ser o irmão – ZECA. Interessante observar (a título de comparação), que na ASL, em adultos, as sentenças interrogativas –WH incluem sinais manuais do tipo WHAT, HOW, WHERE combinados com um enrugamento das sobrancelhas, uma inclinação da cabeça e, em alguns casos, uma breve sacudidela da cabeça. Já em crianças usuárias da ASL, antes dos dois anos de idade ou mais, as sentenças são acompanhadas pelos aspectos dos comportamentos dos não-manuais nos adultos. Assim como acontece na LSB com o Léo, também Reilly (2006) constatou na ASL que uma das crianças de sua pesquisa fez uso alternado dos sinais não-manuais para o caso das interrogativas. Segundo a autora, entre o adulto e a criança a diferença está no escopo, no *timing* e no uso dos elementos que se expressam na face. Em (82) notamos o uso do enrugamento das sobrancelhas sem a inclinação da cabeça e em (83) identificar que a criança sacode a sua cabeça vagarosamente como se procurasse a melancia.

(83) Age 1;6
 _____ (AU4: brow furrow)
 WHAT “what?”

(84) Age 1;9
 _____ (AU51 AU52: headshake)
 WHERE MELON “Where’s the melon?” (REILLY, 2006, p.276)

A utilização dos movimentos das sobrancelhas e da cabeça concomitante ao comportamento “procurar visualmente por algo”, conforme exemplificamos em (83), parece bastante recorrente nos adultos que interagem com a criança nas duas línguas citadas. Sendo assim, é bem provável que os pequenos façam o mesmo em consequência da sinalização direcionada a eles (CDS – *Child-Directed Signing*).

Algumas evidências de *mouth gestures*, “mg”, também foram identificadas nos dados da criança (na faixa de 1;08). No contexto a seguir, o pai pede ao filho que coloque o papel na lixeira para mostrar ao cinegrafista. Léo então com 1;08 recolhe o papel do chão e sinaliza a sentença a seguir.

_____mg
 (85) SUJAR MNM
Ui! Sujeira!

O sinal SUJAR é realizado manualmente, porém, a marcação não-manual que deveria ser articulada simultaneamente ao item lexical aparece na sequência deste. Diante disso, e considerando que ainda são escassos os trabalhos que discutem a realização dos *mouthings* e *mouth gestures*, temos duas possibilidades: ou essa produção se refere a uma característica gestual afetiva do menino ou é parte da sinalização que se constitui do gesto bucal (língua entre os dentes e os olhos cerrados e contraídos).

The screenshot displays a video analysis software window titled 'Eplan abr_01_02..._ed'. It features a video player on the left showing a child holding a toy. On the right, there is a table of utterances with columns for 'Grado', 'Texto', 'Legenda', and 'Controles'. The table lists various utterances with their corresponding time stamps. Below the table, there is a timeline with labels for 'Child utterance', 'Child individual', 'Child translators', 'Olhos', 'Boça', and 'Coments'. The timeline shows the duration of each utterance and the corresponding video frames.

Grado	Texto	Legenda	Controles
1	XXX	Anotação	
51	XXX		
52	COMER XXX		
53	g(m)		
54	XXX		
55	COMER (PASSARINHO)		
56	COMER		
57	COMER		
58	COMER (UOV)		
59	(COMER-CHÃO)		
60	YY		
61	(g(m)g(m))		
62	XXX		
63	(X) (X) POSITIVO g(surpresa)		
64	XXX		
65	CHAVE (X) (techedura)		
66	SUJAR		
67	(surpresa) XXX (X) (m) (X) # QUAL		

Fig. 24: Expressão afetiva vs. *Mouthings/mouth gesture*.

Ainda nessa fase, portanto, com 1;08, verificamos enunciados maiores em que o menino realiza os não-manuais de maneira aproximada à do adulto para as interrogativas. Na sentença a seguir, identificamos a elevação dos ombros (“eo”), o movimento de cabeça (inclinação lateral - “mc”), a elevação das sobrancelhas (“es”) e as sobrancelhas franzidas (“sf”), que se espalham sobre o sinal manual QUAL (traduzida como “cadê, onde está?” e em outras formas sinônimas).

_____mc
 _____eo _____es
 _____es _____sf

(86) QUAL EMBORA CASA XXX # CM12(sinal-pessoa)+ QUAL IX(lá)+⁷⁴

Cadê? Foi embora pra casa... Ah! O Zeca! Ele está lá!

A transcrição explicita o uso de inúmeros sinais não-manuais que são distribuídos de acordo com a natureza do enunciado já na idade de 1;08, ainda que aspectos discursivos não pareçam bem definidos.

O trabalho de Reilly (2006) analisou discursos produtivos de crianças na faixa dos 30 meses (dois anos e seis meses de idade) nos quais apareciam os sinais manuais interrogativos. A pesquisadora constatou, porém, que as suas faces permaneciam neutras; os pequenos omitiram os não-manuais que deveriam ser obrigatoriamente realizados.

(87) Age 2;3

WHERE “WHAT”

“Where is it?”

Foi possível verificar que as crianças parecem interromper o uso dos não-manuais e voltam a realizá-los inconsistentemente por volta dos quatro anos. Aos cinco os comportamentos faciais aparecem apenas sobre os sinais manuais interrogativos e aos sete anos de idade elas passam a produzir a variedade de não-manuais apropriada para essas estruturas. (REILLY, 2006, p. 276-277).

Essas conclusões são importantes, portanto, para a continuidade dos estudos dos dados do Léo, a fim de que, através de análises e comparações, seja possível identificar as especificidades da gramática de cada língua em questão, quais sejam a ASL e a LSB.

⁷⁴ A notação “XXX” se refere ao sinal não claro realizado pela criança, inacessível à transcrição. Como não descrevemos a sua forma fonológica, decidimos manter esse registro para que outros transcritores, ao fazerem a revisão, possam dispensar maior atenção a essa transcrição em particular. Contudo, a não identificação do sinal não implica problemas na análise dos não-manuais.

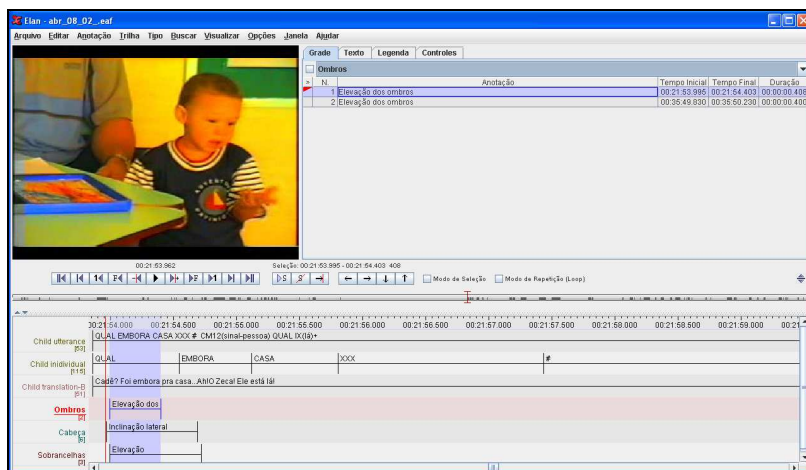


Fig. 25: Não-manuais interrogativos: Semelhanças com a gramática do adulto.

Durante o percurso de nossas análises foram identificados alguns enunciados bastante interessantes. A seqüência da transcrição identificada nas Fig. 26 e 275 a seguir apresenta a realização de um gesto emblemático pelo menino com 1;09 (pedido de silêncio). Vale ressaltar que o emblema apresenta a mesma forma convencional de um gesto utilizado pelos usuários de línguas orais.⁷⁵

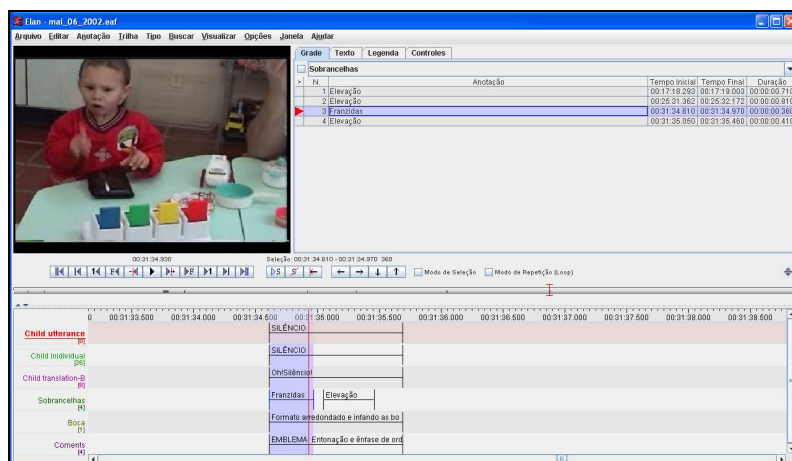


Fig. 26: Emblema: Não-manuais (sequência 1).

⁷⁵ Vejamos nas imagens, mais precisamente na Fig. 27, que o menino está realizando o gesto emblemático. Na Fig. 26 percebemos as marcas não-manuais expressas na face do Léo (sobranceiras e boca).

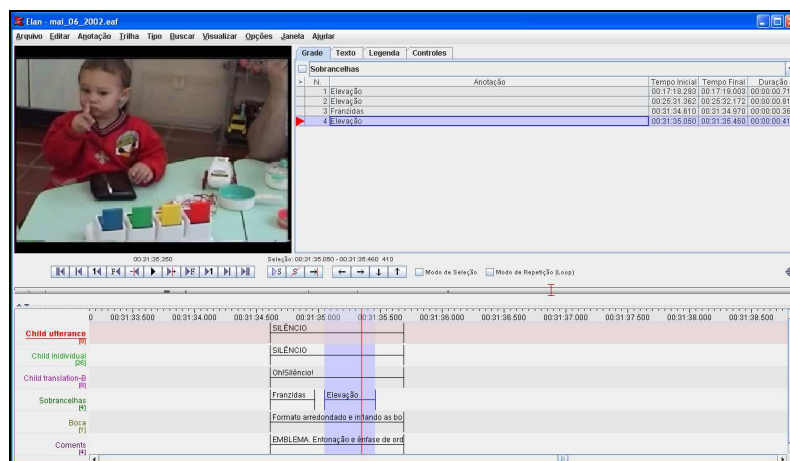


Fig. 27: Emblema: Não-manuais (sequência 2).

O sinal aparece associado às mesmas marcas que o menino vem utilizando em outras construções. Nesse caso, denotam ordem e estão relacionadas à prosódia da língua, ainda que os mesmos sinais da face possam ser utilizados em comportamentos afetivos. Léo pede silêncio, quer que seus interlocutores “fiquem quietos”, ou seja, não lhe mandem parar de mexer na carteira do papai.

De acordo com um trabalho recente de Lillo-Martin e Quadros (2008), em que as autoras investigam duas crianças, sendo uma delas o menino Léo, sentenças imperativas, como a que citamos, são usadas para expressar modo *irrealis*. Ao tentarem responder a questão de como o modo *irrealis* é realizado pela criança em ASL e na LSB, observaram que, mesmo que não exista uma maneira determinada para os verbos que expressam esse modo, há uma marcação não-manual que revela desejo e intenção utilizados pelos adultos nessas línguas. Ainda, essa marca não é a mesma usada para expressar o futuro simples dos verbos. Portanto, torna-se mais difícil identificar se a criança está utilizando esse marcador não-manual, haja vista também os problemas de disposição das câmeras nas filmagens, o que dificultou a identificação dos sinais na face das crianças. Mesmo assim, parece bastante claro que elas não fazem uso da marcação não-manual sistematicamente.

Assim o desejo do menino se evidencia no uso das suas expressões não-manuais, registradas da seguinte maneira:

___sf

_____es

(88) SILENCIO

Oh!Silêncio!(Fica quieto!)

Também identificamos algumas estruturas com tópicos⁷⁶ que explicitam claramente o uso de marcadores não-manuais pela criança, porém de maneira inconsistente. De acordo com o que já viemos descrevendo, nessas estruturas acontece o deslocamento de alguns elementos e há, tradicionalmente, a realização de pausa entre eles. Como nas línguas de sinais as pausas são realizadas por expressões da face do sinalizante ou do corpo deste, a marcação de tópico também se caracteriza por uma realização não-manual comum, a saber, a elevação das sobrancelhas.

No enunciado seguinte, Léo com 1;09 realiza a elevação das sobrancelhas sobre o objeto da sentença e a pausa substituída pela direção do olhar, inicialmente voltado ao local onde se encontra o irmão e em seguida ao interlocutor.

_____ do _____ do
 _____ es

(89) CM12(sinal-pessoa), IX(ali)

O Zeca, (ele) está ali.

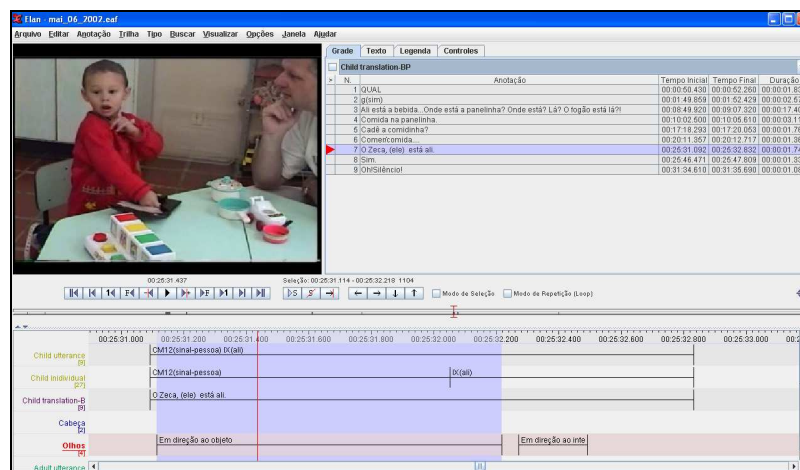


Fig. 28: Realização dos não-manuais: Tópico.

Já no nível do discurso, pudemos verificar o uso constante de um gesto de atenção pelos adultos, desde o início das filmagens, o qual passou a ser identificado nas

⁷⁶ Maiores detalhes sobre as realizações com tópico da criança podem ser encontradas no capítulo cinco de Pizzio (2006). Nele, a autora analisa também as marcações não-manuais específicas à topicalização que interferem na ordem das palavras nas sentenças.

transcrições como CHAMAR (de “chamar a atenção”). A sua configuração difere do verbo CHAMAR como em CHAMAR PAPAI IR EMBORA, por exemplo. Na situação dos dados transcritos o gesto utilizado assume a forma do pronome de segunda pessoa do singular, porém, ao encostar no corpo da criança significa que é com ela que o interlocutor quer falar (algo muito comum na interação entre os pequenos e os adultos, uma vez que as crianças se distraem com frequência). O gesto pode ser identificado como parte da língua, uma vez que o seu uso se dá com recorrência e sistematicidade.

Encontramos, também, elementos de prosódia na língua de sinais, que, de maneira geral na interação entre os humanos é um dos principais elementos da língua para o estabelecimento da atenção entre os falantes. Entre usuários de uma LS é fundamental que se estabeleça o olhar, que a atenção esteja voltada ao interlocutor. Para isso, gestos e expressões do corpo são fundamentais. De acordo com Leite (2008)

[...] Outros recursos que também integram os processos atencionais, e que são inclusive anteriores à língua tanto ontogenética quanto filogeneticamente, são as várias formas de gestualidade, como os gestos de apontamento, o olhar, a orientação da cabeça e do tronco. (p. 119)

O exemplo a seguir mostra um enunciado do adulto:

PAI:

(90) IX(Léo) FUTURO ESTUDAR VONTADE IX(aqui)

Você quer estudar aqui no futuro?

Comentário: Léo atende ao pai que o chama para fazer o questionamento.

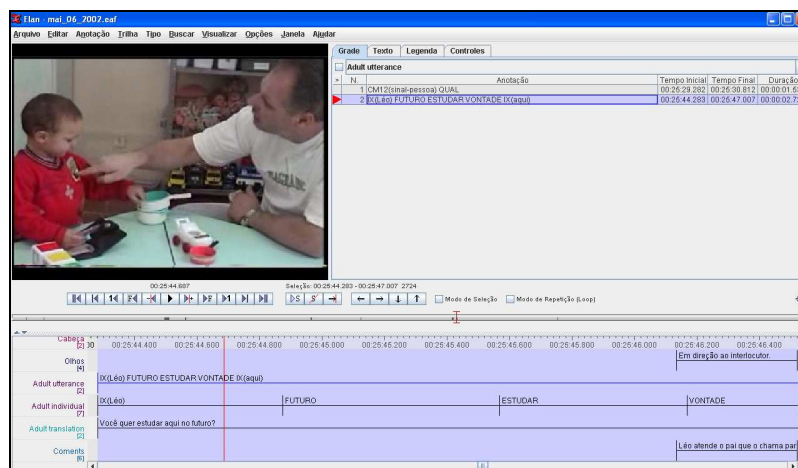


Fig. 29: Gesto atencional do adulto.

Em seguida o menino responde afirmativamente com o aceno gestual de cabeça:

LÉO:

___mc

___do

(91) g(sim)+

Sim, sim, sim.

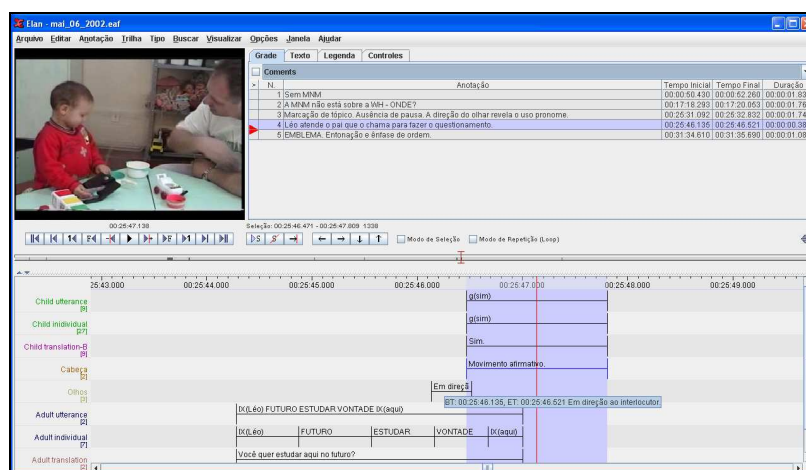


Fig. 30: Marcador não-manual discursivo: Afirmação.

Ainda como elemento prosódico na língua de sinais, encontramos o não-manual de elevação das sobrancelhas associado à inclinação da cabeça à frente com função enfática. Nesse caso, como o menino ainda não utiliza as marcas específicas que acompanham o sinal FOGO (traduzido como fogo, fogão ou cozinhar, de acordo com a

expressão associada ao sinal manual no contexto), parece haver uma recorrência pela elevação das sobrancelhas, de modo a revelar que ali a sua frente há o fogo ou o fogão onde está cozinhando a comidinha. Interessante, também, que o enunciado do menino é uma resposta ao pai que o questiona sobre o que há dentro da panela e se é algo para cozinhar que há ali; e a criança responde destacando que não é a panelinha para a qual o pai apontou que está no fogão, mas sim a outra para a qual ele faz questão de apontar, salientando-a através das suas expressões faciais e do movimento da cabeça.

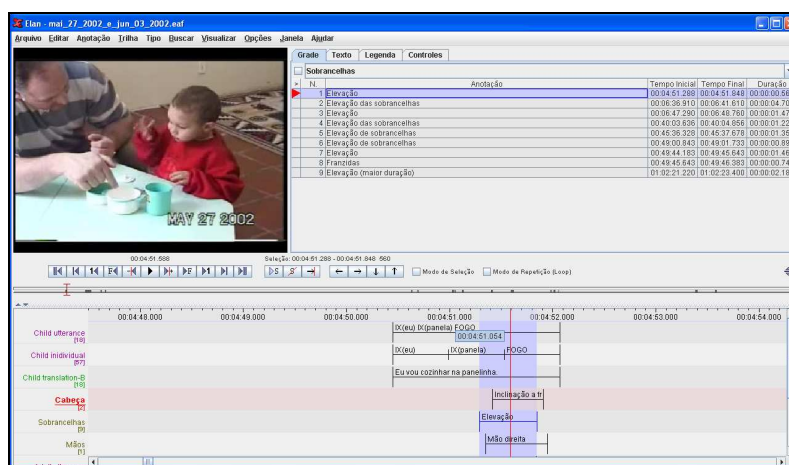


Fig. 31: Marcação enfática: Elevação das sobrancelhas e inclinação da cabeça à frente.

O mesmo item lexical é realizado pelo menino em duas sessões subsequentes, quando ele está com 1;10. Ele sinaliza os elementos gramaticais não-manuais modificadores através do enrugamento das sobrancelhas, das bochechas infladas e dos olhos semi-cerrados em direção ao interlocutor. Nesse caso, os não-manuais estão acompanhando o sinal manual de FOGO, e, assim atribuem a ele um aspecto de intensidade, força. Em seguida, Léo realiza as mesmas marcações em referência ao FOGO, porém, sem a realização manual do sinal.

Reilly (2006, p. 275) destaca que os advérbios faciais, como no caso mencionado, invariavelmente acompanham predicados que são realizados manualmente. O início e final da realização dos comportamentos faciais adverbiais coincidem com a realização do sinal manual sobre o qual essas marcas se espalham.

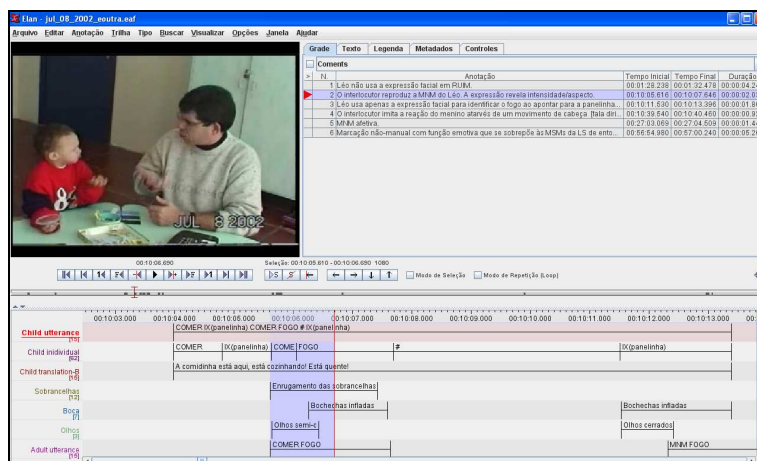


Fig 32: Sinal manual e expressões da face modificadoras: Intensidade

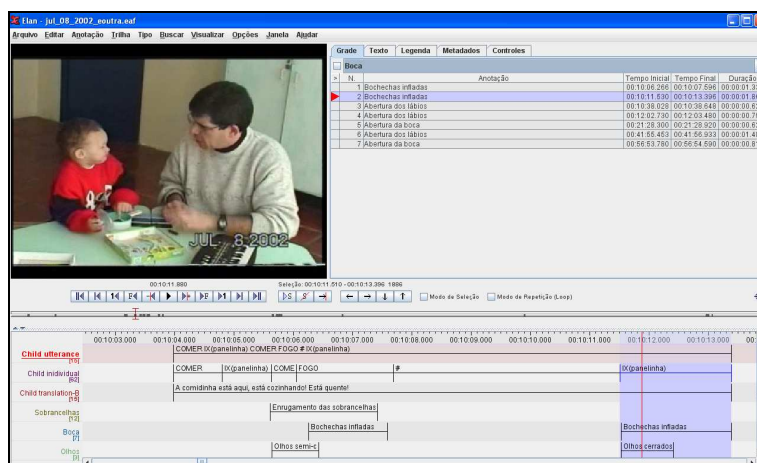


Fig 33: Expressões adverbiais faciais: Referência não-manual ao item lexical sinalizado anteriormente.

No entanto, é possível expressar não-manualmente elementos modificadores que se refiram a um item já mencionado no discurso associando à sinalização apontações de referenciação e direcionamentos do olhar.

A mesma pesquisadora identificou em seus dados da ASL a primeira ocorrência produtiva de um não-manual adverbial, em que este co-ocorria com um predicado simples realizado manualmente, somente aos dois anos de idade e com predicados multisinalizados aos dois anos e três meses. Aos três anos e seis meses, segundo ela, as crianças já realizam uma gama de não-manuais adverbiais, conforme identificado no seguinte gráfico:

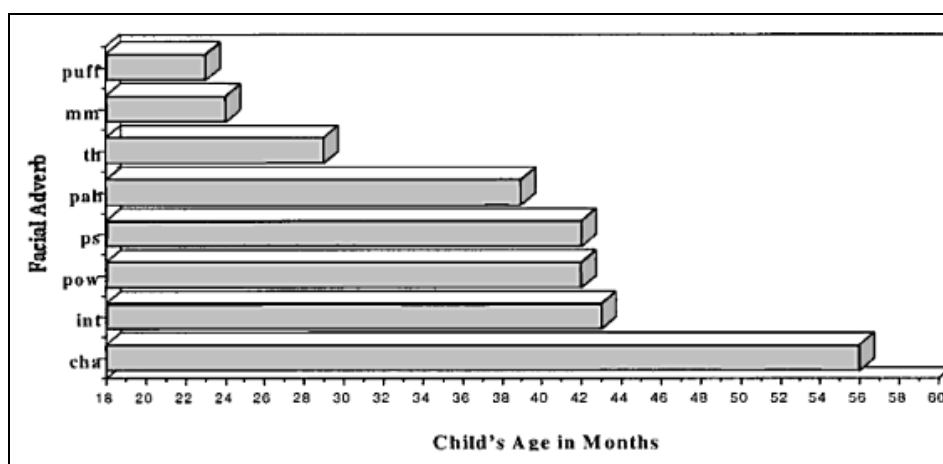


Fig. 34: Gráfico do desenvolvimento dos adverbiais faciais (ANDERSON & REILLY, 1999 apud REILLY, 2006, p. 275).

Esses não-manuais adverbiais são organizados pela pesquisadora, com base em Baker & Cokely (1980), da seguinte forma:

Adverbial	Significance	Description
puff	A large amount, too much	AU 13: cheeks filled with air
mm	Normally/regularly or with pleasure	AU 15 + 22: lips pressed together and protruding
pah	Finally/exactly	AU 24, 27: lips open suddenly to mouthe PAH
th	Carelessly, wrong	AU 19 + 26: lips parted, tongue slightly protruding
int	Surprisingly large	AU 20 + 25: lips are drawn back and parted
cha	Relatively large	AU 22+ 25, 27: lips slightly open, teeth clenched, jaw drops suddenly
pow	Meaning still being investigated	AU 24 + 27, 18 + 26: lips closed, open suddenly
ps	Just missed, very thin, smooth	AU 23 + 25: lips pressed together, drawn slightly

Quadro 3: Adverbiais mais comuns nos discursos das crianças. (adaptado de REILLY, 2006)⁷⁷

⁷⁷ AU é a codificação de *Action Units*, sistema de codificação das ações faciais de Ekman & Friesen (1978) (REILLY, 2006).

As conclusões da autora apontam que, depois do estágio de um sinal, assim como ocorre com a negação facial e manual, as crianças adquirem os predicados manuais independente dos elementos não-manuais. O mesmo pode ser observado em nossas análises, quando Léo inicialmente (por volta de 1;07, 1;08) sinaliza FOGO apenas com a elevação das sobrancelhas (portanto, sem a realização dos não-manuais adverbiais) e mais tarde (com 1;10, conforme explicitado nas Figs. 30 e 31) ele associa o sinal de FOGO às marcas adverbiais expressas na face.

Diante disso, entendemos que os pequenos seguem padrões semelhantes de aquisição da morfologia dos não-manuais (adverbiais faciais e negação). Adquirem essas marcas independentemente dos predicados manuais que estes modificam. Isso parece bastante interessante, uma vez que os mesmos comportamentos da face podem estar associados a diferentes predicados.

Também observamos o mesmo na aquisição dos interrogativos, como pode ser verificado nas seguintes sequências de transcrição (Figs. 35 e 36), que compreendem apenas um enunciado da criança com 1;11. Léo realiza o sinal manual e a expressão interrogativa inicia e se espalha sobre a sentença toda. Ao sinalizar QUAL, o menino usa apenas os não-manuais elevação das sobrancelhas e o movimento de cabeça para cima (fig. 36).

N.	Evento	Tempo Inicial	Tempo Final	Duração
1	MAMAE	00:26:11.594	00:26:12.248	00:00:00.744
2	MIMM	00:26:12.248	00:26:12.892	00:00:00.618
3	(câmera)	00:26:12.892	00:26:13.536	00:00:01.118
4	VER	00:34:42.590	00:34:44.887	00:00:01.497
5	(desespero)	00:34:44.887	00:34:48.584	00:00:01.497
6	DOESITE	00:34:45.584	00:34:47.981	00:00:01.497
7	MIMM	00:34:47.981	00:34:48.584	00:00:01.499

Fig.35: Sinal manual associado à elevação das sobrancelhas: MAMAE.

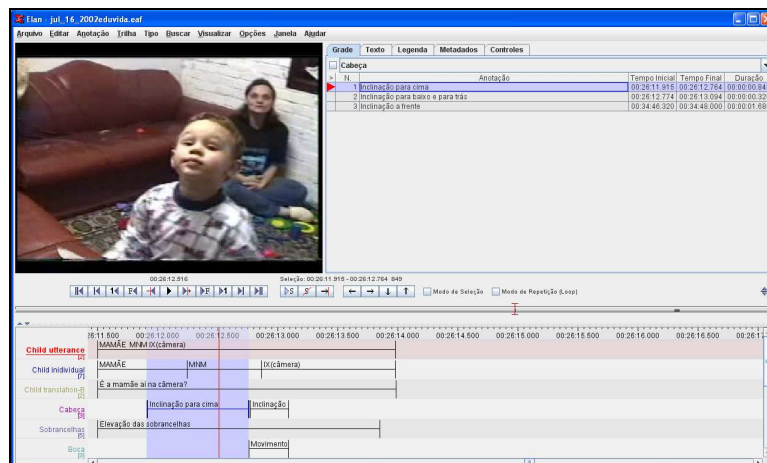


Fig. 36: Não-manual interrogativo: QUAL (Onde? Cadê?).

Em seguida, no mesmo enunciado, ele produz as marcas de sentença interrogativa sim-não através do abaixamento da cabeça, que aparece associado à elevação das sobrancelhas e ao sinal manual de apontação.

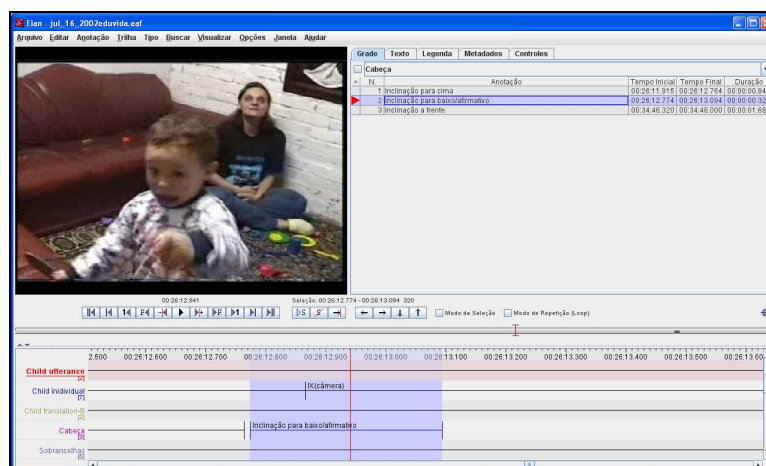


Fig. 37: Não-manual interrogativo associado ao sinal manual de apontação: IX(câmera) (Está aí na câmera?).

No enunciado a seguir, o menino com 1;11 realiza o sinal manual QUAL e na seqüência as marcas não-manuais de elevação da cabeça e dos ombros que se associam à elevação das sobrancelhas e à configuração dos lábios ao perguntar à mãe onde está o papai.

(92) MÃE IX(cinegrafista) PAI QUAL IX(lá) # g(sim)⁷⁸

⁷⁸ Tradução possível: *A mãe está ali (na câmera) e o papai, cadê? (pausa) Sim.*

As transcrições na seqüência evidenciam cada elemento não-manual realizado. É possível perceber as co-ocorrências dos sinais faciais realizados pelo Léo na interação com o interlocutor, sua mãe.

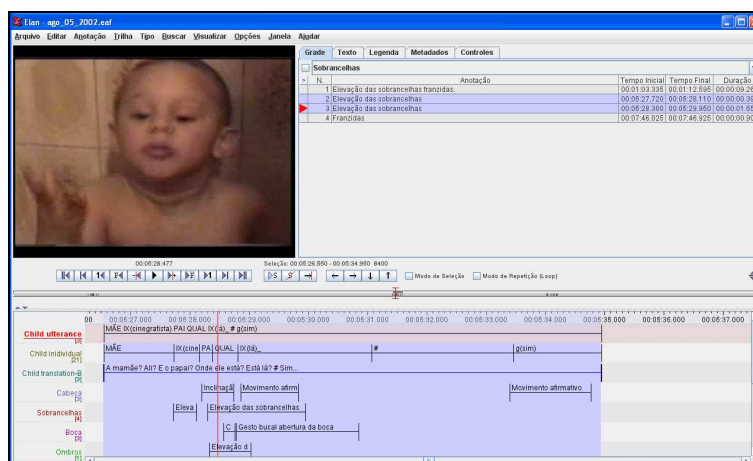


Fig. 38: Elevação da cabeça e das sobrancelhas associadas ao sinal manual interrogativo.

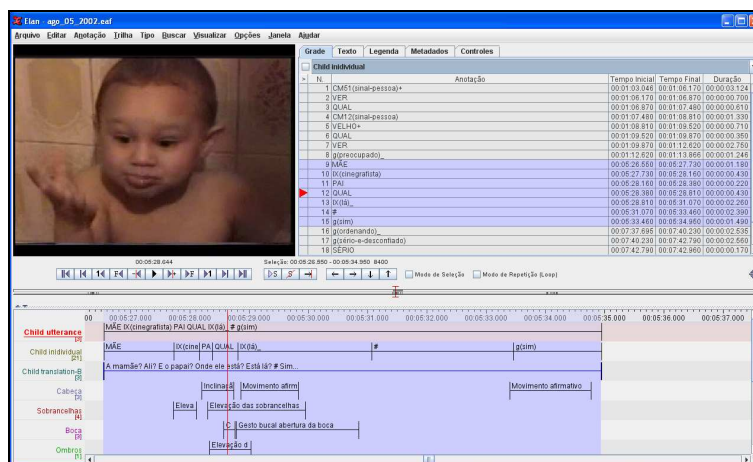


Fig. 39: Gesto da boca que acompanha o final da sinalização manual interrogativa.

A transcrição acima (Fig. 39) mostra que o menino expressa um gesto da boca e também realiza o movimento das sobrancelhas e dos ombros associados ao sinal manual interrogativo. Interessante observar que inicialmente essas ocorrências apareciam isoladas ou sofriam variações quando realizadas durante a sinalização manual.

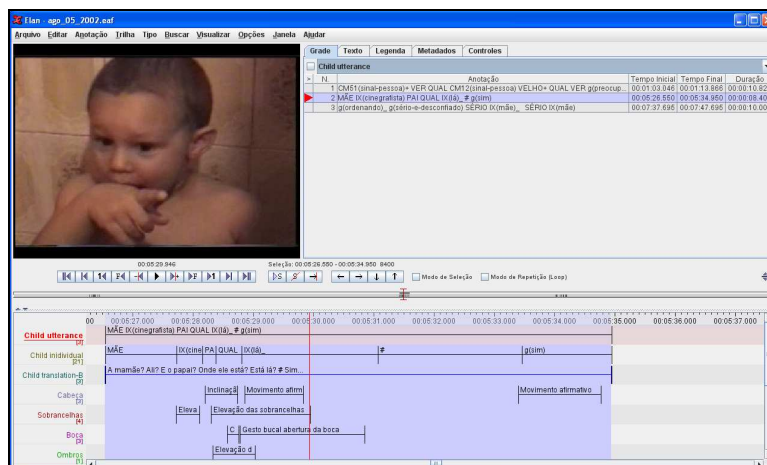


Fig. 40: Interrogativa sim-não associada à apontação, ao direcionamento do olhar e ao movimento de cabeça afirmativo.

Nessa fase (com quase 2;0), observamos que as estruturas dos enunciados da criança já estão mais complexas. A identificação dos não-manuais e a distinção entre o que é linguístico ou não também são um tanto mais complicadas e as análises começam a tomar outros rumos.

Como o menino já adquiriu parte dos não-manuais, ele passa a utilizá-los de maneira mais adequada, sobretudo no nível discursivo, em que identificamos situações em que precisa, por exemplo, convencer o seu interlocutor de algo. No enunciado seguinte, Léo quer convencer sua mãe de lhe dar o bico. O menino pede o bico, ele o quer só um pouquinho, apenas por alguns instantes. É possível identificar na Fig. 41 que ele franze as sobrancelhas ao sinalizar manualmente VER.

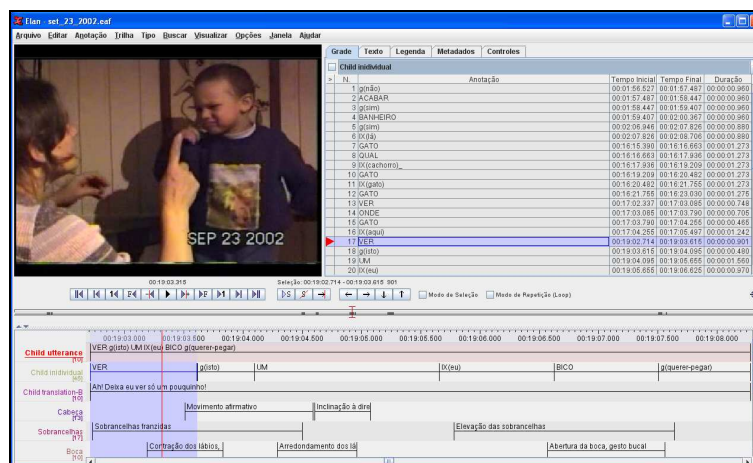


Fig. 41: Sobreposição das expressões faciais: Linguísticas e não-linguísticas.

É possível identificar a sobreposição dos gestos faciais não-linguísticos e linguísticos na sinalização da criança que é quase a reprodução de uma cena. O menino recorre às expressões afetivas e às marcações entoacionais para persuadir o adulto. Não podemos afirmar, pelo menos até aqui, qual das marcas não-manuais predomina sobre a estruturação do enunciado, uma vez que os recursos utilizados não permitiram focalizar apenas as expressões e os movimentos da face da criança.

Ao avançarmos a linha do tempo do enunciado, podemos perceber a realização do sinal manual UM associado às expressões modificadoras. Léó quer o bico “só um pouquinho, só um minutinho”; realiza uma leve inclinação da cabeça, arredondamento dos lábios e enrugamento das sobrancelhas.

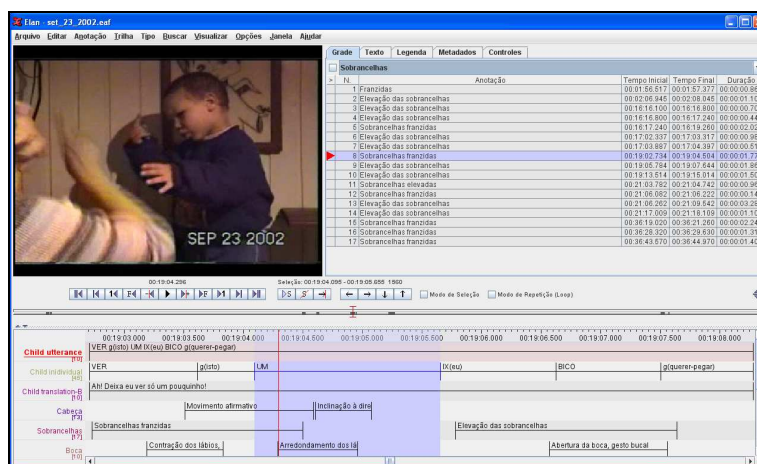


Fig. 42: Expressões modificadoras: Discurso persuasivo.

Na seqüência, ao pedir para que alguém lhe ajude a sair de cima do móvel (Léo está sobre um balcão), ele diz que vai chorar porque ninguém quer tirá-lo daquele local. Identificamos que o menino já manipula as expressões, sabe associar ao choro as configurações coerentes ao significado do sinal de maneira surpreendente. Ele realiza um abaixamento da cabeça e franze a testa e as sobrancelhas. Léó alterna as expressões da face dentro do discurso e é capaz de recrutar as expressões afetivas e associá-las às construções na sua língua, o que evidencia a multifuncionalidade dessas expressões faciais dentro do sistema linguístico das línguas de sinais.

Grade	Texto	Legenda	Controles
Child utterance			
1	[põ] (s) ACABAR (g) (sm) BANHEIRO	Anotação	Tempo Inicial Tempo Final Duração
2	[põ] (sm) (s) (a)		00:01:36.627 00:02:00.387 00:00:33.840
3	GATO QUAL (s) (crachom) GATO (s) (gato) GATO		00:02:38.946 00:02:09.708 00:00:01.760
4	VER ONDE GATO		00:16:18.990 00:16:23.690 00:00:07.840
5	VER (g) (s) UM (s) (s) BICO (s) (querer-pegar)		00:17:32.237 00:17:05.497 00:00:03.160
6	OU ESPERAR (s) (s) (s) (s)		00:19:02.714 00:19:09.280 00:00:05.656
7	BICO QUAL (s) (s) BICO		00:19:13.264 00:19:15.600 00:00:02.546
8	VER (g) (s) BICO (s) (s) ACABAR BICO		00:21:35.732 00:21:08.822 00:00:05.180
9	VIR UM CHORAR (s) (s) (s) (s)		00:21:18.652 00:21:22.842 00:00:08.290
10	CHORAR VIR UM		00:36:17.968 00:36:31.698 00:00:13.120
			00:36:42.838 00:36:47.838 00:00:04.800

Fig. 43: Alternância das expressões: “Vem aqui, só um pouquinho senão eu vou chorar.”

Próximo aos 2;02, identificamos uma produção linguística em que a criança realiza o sinal manual de BALA e o *mouth gesture* correspondente ao item lexical (Fig. 44). Nesse enunciado ela varia entre a apontação e a direção do olhar para o pote onde deveriam estar as balinhas. Aqui vale ressaltar a complexidade do gesto bucal realizado pelo menino, uma vez que, além de ter que sinalizar manualmente, ele precisa associar o comportamento não-manual ao sinal de BALA. Nesse caso, o gesto bucal não tem função adverbial, ele é parte do sinal e não tem relação com a língua oral.

Grade	Texto	Legenda	Controles
Boca			
1	Gesto bucal para o sinal de bala	Anotação	Tempo Inicial Tempo Final Duração
2	Gesto bucal que acompanha o sinal de bala		00:27:29.000 00:27:30.800 00:00:01.800

Fig. 44: *Mouth gesture* como elemento de composição do sinal manual: BALA.

Na transcrição subsequente, por volta dos 2;02, a criança realiza um emblema identificado no Brasil como POSITIVO ou CERTO. Identificamos, portanto, que, além de realizar o movimento afirmativo da cabeça, em resposta ao questionamento sim-não

do adulto, o menino também expressa manualmente o gesto emblemático como parte do enunciado. Os demais comportamentos da face se referem aos elementos afetivos, uma vez que Léo expressa um sorriso quando diz à mãe que vai pegar a tampa, convidando-a para ir com ele.

A sentença se organiza da seguinte forma:

_____mc

(93) AZEITE # AZEITE IX(prato) TAMP A PEGAR TAMP A POSITIVO VIR⁷⁹

Na transcrição podemos verificar a realização do sinal afirmativo, identificado como “mc”, o qual inicia um pouco antes da sinalização do emblema. Podemos entender que o gesto emblemático aqui aparece como complemento, com função enfática discursiva, uma vez que somente o movimento de cabeça, como elemento não-manual linguístico, denota concordância, afirmação. Vale destacar que também nas sentenças declarativas o mesmo movimento da cabeça, pode aparecer, mas com função diferente da identificada no enunciado abaixo.

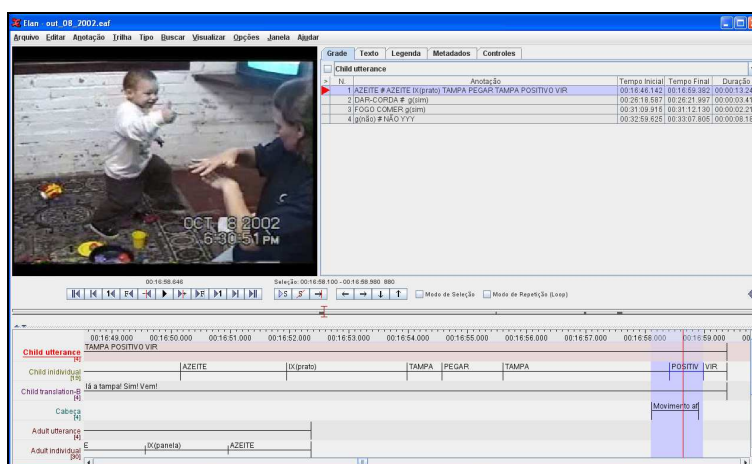


Fig. 45: Uso do emblema manual associado ao “mc” afirmativo.

Nos últimos dados selecionados ainda verificamos a realização dos não-manuais já mencionados entre outros comportamentos da face do menino. No enunciado a seguir, Léo expressa de maneira intensificada o sinal FILMAR acompanhado das

⁷⁹ Tradução possível: *Azeite (pausa). Azeite aqui (apontando para o prato). Vou lá pegar a tampa, certo? Vamos!*

marcações de elevação das sobrancelhas e do gesto da boca (abertura em “a”). Isso revela aspectos prosódicos da língua, os quais sobressaem nos movimentos exagerados, porém, não menos aceitáveis, dos sinais manuais e não manuais.

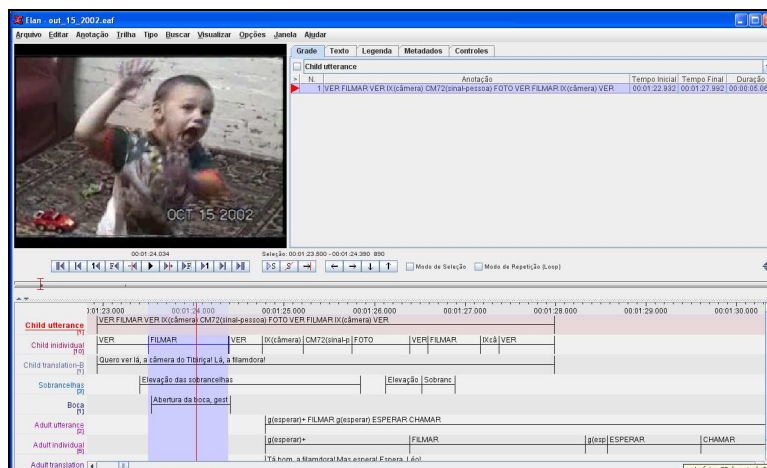


Fig. 46: Marcadores não-manuais prosódicos.

As análises apresentadas pretenderam iniciar um estudo acerca dos não-manuais no processo de aquisição da linguagem da criança surda. Porém, torna-se necessário aprofundar e dar continuidade às pesquisas sobre o tema a fim de identificar semelhanças entre as LSB e a ASL, no que se refere aos não-manuais. Sugerimos observar os padrões dessas marcações também em outras línguas de mesma modalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos no início, nossa finalidade em realizar esta pesquisa envolveu o interesse em descrever e analisar os não-manuais na aquisição da LSB através de um estudo de caso longitudinal, o qual possibilitou a coleta dos dados de gravações em vídeo das interações linguísticas da criança.

Optamos por organizar os capítulos iniciais com o intuito de informar acerca das línguas de sinais e suas peculiaridades. Para isso delineamos aspectos da sua gramática e dos períodos de aquisição da linguagem com o objetivo de afirmarmos a teoria sobre a qual conduzimos nossas reflexões.

Apresentamos a teoria da Gramática Universal – GU – em que a faculdade da linguagem constituída de princípios e de parâmetros é a responsável pela aquisição. Com base nela, temos que a criança adquire uma ou mais línguas, sistemas bastante complexos, em um período curto de tempo, com rapidez, facilidade e uniformidade, ainda que o ambiente lhe apresente informações consideradas deficientes. Por isso ela é capaz de produzir sentenças às quais nunca antes foi exposta no seu *input* linguístico.

Todavia as concepções acerca da GU têm-se modificado com o desenvolvimento da própria teoria. Mesmo assim, os gerativistas permanecem em concordância ao assumirem que há elementos relacionados à linguagem que são muito complexos e abstratos, de modo que considerar o *input* no processo de aquisição da linguagem não parece suficiente.

A Teoria de Princípios e Parâmetros surge então com a proposta de que a construção da gramática pela criança depende de princípios inatos universais e dos dados que ela vai obter através de suas experiências linguísticas, o que lhe proporcionará escolher valores (<+> ou <->) para cada parâmetro durante o processo. Ao final ela terá fixado os parâmetros específicos com o desenvolvimento e a maturação da Gramática Universal e do *input* da comunidade na qual está inserida.

Sobre isso, e de acordo com as pesquisas mencionadas acerca da aquisição das línguas de sinais, é possível afirmar que, surdas ou ouvintes, as crianças passam por períodos análogos e que muitos fenômenos podem ser comparados e identificados como similares independentemente da modalidade na qual as línguas se apresentam.

Conforme as descrições e análises desenvolvidas, a criança se encontra em fase de aquisição do léxico e de regras da sua língua. Ou seja, ela está adquirindo a língua de sinais enquanto a GU passa por transformações.

Ao verificarmos as ocorrências dos enunciados da criança nos dados analisados, pudemos verificar que ela realiza os marcadores não-manuais com função gramatical. Porém, ainda que os aplique a algumas construções de maneira adequada, em outras ela os utiliza de maneira irregular. Além disso, também foi possível verificar situações de variação e indeterminação dos não-manuais a serem utilizados.

Léo manifestou em todos os níveis apresentados (fonologia, morfologia, sintaxe e do discurso) marcas não-manuais, conforme descrevemos no último capítulo. Dentre as manifestações não-manuais, identificamos as entoacionais como um dos principais elementos adquiridos e utilizados por ele, o que pode ser observado nos comportamentos das sobrancelhas que normalmente apareceram associados a um sinal manual e ao direcionamento do olhar. Conforme análises de Reilly (1990) sobre a ASL, as marcações das sentenças condicionais permanecem ausentes até um pouco mais do que três anos de idade. Também nas produções do Léo (em LSB) não identificamos sentenças nessa estrutura, tampouco as expressões não-manuais referentes a ela. Já sobre as construções interrogativas, identificamos produções adequadas quanto ao uso dos não-manuais associados aos sinais manuais, sobretudo nas interrogativas sim-não.

Nas produções dos enunciados negativos o menino realiza o movimento de cabeça gestual espontâneo como elemento da língua, intercalando-o com a sinalização manual. Em seguida, ele passa a associá-lo às marcas não-manuais expressas pelo enrugamento das sobrancelhas. Confirmando, assim, a hipótese de Reilly (2006) de que a criança adquire os sinais manuais e em seguida os faciais para essas construções gramaticais (tanto na ASL como na LSB).

Constatamos que algumas das expressões afetivas podem ser recrutadas pela criança nas suas produções lingüísticas (como se fosse uma transferência), porém, no caso das adverbiais isso não acontece, uma vez que são manifestações determinadas pela realização de certos itens lexicais ou predicados que se modulam pelo aspecto. Léo realizou poucas marcações não-manuais adverbiais, porém, nas produções em que ele manifesta intensidade modificando o item lexical FOGO, por exemplo, foi possível concluir que as utiliza de maneira adequada.

Foi possível notar, ainda, que a criança desenvolveu um processo de aquisição em que foi adquirindo os princípios disponíveis de modo que os padrões fixados por ela

na realização dos não-manuais puderam indicar a existência de categorias funcionais a eles associados. Sugerimos que isso seja verificado melhor em pesquisa futuras, pois não dispusemos de tempo para analisar profundamente essa questão.

Trouxemos como norte de nossa pesquisa um tema extremamente recente, sobre o qual ainda não há muitos trabalhos, sobretudo em aquisição da linguagem. Além disso, trabalhamos com um sistema de transcrição bastante complexo utilizado por poucos pesquisadores, ainda que seja atualmente o mais adequado às pesquisas sobre línguas de sinais. Sugerimos aprofundar esse estudo tomando como ponto de partida o que registramos até aqui, incluindo também análises de outros períodos de aquisição da linguagem pela criança surda.

REFERÊNCIAS

- AL-FITYANI, K. & PADDEN, C. A lexical comparison of sign languages in the Arab world. In: *Electronic Proceedings of the 9th Conference of Theoretical Issues in Sign Language Research*. Florianópolis, Brazil, 2008.
- ARONOFF, M.; MEIR, I.; PADDEN, C. & SANDLER, W. Classifier Complexes and Morphology in Two Sign Languages. In: EMMOREY, K. *Perspectives on Classifiers in Signed Languages*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Assoc., 2003.
- ARROTEIA, J. *O papel da marcação não-manual nas sentenças negativas em Língua de Sinais Brasileira (LSB)*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2005.
- BAHAN, B. *Non manual realization of agreement in American Sign Language*. Boston, MA: Ph.D. Dissertation, Boston University, 1996.
- BRASIL, LEGISLAÇÃO DE LIBRAS. *Língua Brasileira de Sinais*. Disponível em: <http://www.libras.org.br/leilibras.htm>. Acesso em: 23 mai. 2008.
- CARNEIRO, C. *Lateralidade, percepção e cognição*. Disponível em: <http://www.cerebromente.org.br/n15/mente/lateralidade.html>. Acesso em: 6 ago. 2009.
- CARONE, F.de B. *Morfossintaxe*. 5ª ed. Série Fundamentos. São Paulo: Ática, 1995.
- CHEN, D. *Evidence for early word order acquisition in a variable word order language*. University of Connecticut and Haskins Laboratories. BUCLD 25 Proceedings, ed. Anna H.J. Do et al., 145-156 Somerville, MA: Cascadilla Press, 2001. Disponível em: <http://www.haskins.yale.edu/publications/pub-c.html>. Acesso em: 4 abr. 2008.
- CHOMSKY, N. *O conhecimento da língua, sua natureza, origem e uso*. (1986) Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves, Ed. Caminho. Data da impressão: Março de 1994.
- _____. *Language and problems of knowledge*. The Managua Lectures. Cambridge: The MIT Press, 1988.
- _____. *New Horizons in the Study of Language and Mind*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- COELHO, I. L.; MARTINS, M.A.; LIZ, L.L. de; SELL, F.S.F. *Sintaxe*. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009.

- CONLIN, K. E. et al. Acquisition of first signs: place, handshape and movement. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. *Language Acquisition by Eye*. Universitat de Barcelona, 1999.
- CORREA, R. C. *A complementaridade entre língua e gestos nas narrativas de sujeitos surdos*. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado, 2007.
- CRAIN, S. & LILLO-MARTIN, D. *An introduction to Linguistic Theory and Language Acquisition*. Blackwell Textbooks in Linguistics, 1999.
- DACHKOVSKY, S. & SANDLER, W. *Visual Intonation in the Prosody of a Sign Language*. University of Haifa, 2007.
- EMMOREY, K.; BELLUGI, U. & KLIMA, E. *Organização neural da Língua de Sinais*. In: *Língua de Sinais e Educação do Surdo*. Editores: Maria Cecília Moura, Ana Cláudia B. Lodi, Maria Cristina da C. Pereira. São Paulo: Tec. Art., v.3 (série de psicologia), 1993.
- EMMOREY, K. Do Signers Gesture? In: MESSING, L; CAMPBELL, R. *Gesture, speech and sign*. Oxford University Press, 1999.
- EUDICO LINGUISTIC ANNOTATOR – ELAN – *Manual lingüístico da versão 2.4*. Traduzido de (<http://www.let.kun.nl/sign-lang/echo/>). (versão impressa não publicada)
- FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989.
- FELIPE, T.A. *O processo de formação de palavras na LIBRAS*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.7, n.2, p.199-216, 2006.
- FERREIRA-BRITO, L. *Por uma gramática das línguas de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- GROLLA, E. *Aquisição da linguagem*. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distância (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009.
- KARNOPP, L. B. *Aquisição Fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda*. Porto Alegre: Tese de Doutorado, PUCRS, 1999.
- KATO, M. *Sintaxe e aquisição na Teoria de Princípios e Parâmetros*. Porto Alegre: Letras de Hoje. V. 30, nº 4, 1995.
- KNAPP, M. L. & HALL, J. A. *Comunicação não-verbal na interação humana* (M. A. L. Barros, Trad.). São Paulo: JSN Editora. (Original publicado em 1972), 1999.

- LEITE, T. A. *A segmentação da língua de sinais brasileira (libras): Um estudo lingüístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos*. Tese de Doutorado, São Paulo: USP, 2008.
- LILLO-MARTIN, D. & BERK, S. *Acquisition of constituent order under delayed language exposure*. BUCLD27 Proceedings, ed, Barbara Beachley et al., 484-495, Somerville. MA: Cascadilla Press, 2003. Disponível em: <http://www.haskins.yale.edu/publications/pub-l.html>. Acesso em: 4 abr. 2008.
- LILLO-MARTIN, D. Where are all the modality effects?. In: MEIER, R. P.; CORNIER, K. A; QUINTO, D. G. (eds). *Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- LILLO-MARTIN, D. & PICHLER, D. C. Acquisition of Syntax in Signed Languages. In B. Schick, M Marschark, and P Spencer (Eds.) *Advances in the Development of Sign Language by Deaf Children* , Oxford University Press. pp.231-261, 2006.
- LILLO-MARTIN, D. & QUADROS, R. M de. Structure and acquisition of focus constructions in ASL and LSB. Paper presented at TISLR 8, Universita de Barcelona, 2004.
- LILLO-MARTIN, D. Sign Language Acquisition Studies: Past, Present and Future.. In: QUADROS, R. M de. *TISLR9, forty five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference*. Florianopolis, Brazil, December 2006Petrópolis/RJ: Editora Arara Azul. Brazil, 2008.
- LILLO-MARTIN, D. & QUADROS, R. M.de. *Two in One: Evidence for Imperatives as the Analogue to Ris from ASL and LSB*. BUCLD, 2008.
- LILLO-MARTIN, D., QUADROS, R. M de. & PICHLER, D. C. Projeto Bimodal, Bilingue Bi-nacional – BiBiBi – Barsil e Estados Unidos, 2009. (não publicado).
- MASATAKA, N. The role of Modality and Input in the Earliest Stage of Language Acquisition: Studies of Japanese Sign Language. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. *Language Acquisition by Eye*. Universitat de Barcelona, 1999.
- MCCLEARY,L. VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.) *Bilingüismo e surdez. Questões lingüísticas e educacionais*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007.

MEIER, R. P., & HOLZRICHTER, A. S. Child-Direct Signing in American Sign Language. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. I. *Language Acquisition by Eye*. Universitat de Barcelona, 1999.

MIOTO, C. ;SILVA, M. C.;LOPES, R .E. V. *Manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular., 2000.

MORGAN, G. *Transcription of child sign language: A focus on narrative*. Journal of Sign Language and Linguistics, 8:1. John Benjamins Publishing Company, 119-130, 2005.

PFAU, R. & J. QUER. Nonmanuals: their grammatical and prosodic roles. In *Cambridge Language Surveys: Sign Languages*, ed. D. Brentari. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. (to appear.).

PICHLER, D. C. *Word order variation and acquisition in American Sign Language*. PhD dissertation, University of Connecticut, 2001.

PIZZIO, A. L. *A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da língua de sinais brasileira: construções com tópico e foco*. Florianópolis: UFSC. Dissertação de Mestrado, 2006.

QUADROS, R. M. de. *Aspectos da aquisição da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 110, 1997a.

_____. *Educação de surdos: Aquisição da linguagem*. Artes Médicas: Porto Alegre, 1997b.

_____. *Phrase structure of brazilian sign language*. Porto Alegre: PUCRS, Tese de Doutorado, 1999.

QUADROS, R. M & FINGER, I. *Teorias de aquisição de linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008

QUADROS, R. M. de; PIZZIO, A. L. *Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos 'corpora'*. In: Heloisa Salles. (Org.). *Bilingüismo dos surdos: questões lingüísticas e educacionais*. 1 ed. Goiânia: Cãnone, 2007.

QUADROS, R.M.de; PIZZIO, A. & REZENDE, P.L.F. *Língua Brasileira de Sinais I*. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distancia. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009a.

QUADROS, R.M.de; PIZZIO, A. & REZENDE, P.L.F. *Língua Brasileira de Sinais II*. Material didático do curso de Letras LIBRAS a distancia. (Revisado), Florianópolis: UFSC, 2009b.

- QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto alegre: Artmed, 2004.
- RAPOSO, E. *Teoria da Gramática: A faculdade da linguagem*. Lisboa: Ed. Caminho, 1992.
- RECTOR, M. & TRINTA, A. R. *Comunicação do corpo*. Ática, 1990.
- REILLY, J.; M. MCINTIRE; U. BELLUGI. *FACES: The relationship between language and affect*. In: V. VOLTERRA & C. ERTING (Eds.): *From Gesture to Language in Hearing and Deaf Children* . Springer-Verlag, 1990.
- REILLY, J. How faces come to serve grammar: the development of non-manual morphology in ASL. In B. Schick, M Marschark, and P Spencer (Eds.) *Advances in the Development of Sign Language by Deaf Children* , Oxford University Press. pp.262-290, 2006.
- RODRIGUES, N. Organização neural da linguagem. In: Moura, M.C.; LODI, A.C.B. e PEREIRA, M.C.C. (Orgs.). *Língua de sinais e educação do surdo*. São Paulo: Tec Art, 1993.
- RATHMANN, C. G. *Event Structure in American Sign Language*. Dissertation: The University of Texas at Austin, 2005.
- ROSA, I. C. B, et. al. *A semiótica como instrumento para análise de textos verbais e não-verbais*. Trabalho monográfico. PUC/PR, 2002.
- SANDLER, W. Sign Language Phonology. The University of Haifa. In: *The Oxford International Encyclopedia of Linguistics*. William Frawley, Ed., 2000.
- SCLIAR-CABRAL, L. *Introdução à lingüística*. Porto Alegre: Globo, 1975.
- XAVIER, A. N. *Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)*. Dissertação de Mestrado: USP, 2006.